



Amores Irresistíveis - Livro 3

Entre Um Conde e Suas Paredes

Aline Rubert







Um Conde Entre Paredes



Aline Rubert

Copyright © Aline Rubert, 2019

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento, cópia e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra — física ou eletrônica — sem autorização prévia da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº.9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, nomes, lugares e acontecimentos aqui descritos são produtos da imaginação da autora, toda e qualquer semelhança com eventos reais são mera coincidência.

Revisão: Barbara Pinheiro

Capa: Aline Rubert

Diagramação: Aline Rubert

2019

1ª Edição

UM CONDE ENTRE PAREDES

Série Amores Irresistíveis – Livro 3

© Todos os direitos reservados a Aline Rubert

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

EPÍLOGO



Prólogo

York, 1810

Aos cinco anos de idade, Nicole Bourbon não parava quieta. Correndo por todo lado, enchendo a paciência de todos que podia e fazendo todas as perguntas que podia imaginar. Era uma criança bem esperta, não havia como negar. E feliz, extremamente feliz.

— Filha! — Lady Valbury, Ailee, gritou. — Vamos, Nicole, nossos novos vizinhos irão chegar a qualquer momento, você precisa estar apresentável. — Ela balançou a cabeça, tentando fazer a menina parar quieta para pentear seus cabelos. — Sabia que eles têm um filho quase da sua idade? Vocês podem ser amigos.

A família do Conde de Sandsore havia recentemente comprado a propriedade ao lado de Valbury e se mudado há algumas semanas. Dois dias antes, lady Valbury havia mandado um convite para que fossem os visitar, afinal, estavam há muito tempo sem vizinhos, e era um conde assim como seu marido.

— Um amigo? — Os olhinhos de Nicole brilharam, e ela ficou paradinha como a mãe mandou, deixando que a arrumasse. Sempre quis um amigo, odiava ser filha única. Os pais viviam prometendo que lhe dariam um irmão e até agora nada.

— Sim, espero que sim. Ele é apenas um pouco mais velho, mas não sei seu nome. Você terá que fazer sua coisa favorita, perguntar. — A mãe riu, abraçando a filha e a beijando no rosto. — Pronta. Vamos?

Nicole pegou a mão da mãe e andaram até a entrada da casa, a pequena estava tentando não pular de animação, enquanto ouvia a carruagem se aproximar, e então as portas se abriram e eles entraram. Um homem alto, com olhos azuis e cabelo preto. Uma mulher com traços nobres e cabelos castanhos, e um menino ao lado deles. Era mais alto que ela alguns centímetros, o cabelo era preto como a noite e os olhos azuis como o céu. Ela sorriu, acenando.

— Lorde Sandsore, milady, é um prazer conhece...

— Oi, meu nome é Nicole — ela interrompeu a apresentação da mãe, ouvindo o pai rir atrás dela. Andou até o menino, com um sorrisinho mais confiante que uma menina de cinco anos poderia ter e estendeu a mão para ele, como o pai fazia com os conhecidos. — Qual seu nome?

— Simon. — O garoto apertou a mão dela e sorriu, a observando. — Você é muito pequena para ser uma Nicole. Vou te chamar de Nicky.

— Mas meu nome não é Nicky. — Ela fez um bico, puxando a mão e cruzando os braços. — E você nem é tão grande.

— Eu tenho nove anos, sou um homenzinho. — Ele sorriu, rindo dela.

— Bem, vamos deixar as crianças brincarem, que tal? — Lady Ailee chamou uma criada e pediu que os levasse para brincarem lá fora, aproveitarem o sol do verão. Nicole saiu andando, emburrada, ouvindo o menino rir e correr atrás dela.

— Ficou com raiva, Nicky? — ele provocou, e ela fechou a cara mais ainda. Que menino chato. — Meu nome é Nicole! — Ela estava ficando com raiva. E se tinha uma coisa em que Nicole era péssima, era controlar seu temperamento.

— E seu apelido é Nicky. — Ele riu, vendo-a avançar na direção dele com os punhos fechados e dar *soquinhos* em seu peito, com uma expressão brava. — Isso nem dói... — Ele riu, segurando os pulsos dela.

— Você é chato! — Ela fechou a cara, ficando emburrada e querendo chorar. — Mamãe disse que você ia ser meu amigo, e não um chato!

— Amigos não batem em amigos. — Ele deu uma risadinha e a soltou, arregalando os olhos quando ela começou a chorar. — Ei, não, não chora, chorar não... — Simon morria de medo de meninas chorando. — Eu vou ser seu amigo, *tá bem*? Mas não chora.

— Promete que vai me chamar de Nicole?

— Não. — Ele deu uma risadinha. — Se eu sou seu amigo, posso te chamar por um apelido.

— Amigos fazem isso? Nunca tive amigos. — Ela olhou para ele, desconfiada demais para alguém da idade que tinha.

— Fazem.

— Então, tudo bem. Eu acho.

Eles sorriram e foi dessa forma estranha que Nicole e Simon se conheceram, fora dos padrões e com um pouco da loucura que os acompanharia a vida toda.



York, 1820

Ela agora tinha quinze anos e ele dezoito, faria dezenove em agosto. Fazia dois anos que eles não se viam pessoalmente, sempre que ele voltava de Eton, ela estava em outra propriedade da família, então, seu único contato era por cartas. Ela odiava isso, mal sabia quem era sem ter Simon por perto.

Claro que, tão logo, ele seria o conde e ela não poderia mais chamá-lo de Simon na frente dos outros, mas ele era o seu Simon, agora e sempre. Cresceram

juntos, aprenderam juntos, ele ensinou piadas indecentes para ela... Ele era a outra metade dela, em todos os sentidos possíveis. Bem, menos em um, mas nenhum dos dois parecia se incomodar com isso.

Ele chegaria de vez, não queria cursar nenhuma universidade, então estaria o tempo todo em casa novamente, aprendendo a ser conde com o pai. Mas, antes de tudo, ele viria visitá-la, havia avisado na última carta. E quando Nicole viu os cabelos pretos surgirem na entrada da casa, enquanto ele descia do cavalo, ela não se importou que estivesse usando apenas um vestido fino e branco e não pensou duas vezes antes de correr e se jogar nos braços dele.

— Simon! — ela gritou, enquanto corria. Ele correu também, sem se importar com o que aquilo pareceria e a ergueu nos braços, rindo. O Simon que ele era com Nicole era diferente do Simon que ele era com os outros, com Nicole ele não precisava fingir, nem se comportar. Podia ser impulsivo... Bem, mais impulsivo que o normal.

— Imagino que tenha sentido minha falta? — Ele riu, a abraçando mais forte. O cheiro dela havia mudado de infantil para... mais. Mais mulher, mais adulta, mais... Nicole. O cabelo estava maior, quem sabe até mais loiro, e os olhos mais azuis do que nunca. O rosto coberto por sardas de várias tonalidades. Ela havia criado curvas, os seios haviam crescido, não era mais a menininha de que ele se lembrava. Nicole estava se tornando uma mulher extraordinária.

— É claro que senti. — Ela sorriu, se afastando dele e o observando. Simon havia mudado nesses dois anos, o cabelo estava maior e mais bagunçado, havia uma barba rala no queixo, provavelmente da viagem, e ele estava mais forte. Ela deu uma risada ao perceber um detalhe. — Somos da mesma altura agora.

— Acho que não posso mais te chamar de Nicky. — Ele riu e ela balançou a cabeça, rindo. — Mas continuo mais alto.

— Não continua, não... — Ela deu um passo à frente. — Sou um centímetro mais alta, tenho certeza. — Ela deu um sorrisinho.

— Pobre garota tola, com mania de grandeza... Eu sou mais alto, Nicole. — Ele deu um passo na direção dela, ficando quase colados, ombro a ombro. — Viu só?

— Vi... Sou realmente mais alta. — Ela riu, dando um empurrãozinho nele. — Creio que vá precisar de saltos agora, se ainda quiser me chamar de Nicky.

— Dez anos e ainda não entendeu... Você será Nicky mesmo se tiver três metros de altura. — Ele riu, balançando a cabeça.

— E posso saber por quê? Até onde fui informada, o apelido era por ser mais baixa.

— Mais baixa, mais nova... e por ser minha. Sou o único que te chama de

Nicky, não sou?

— Sim, mas...

— Mas nada. É meu... apelido particular. — Ele deu um sorrisinho de lado, que ela não conhecia ainda. Sua mente teve uma pequena explosão ao perceber que o achava bonito agora... bem, mais que bonito. O achou atraente. Ela mordeu o lábio inferior, a mente dando voltas. — No que está pensando?

— Nada...

— Você não me engana, Nicky. Está pensando em algo.

— Apenas em como provar que sou mais alta. — Ela sorriu, piscando um olho. Sim, conversavam sobre tudo, mas não precisava contar isso. Mal sabia ela que ele estava pensando a mesma coisa.

Caminharam até as escadarias da casa dela, conversando.

— Aprendi uma piada nova — ele comentou, chamando a atenção dela. — Um escocês me contou, e você deveria ouvir com o sotaque... — Ele riu.

— E que tal você me contar, sem sotaque mesmo?

— Tem certeza? Essa é pesada. — Ele riu. — Se bem que se você sabe a da colmeia, o burro e o anão no bordel... — Ele deu de ombros. — A velha avó Mary está se preparando para dormir, quando se vira para o marido e pergunta: “Quando me viu nua a primeira vez, o que você pensou?” — Só a voz fininha que ele fez quando imitou a avó já fez Nicole cair na gargalhada. — E o marido responde: “Que eu iria te foder até seus seios caírem e você estar acabada”. — A palavra extremamente imprópria fez Nicole dar um gritinho, adorando aquilo. — “E o que você pensa agora?” O marido olhou bem para mulher, deu um meio sorriso e disse “Que eu fiz um bom trabalho”. — Ele imitou um sotaque escocês e caiu na risada.

— “Fiz um bom trabalho” — ela repetiu, rindo. — Simon, você é péssimo.

— Você que quis ouvir. — Ele riu, enquanto se sentavam nos degraus da entrada da casa. — Senti falta da sua risada. Não tinha percebido antes.

— Desse barulho de águia grasnando, sério? — Ela sorriu, balançando a cabeça. — Também senti saudade. Mas valeu a pena a demora, tive o prazer de descobrir que sou mais alta.

— Você não é mais alta. — Sou sim. — Ela teimou, se inclinando na direção dele. Não estava entendendo o magnetismo que a puxava para ele. — E pare de ser chato.

— Chato... há séculos não me chamava assim. Acho que me acostumei mais com “traste” e “insuportável” — Ele riu. — E você não é mais alta, desista.

— Sou sim, você que não quer admitir. — Ela se levantou, ficando na posição mais reta que conseguiu. — Vamos, levante.

Ele obedeceu, é claro. Simon não conseguia se lembrar de uma ordem dela

que não tenha obedecido sem pensar muito, desde pequenos. Em sua defesa, quando eram mais novos, ele tinha medo que ela chorasse novamente. Ele ficou em pé e ela se aproximou dele, ficando com pouquíssimos centímetros de distância. Nicole não parecia pensar muito antes de agir.

— Viu só? Se eu não for mais alta, somos exatamente do mesmo tamanho, o que significa que você não é mais alto de um jeito ou de outro... — Ela sorriu, erguendo os olhos dos ombros dos dois e congelando ao encontrar com o olhar dele.

Os olhos de Simon estavam de um azul diferente, e ela descobriu que essa expressão nova só podia ser desejo, no momento que ele se inclinou para a frente, tocando o rosto dela com uma mão. Ambos pareceram ficar congelados por um instante.

— Já foi beijada, Nicky? Não lembro de ter mencionado nenhum possível namorico em suas cartas.

— Não, nunca. Você, eu não preciso perguntar, deve ter beijado mais moças do que pode contar com os dedos. Das mãos e dos pés. — Ela deu uma risadinha, o hálito tocando o rosto dele. Simon controlou o impulso de fechar os olhos.

— Muito espertinha você... Se eu lhe beijasse agora, o que faria?

— Eu deveria lhe dar um tapa por sugerir, mas creio que eu lhe beijaria também. Seria só uma vez, certo?

— Um pequeno erro, um deslize de nossa parte. — O sorrisinho de canto dele aumentou um pouco, enquanto o polegar tocava os lábios dela. — Por que eu quero tanto lhe beijar, Nicky? Somos só amigos, não somos?

— Talvez, seja apenas a saudade falando...

— Talvez... — ele sussurrou, e então não aguentou mais e a beijou de uma vez. Era tão doce quanto ele nunca havia imaginado.

Nicole gostou de ser beijada. Os lábios dele nos seus, a língua pedindo passagem e então se encontrando com a dela, exigindo mais a cada segundo, a mão dele envolvendo sua cintura e a puxando para perto. Ela podia até sentir *algo* pressionado contra seu quadril, que sabia muito bem o que era, graças a conversas com ele mesmo. Simon havia lhe ensinado tudo o que não deveria saber, e graças a isso estava ciente do efeito que havia causado nele. E saber desse efeito a fez sentir poderosa, como a mulher mais bela do mundo. E quando as mãos dele abraçaram sua cintura, as mãos dela o puxando pelos cabelos, ela soube, com toda a certeza, que aquilo não atrapalharia sua amizade, muito pelo contrário. Era melhor que cometessem aquele erro logo, isso os impediria de cometer erros parecidos no futuro.

Ao menos, foi o que pensou.



Capítulo 1

Londres, 1826

Ela nunca admitiria em voz alta, mas queria se casar. Nunca havia se importado demais com isso, é verdade, mas depois de ver as amigas se casando e ser a única solteira, Nicole passou a também querer um marido. E já tinha seus olhos em alguém.

Lorde Jean, filho do Barão de Willingham com uma lady francesa. Era nobre o suficiente, bonito o suficiente, e gentil o suficiente. Nesse aspecto, Nicole era como os homens — como Simon — e enxergava o casamento como algo técnico, uma negociação. Se sentimentos viessem como um extra, bem, ela não iria reclamar, mas não fazia questão. O amor era supervalorizado, não precisava ter amor para ser divertido.

Bem, não sabia quanto ao futuro, mas, ao menos, sabia que a noite seria divertida. O baile seria dado por Lady Sandsore, mãe de Simon, conhecida por ela como tia Kenna. Ela nem ligava de já ser uma mulher adulta, continuaria a chamando de tia da mesma forma que chamava Simon pelo nome e que não se importava com as convenções da sociedade. Nicole era quem era, e não mudaria por nada — nem ninguém.

Abriu o armário, escolhendo o vestido. Com exceção de penteados complicados, Nicole preferia se vestir sem a ajuda de uma criada. Gostava de mandar no próprio corpo e nas próprias roupas, e isso era um dos motivos pelos quais ela sempre usava azul. Tinha vestidos em todos os tons de azul, do mais claro ao mais escuro. Sim, a mãe a obrigava a ter vestidos de outras cores, mas optava sempre pelo azul. Desde que se lembrava, ela amava azul, só não sabia o motivo.

Ergueu os cabelos num penteado bagunçado, colocando presilhas por toda parte, tentando equilibrar a posição no centro da cabeça. Quase deu certo. Ela suspirou, observando o próprio reflexo. Nicole gostava de si mesma. Do cabelo loiro, dos olhos azuis em um tom claro como o do vestido, do sorriso de lado que estava quase sempre em seu rosto e do jeito que mordida os lábios. Nicole gostava de si, e não tinha a mínima vergonha nisso. Odiava a sensação de que para ser bonita alguém precisava dizer, ela mesma se considerava bonita.

Calçou as sapatilhas e saiu do quarto, encontrando a mãe e o pai na sala, a esperando. Ailee e Louis, um dos casais mais fofos que já havia conhecido. Ela conhecia a história, o pai levou a mãe para casa todas as noites por algumas semanas, quase dois meses, até que a beijou e a pediu em casamento. E todas as noites, ele beijava a mão dela, com um sorriso, e a chamava de querida. Eram

fofos, lindos, e Nicole amava os dois.

Eles agora estavam indo para o baile de tia Kenna, com Nicole animada. Conhecia aquela casa como a própria, e Lorde Jean estaria lá. Era perfeito. Mais uma vez, ela pensava como homem, considerando criar um pequeno escândalo para se casar. Técnica para os assuntos, apenas isso, mas não recorreria ao extremo sem necessidade.

Ela realmente já conhecia a casa como a palma de sua mão, tendo passado boa parte da infância ali, e até os criados já a deixavam entrar e andar por lá sem se incomodar. Simon dizia que ela era mais dona da casa do que ele, e não estava muito errado nisso, ela passava tanto tempo lá quanto ele, até mais quando Simon ia para Eton e ela ia sozinha visitar tia Kenna. E então, o pai dele morreu, e Nicole tinha mais um motivo para estar lá, apoio emocional. Fosse o que fosse, ela sempre estava por perto, sempre havia um motivo. Ao menos, o dessa noite era algo simples, um baile.

Entrou no salão de baile, observando a decoração. Tons de azul, o que a fez sorrir. Ter sua cor preferida espalhada pelo salão lhe parecia um bom sinal de que coisas boas aconteceriam naquela noite. Ela andou até tia Kenna, sorrindo.

— Azul? Bela escolha. — Ela sorriu, dando uma voltinha e exibindo os tons de azul que usava. A “tia” riu.

— Fico feliz que tenha gostado, meu anjo. Fiz a decoração pensando em você, sei que é sua cor preferida. — Lady Kenna sorriu. Ela era uma segunda mãe para Nicole, e melhor amiga de Ailee. Eram famílias bem próximas.

— Eu notei. — Nicole sorriu, agradecendo a tia. — Agora, se me der licença, preciso arrumar com quem dançar.

— Creio que esta seja minha deixa. — Simon se aproximou, com um sorrisinho de lado. — Ou estava pretendendo esquecer de nosso acordo?

— Como poderia? — Ela sorriu, segurando o braço dele. — Dançamos a primeira dança da noite, os cavalheiros percebem que estou no seu braço e tentam me roubar, consigo danças para a noite toda e, no final, lhe conto como foi. — Os olhos dela brilharam com o divertimento, enquanto começavam a rodopiar pelo salão.

— Um plano infalível. — Ele piscou um olho. — E então, de quem quer chamar atenção hoje?

— Lorde Jean, o filho da francesa. — Jovem, não tem problemas com apostas, tem um título razoável... Meus parabéns. — Simon riu, rodopiando com ela. — Tem certeza de que não quer um duque? Conde?

— Barão é suficiente para mim. — Ela deu de ombros. — Apenas quero me casar logo, já estou farta de todas se casarem e eu não. E não me venha com “*ah, mas você tinha um discurso de que não precisava se casar logo*”. Isso era

antes de até Katherine e Oliver ficarem noivos e eu ser a única a ficar para trás. Acredita que Melissa talvez já esteja grávida? Ela mesma não deve ter percebido ainda, mas se formos considerar que as regras dela vinham sempre na mesma data que as minhas e não vieram este mês ainda...

— Nicole! Informação demais — ele resmungou, mas riu.

— Desculpe, me empolguei. — Ela deu um sorrisinho, mordendo o lábio inferior, enquanto pensava. Era uma mania dela. — Sobre Lorde Jean... é uma boa opção, então?

— Que eu saiba...

— Ótimo! — Ela sorriu, ouvindo a música se aproximar do fim. — Rápido, como se seduz um homem?

— Inocência, mas nem tanto, beleza, que você já tem, inteligência, que você tem até demais, então, talvez seja melhor ir devagar... Acho que é isso. — Ele deu de ombros. — Não sei. Se fosse comigo, não precisaria de muito.

— Se fosse com você, eu só precisaria piscar meus olhos. — Ela riu, ouvindo o final da música. Se despediram com uma pequena reverência.

Ela começou a andar, procurando lorde Jean, olhando em volta enquanto bebia uma taça de vinho. Nicole não gostava muito de champanhe, sempre teve mais gosto pelo vinho, e a casa Sandsore era uma das únicas que servia vinho nos bailes. Havia mais motivos do que podia contar para amar tia Kenna, mas o vinho definitivamente era um deles. E já tinha vinte e um, era maior de idade em todos os sentidos, a mãe não poderia censurá-la por uma taça ou duas. Ou quatro.

E sinceramente, o vinho valeu a pena. Estava caminhando, pela metade da festa, quando finalmente encontrou Jean. De joelhos, na varanda, pedindo Lady Valentine em casamento. Nicole bufou e saiu pisando forte, numa birra sem sentido.

A verdade era que Jean nem importava tanto, mas o fato de voltar à estaca zero, sim. Pouco se lixava para Jean, mal o conhecia. Na verdade, a única pessoa no mundo que ela realmente conhecia era Simon, mas ele obviamente não era uma opção de marido, nem na mais remota das ideias. Simon era seu amigo, seu companheiro no crime, seu tudo... menos seu namorado.

Sim, haviam se beijado quando ela era mais nova, e nenhum dos beijos que deu depois se equiparava ao dele, mas isso não era nada de mais. Ele era um libertino, oras, sabia como beijar. E, sim, após o funeral do pai ele a beijou novamente, os sentimentos atacados pela fragilidade, e a forma como ele a agarrou, fez Nicole se sentir a dona do mundo, a dona dele, mas foi um caso isolado, que nunca se repetiu ou sequer foi mencionado novamente depois daquele dia. E ela não se incomodava com isso, sempre soube que qualquer

coisa que tivesse com Simon seria pura diversão.

Conhecia as histórias dele, as amava, mas estava começando a querer histórias consigo mesma. Queria ter um momento de paixão arriscado e depois contar para ele, assim como ele contava dos inúmeros lugares onde já possuiu inúmeras damas. Queria se casar e reclamar com ele do marido quando fizesse alguma besteira, e depois assistir enquanto Simon socaria o rosto do pobre homem. E, é claro, ela nunca parava para analisar por que em todos os seus projetos de futuro, ela tinha Simon ao seu lado, mesmo casada e com filhos. Mas era natural, não existiria Nicole se não existisse Simon.

Voltou seus pensamentos para o casamento, para o fato de que acabaria a temporada sendo a única solteira em seu círculo de amizades. Até Beatrice parecia estar feliz com o marido arranjado, enquanto ela seguia sobrando. Havia algo de errado com ela, era isso? Afinal, nunca nem uma proposta havia recebido. Não se importava com isso, vivia dizendo que não era louca por casamentos, mas agora... Em breve, todas as amigas teriam filhos e ela seguiria solteira, a tia solteirona que um dia seria o exemplo para as mulheres ensinarem as filhas. “Quer acabar como ela?! Então mantenha a boca calada e se comporte.”, ela já até podia ouvir.

Suspirou, andando até o corredor lateral, distante da festa. Na hora de ir para casa reapareceria, mas precisava ficar sozinha por um instante. Ou foi o que pensou, até esbarrar com Simon no mesmo corredor.



Capítulo 2

Simon não sabia por que estava se sentindo incomodado, mas estava. A noite toda, desde a dança com Nicole. Sim, ele havia sido capaz de pôr defeito em todos os outros pretendentes dela, mas Jean era tão tolo e inofensivo que ele não teria o que fazer. Não que estivesse com ciúme, mas achava que ela merecia algo melhor. Nenhum havia sido digno dela, até então.

Nicole era a pessoa mais importante em sua vida além da mãe, e ela merecia o melhor. Alguém que entendesse e não julgasse sua inteligência, alguém que não se incomodasse em ouvi-la falar o tempo todo, e que aceitasse o senso de humor ácido que ela tinha. Ela merecia, precisava de alguém que não se incomodasse com os palavrões que ele lhe ensinou, e que a deixasse livre. Nicole precisava de alguém como ele, pois ele a havia estragado para os outros. E, depois dessa noite, estragaria ainda mais.

Estava andando pelo corredor, sem querer participar da festa, quando ela apareceu. Nicole, em toda a graça de sua raiva. Ele já a conhecia bem o bastante para reconhecer de longe a raiva.

— Nicky? — Só ele a chamava assim. — O que foi?

— Nada de mais, só minha última chance de me casar que acabou de noivar com Valentine. Logo ela, de todas as opções... — Ela começou a resmungar algo sobre não ser certo falar mal de outra mulher e que não importava naquele momento. Ele riu.

— Ele não é sua última chance, Nicky.

— É fácil para você dizer, não precisa se preocupar com isso. Se quiser, basta piscar um olho e aparecem trinta opções de noiva, uma mais perfeita que a outra. Eu, nem com uma interferência divina, vou me casar, vou ser a única solteira, para sempre.

— E as suas outras amiguinhas solteiras?

— Amiguinhas solteiras? Eu fui a única que sobrou. — Ela deu uma risada amarga. — Não prestou atenção no que eu disse antes?

— Não achei que fossem realmente todas, achei que tivesse sobrado alguém. — Ele deu de ombros, vendo-a se aproximar e cruzar os braços, se encostando, emburrada, na parede. — Não fique assim, Nicky. Pode não ser tão ruim...

— E como isso não seria ruim?

— Te dá mais tempo para se divertir. — Ele deu um sorrisinho de lado. Aquele sorrisinho, o que usava quando queria seduzir alguém, o que nunca usava com Nicole, salvo aquelas duas vezes...

— Si, eu não tenho com quem me divertir. Dois anos sem ter nem quem beijar, lembra? Sou a metade não-divertida de nós — ela resmungou, erguendo uma sobrancelha, quando viu que ele estava mais perto e dando um sorrisinho. — Está sugerindo que eu me divirta com você?

— Não sou eu que estou dizendo...

— Não, mas está me dando sorrisinhos. — Ela se afastou da parede, ficando de frente para ele. Maldita fosse, realmente era um centímetro mais alta, não que ele fosse admitir em algum momento. — Não tente me seduzir, Simon, é uma péssima ideia.

— Não estou tentando te seduzir, Nicky. Estou apenas comentando algo, dando uma... sugestão. — O sorrisinho de novo, segurando a cintura dela. Nicole suspirou, balançando a cabeça.

— Se me beijar de novo, já serão três vezes.

— Ou quatro, ou cinco... — Ele piscou um olho. Ela mordeu o lábio, de novo, pensando. — Contanto que você saiba com o que está se metendo...

— Te conheço bem o suficiente para saber em detalhes.

— Pode conhecer ainda melhor, Nicky. A escolha é sua. — Ele deu um sorrisinho, tocando o rosto dela com uma mão, os dedos contornando seus traços. Ela suspirou, agarrando o cabelo dele e o beijando de uma vez, antes que mudasse de ideia.

Foi a terceira vez que cometeram o mesmo erro.



Ela não era estúpida, sabia onde estavam e o perigo que corriam, mas não era ela que, alguns minutos antes, estava reclamando por não ter um momento arriscado de paixão? Bem, seu momento havia chegado, e com o único a quem ela realmente poderia confiar aquilo, confiar que não a arruinaria depois em uma mesa de bar. Confiava mais em Simon do que em si mesma com segredos, afinal, ela era a única para quem ele contava. E aquele beijo...

Ah, aquele beijo. Era o melhor beijo dos três que já haviam trocado, eram adultos agora, e não havia nenhum sentimento, além de desejo, comandando as ações dos dois. Nenhuma alegria de reencontro, nenhuma dor da perda de um pai, eram apenas os dois e a força do desejo que sentiam, e desejo era uma coisa maravilhosa. A língua dele contra a sua, ele a pressionando contra a parede, com uma certa parte rígida pressionada contra o quadril dela.

Nicole se sentiu poderosa de novo e, ao mesmo tempo, entregue. Naquele momento, nenhum dos dois era dono de si mesmo, mas compensavam sendo

donos do outro. E a forma como ele descia os lábios pelo pescoço dela... Nicole suspirou de novo, contendo um pequeno gemido, enquanto, por puro impulso — e um pouco da “experiência” que tinha com as histórias dele — ergueu uma perna e a pôs em volta dele. Ouviu o grunhido do fundo da garganta dele e riu baixinho, se mexendo um pouco. A vantagem que tinha sobre ele, por já saber todos os seus pontos fracos, era maravilhosa, conhecia cada história, cada momento dele...

— Está brincando com fogo, Nicole. — Ele nunca a chamava assim, mas, pelo visto, havia uma exceção quando se tratava de gemer seu nome. Ele a agarrou com mais força, puxando a perna dela que ainda estava no chão e deixando as duas em volta dele.

— Então, parece que vou me queimar, não é mesmo? — Ela deu um sorrisinho, percebendo naquela frase que o queria, não só os beijos, mas *ele*. Eram amigos, eram tudo na vida um do outro, se havia alguém em quem ela confiaria sua virtude, esse alguém era Simon.

— Nicole... — ele sussurrou, mordiscando a orelha dela e levando as mãos aos botões do vestido dela. — E se formos vistos?

— Não seria eu que deveria me preocupar com isso? — Ela deu uma risadinha, puxando-o pelos cabelos. — Não ligo. E não vão nos ver, a casa é sua, sabe que ninguém vem aqui durante o baile. Estamos em um corredor, adjacente do outro corredor... — Ela o encarou nos olhos, azul com azul, uma onda de eletricidade entre os dois. — Eu quero, Simon. Me dê essa aventura.



Ela não precisava pedir duas vezes. *Diabos*, mal precisava pedir uma vez. Ele a beijou de novo, dessa vez com mais força. Não era a primeira vez que se beijavam, nem a primeira vez em que ele a desejava, mas era a primeira vez que poderia fazer o que quisesse. Desde que se beijaram pela primeira vez, ele imaginava como seria fazer outras coisas com ela, como seria tê-la... Sabia que não devia, que ela era sua melhor amiga, mas tinha uma porção absurda de pensamentos indecentes que, finalmente, realizaria.

Começou pelo mais simples, desabotoar o vestido dela, apenas um pouco, afinal, estavam em um corredor, mas o suficiente para ficar folgado o bastante para libertar um seio dela, descendo os lábios até ele. Visualmente era tão lindo e claro quanto ela, e tão macio, que ele gemeu só de tocar. E então, o que mais queria, o abocanhou. A pele dela era quase tão deliciosa quanto o gemido de surpresa que ela deixou escapar, junto com uma pequena confissão.

— Eu imaginava que fosse fazer isso, mas não imaginava que fosse tão... ah, bom. — Ela suspirou, fazendo-o dar uma risadinha, o hálito quente contra o mamilo dela, causando arrepios.

— Duvidando de minhas capacidades? — Ele ergueu uma sobrancelha, deslizando uma mão por dentro da saia dela. Franziu o cenho ao notar que ela não estava usando anáguas, apenas uma chemise. — Estava planejando isso?

— Não gosto de anáguas, prendem os movimentos. — Ela deu um sorrisinho, o rosto tomando um tom maravilhoso de cor-de-rosa. Ele sorriu.

— Você é maravilhosa, sabia? — Ele deu um sorrisinho, deslizando os dedos até chegar onde queria. Macia, molhada e pronta para ele.

— Si...

— Não esperava por isso? Devia saber que é meu lugar preferido, Nicky. Macio e úmido, bem entre suas pernas... — Ele a acariciou, pressionando um dedo contra ela, fazendo com que ela se remexesse nos braços dele, a boca aberta. — Você é doce, Nicky? Acho que lhe contei sobre os sabores. Cada uma é única, e você... Não me surpreenderia se tivesse gosto de morango. — Ele riu, piscando um olho. Morango era a fruta favorita dela.

Num movimento que a deixou surpresa, ele tirou os dedos e os colocou na boca, provando do gosto dela. Deu um sorrisinho de lado, se inclinando e a beijando, deixando que ela descobrisse por si própria. Ela tinha gosto de Nicole. Não era doce nem salgada, era ambos e nenhum. Por algum motivo, ele não se surpreendeu ao perceber que era a melhor. Se tivesse escolha, afundaria o rosto entre as pernas dela até fazê-la gritar, mas ali, naquele corredor e naquela posição, não tinham muita escolha quanto a isso.

Sentiu as mãos dela irem até sua calça e riu, segurando seu pulso.

— Eu cuido disso, Nicky. Deixe para me despir em outra ocasião. — Ele sussurrou, mordendo a orelha dela e levando uma mão à própria calça, desabotoando apenas o suficiente para puxar seu membro para fora. Não havia tempo nem ocasião para se despirem por inteiro, o que conseguissem teria que ser suficiente. Em um lapso de lógica ele se lembrou de que ela era virgem. — Tem certeza? Estamos em um corredor, e isso pode doer...

— Doeria aonde quer que fosse, não vai mudar nada. — Ela deu de ombros, dando um gemido baixinho ao senti-lo em contato diretamente com sua pele. — Eu quero você, Simon. É um erro absurdo, mas eu quero. — A certeza dela era tudo de que ele precisava.

E então, em um movimento nada delicado, ele a penetrou.



Se não fosse a boca dele na sua, Nicole teria gritado. Doeu, sim, mas não foi a dor insuportável que imaginava, foi uma ardência no fundo de seu... estômago? Quase lá. De qualquer forma, não era ruim. O quase grito foi mais pela surpresa do que pela dor, pela sensação nova e quase maravilhosa de tê-lo dentro de si.

Nicole não imaginou que fosse tão bom. Imaginou a vida inteira que sua primeira vez iria doer, que iria sangrar por todos os lados e que seria insuportável, mas agora percebia que era diferente de mulher para mulher. E ela estava achando maravilhoso.

— Isso é... nossa. — Ela suspirou, se agarrando nele, os braços em volta de seus ombros. Simon deu um sorrisinho.

— Agora acredita no que eu contava? — Ela se surpreendeu com a pergunta e ele riu. — Eu sempre soube que duvidava, que pensava que eu estava contando vantagem... — Ele estocou mais uma vez, a fazendo apertar as pernas em volta dele. — E agora, o que acha?

— Que era verdade... ah... cada palavra. — Ela mal conseguia falar. Ele realmente era bom nisso. — Está gostando, Nicky? Está gostando de ser minha?

— Eu... Simon! — Ela deu um gritinho, quando o movimento dele foi mais forte, mais fundo, mais tudo. Ela o ouviu rir, o hálito quente roçando em seu pescoço, tanto quanto a barba por fazer.

Por mais algum tempo, nenhum dos dois falou e, quando ele deslizou a mão até tocá-la novamente, ela quase gritou. Aquela sim era uma sensação maravilhosa, que deixou seu corpo inteiro tremendo, enquanto atingia seu primeiro clímax, sendo guiada e segurada por ele. E então, algumas estocadas, depois ele parou, tão ofegante quanto ela. Nicole deu um sorrisinho, puxando-o pelo cabelo e o beijando de novo, com mais força do que nunca.

Esse foi um beijo diferente, um beijo que selava um contrato. Um contrato de que a amizade dos dois não deixaria de ser o que era, e havia apenas aumentado para algo mais complexo, e que isso nunca ficaria no caminho deles. Um beijo que mostrava o quanto ela estava grata por aquela noite, e o quanto ele estava entregue a ela, o quanto ambos estavam entregues. Um beijo forte, longo e lento, enquanto ele permanecia dentro dela, enquanto ainda eram um só.

O beijo ainda não havia acabado quando os olhos dele se abriram, arregalados ao ouvir o som de alguém vindo. Ela espelhou o movimento, se

afastando e colocando os pés no chão, sentindo um vazio ao ser deixada pelo corpo dele e tentando recompor o vestido, mas não havia tempo, seriam pegos no flagra. A menos que...

Ele a puxou pelo braço, entrando com ela na primeira porta ao lado deles, um armário de toalhas mal iluminado pela luz entrando pelas frestas. Os dois se olharam no escuro, olhos azuis brilhando, e fizeram a única coisa que parecia plausível naquele momento.

Eles riram.



Capítulo 3

Nicole havia ficado dolorida por dois dias depois do corredor, mas nada que não fosse suportável. Muito pelo contrário, a dor a lembrava daquele momento maravilhoso que teve com Simon. Não havia o visto desde aquele dia, mas isso não era problema, afinal, não eram um casal apaixonado e, sim, amigos cometendo um delicioso erro. Ela estaria mentindo se dissesse que não pensava em cometer o erro de novo e de novo, mas só havia uma frase possível quanto a isso.

Alguns erros são divertidos demais para só se cometer uma vez, não é mesmo?

Naquela noite sua mãe daria um baile, e ela sabia que ele viria. Escolheu seu vestido mais decotado de propósito, querendo ver até onde ele aguentaria. Conhecia as regras de Simon, cada garota era apenas uma vez, talvez duas, para não se apegar.

— Só que comigo é diferente, não é, Teddy? — Ela sorriu, conversando com o cachorro. Seu maior confidente era aquele poodle de dois anos de idade, que ela amava mais que tudo. — Comigo ele já tem um laço, seria impossível não ter nenhum tipo de apego. Não me olhe assim, eu não estou interessada nele. — Ela costumava dizer que o cachorro era seu subconsciente, e falava com ele sempre que precisava pensar em voz alta.

Sorriu, beijando o focinho do animal, que latiu em resposta. Ela o colocou no chão e foi se vestir, observando, mais uma vez, o vestido escolhido. Azul, como sempre, com flores bordadas em um azul mais escuro nas mangas, o decote mais baixo que tinha nos limites apropriados, e uma fita azul que amarrava nas costas. Ela se sentiu atraída por si mesma, então, era um bom sinal, já que a sua mente e a dele funcionavam em sintonia.

Novamente, não estava usando anáguas, agora com um motivo em mente para isso. Ela reconhecia que não era boa ideia sair seduzindo o melhor amigo, mas era algo tão divertido. Calçou os sapatos e desceu para o salão de baile, dando tchau para Teddy e o deixando no quarto. A mãe já estava lá, radiante, como sempre. Lady Ailee só usava tons pasteis, da mesma forma que a filha só usava azuis. Eram muito parecidas, ambas loiras de olhos azuis. Nicole tinha muito dela em si, mas na personalidade era como o pai.

Louis Bourbon era de descendência francesa, e tinha a pele num tom de bronzeado do sol, olhos castanhos, que o filho mais novo puxou, e o sorriso mais gentil que Nicole já viu na vida. Ele era firme com o que queria, fácil de se abrir com estranhos e não tinha nenhuma dificuldade em socializar. Nicole era uma

versão ampliada dele.

— Boa noite, mamãe. — Ela sorriu, vendo a mãe arregalar os olhos ao ver o vestido.

— Boa noite... Tentando impressionar alguém?

— Quase isso. — Ela sorriu, e foi pegar uma taça de vinho. Sorriu sozinha para a taça, se lembrando da última vez que bebeu.

Se fossem analisar Simon e ela, na teoria, eles seriam tão errados um para o outro no sentido romântico quanto fosse possível, e poderiam ter culpado a lua cheia ou o vinho pelo que fizeram. Diabos, pareciam estar embriagados, e só Deus sabe aonde isso os levaria, mas era aquilo sobre os erros divertidos de se cometer. Ela não parava de repetir mentalmente essa frase.

Ela estava tomando seu primeiro gole quando ele chegou, lindo como nunca. Usando um terno tão preto quanto os cabelos, os olhos refletindo no escuro, a barba por fazer. Simon parecia vindo de outra época, ela não saberia dizer se do passado ou futuro, mas ele se destacava na multidão, e não era só aos olhos dela. Todas as garotas que já haviam chegado olharam para ele, e todas que chegassem também olhariam. O magnetismo dele com o sexo feminino era algo surpreendente.

E todas odiavam quando ele andava diretamente até Nicole, um comportamento que tinham desde o primeiro baile dela.

— Boa noite, Lady Nicole. — Ele deu um sorrisinho, sendo formal, enquanto a olhava dos pés à cabeça. O sorrisinho cresceu para um canto, enquanto ele se inclinava para pegar uma taça de vinho e baixava o tom de voz. — Tentando me provocar, Nicky?

— Apenas se estiver funcionando. — Ela sorriu, sentindo o olhar dele queimando na pele, principalmente no decote.

— Sempre espertinha... — Ele balançou a cabeça, sorrindo. — Aceitaria, como sempre, me ceder a primeira dança?

— Mas é claro, belo cavalheiro. — Ela adorava quando fingiam ser duas pessoas normais e formais, e não as duas criaturas contrárias a qualquer norma civilizada que eram.

Dançavam juntos em todos os bailes, era verdade, mas dessa vez foi diferente. Ele a puxou mais para perto, a apertou mais contra si enquanto rodopiaram. Não eram mais apenas amigos dançando, eram amantes. Ela deu um sorrisinho com esse pensamento.

— O que foi? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Nada, apenas percebi que agora posso ser considerada sua amante. Bem, uma delas. — Ela deu um risinho. — Quem diria, *hein*? Nicole Marie Bourbon, mais uma da lista.

— Sabe que não é só mais uma. — Ele a observou, rodopiando.

— Sou mais uma, de qualquer forma. E não me incomodo com isso, sei no que estou me metendo.

— “Está”? No presente? — Ele deu um sorrisinho de canto, mais um. — Não me diga que quer repetir a dose, Nicky.

— Pode inflar seu ego, você é bom, não vou negar. E creio que a segunda vez é melhor ainda. — Ela abaixou o tom de voz, mesmo não tendo ninguém perto o bastante para ouvir.

— De quantas maneiras pretende ser arruinada, Nicky?

— Todas.



Ele já deveria ter imaginado que seria assim. Era Nicole, afinal de contas, e ela nunca estava satisfeita com pouco. Não que ele fosse ter algum problema em ter mais momentos com ela, se fosse ser sincero consigo mesmo, havia passado os últimos dias desejando-a mais do que já desejou alguma mulher em sua vida. Nicole era diferente... e ele ainda não havia a visto nua por inteiro. Ainda não havia tido a chance de saboreá-la e se perder entre suas coxas. Havia tanto que ainda não teve a chance de fazer com ela, que só o pensamento o deixava excitado, em todas as formas possíveis.

— Não deveria me provocar tanto... — Até a voz dele refletia o desejo que estava sentindo.

— Não finja que não gosta. — Ela sorriu, e a valsa acabou naquele momento. — Me encontre em meu quarto, perto da meia-noite. — Ela abaixou a voz, se inclinando para sussurrar próxima ao ouvido dele. — Estou sem anáguas novamente.

E saiu andando, como se nada tivesse acontecido, o deixando parado e louco. Maldita fosse, Nicole era maravilhosa. Tinha a vantagem de conhecê-lo desde sempre, e de saber cada ponto fraco, mas ele, pelo visto, a havia subestimado. Os riscos que ela estava tomando por ele, para provocá-lo... estava sendo mais Nicole do que nunca. E ele estava adorando.

Logo depois daquela noite, ele ficou pensando se não havia sido um erro, se ela não se arrependeria. Ele tinha um motivo, uma regra para não se deitar com virgens, para não arruinar ninguém. Ele não queria se casar. Nicole era a única em quem ele confiou o bastante para isso, pois ela não o cobraria, era a única que realmente sabia em que estava se metendo. Era provavelmente a mulher mais inteligente e corajosa de toda a sociedade, e ele tinha até orgulho

por ter sido o primeiro dela.

Sabia que em breve ela se casaria com alguém, mas aproveitaria cada instante que pudessem antes. Inferno, seria até amante dela depois, se ela o quisesse. Simon não era de repetir a mesma mulher, mas Nicole ele repetiria até não aguentar mais, até ter descoberto cada canto dela, cada detalhe e arrancado cada suspiro possível. Nunca havia se encaixado tão bem com uma mulher antes dela, e acreditava que isso se devia ao fato de serem amigos antes. O nível de intimidade que já tinham, aumentava o nível novo de intimidade que haviam começado.

E ela conhecia cada ponto fraco dele, graças as conversas que tiveram durante os anos. Sabia o que o provocava, o que o deixava louco e o que não gostava. Sabia de coisas que nenhuma dama solteira na idade dela deveria saber, e agora ele aproveitaria para lhe mostrar cada uma delas na prática. Cada toque, que ela apenas havia ouvido falar em piadas e histórias, ela iria sentir, cada beijo, cada lambida. Se ela queria ser arruinada, ele não se oporia a isso. Simon era mestre em ruínas.

Ele passou o resto do baile imaginando o que faria com ela. Não saberia dizer se ela estava dolorida depois da outra noite, então, tentaria ir com mais calma. Aproveitaria que estariam em uma cama para vê-la nua, e beijar cada centímetro que não pôde da outra vez. Inferno, ela era virgem e ele não havia sido nem um pouco delicado, não sabia como ela não o odiava.

Certo, sabia sim, ele se corrigiu mentalmente. Ela não o odiava, pois, havia gostado, não o odiava porque era Nicole e Nicole nunca o odiaria. Ela não o odiava, pois, a intensidade entre os dois era maior que qualquer dor de primeira vez. Ela não o odiava, afinal, havia pedido por mais. Não, ela realmente não o odiava, ou teria contado ao pai o que aconteceu e ele seria forçado ao altar. E Nicole nunca o obrigaria a nada.

Perto da meia-noite ele desapareceu, seguindo pelo corredor das escadas. Se algum criado o viu, não falaria nada, todos ali o conheciam há tanto tempo que já era quase parte da família. Assim que abriu a porta, ela estava ali, perto da cama, o esperando.

Vê-la agora tinha um efeito diferente nele, um efeito mais poderoso. Ela agora não era mais apenas a Nicky que ele conhecia, agora era a mulher que o deixava duro apenas com alguns pensamentos, maldita — ou bendita, sabe-se lá — fosse.

— Pensei que não viesse. — Ela deu uma risadinha, mordendo o lábio inferior e se aproximando dele. — Estamos cometendo um erro, não estamos?

— Provavelmente. — Ele se aproximou, a puxando pela cintura.

— Sabe o que eu digo sobre erros, não sabe? — ela sussurrou, se

inclinando e roçando os lábios aos dele.

— Que alguns são divertidos demais para só se cometer uma vez. — Ele usou toda a força de vontade que tinha para afastar os lábios dos dela, se aproximando de sua orelha. — Quer errar novamente, Nicky?

Ela não respondeu, o puxando e o beijando, com uma força muito maior que da última vez. Ela agora sabia o que queria e sabia como tomá-lo, Simon percebeu. Ela sabia na prática como deixá-lo louco, não só na teoria de conversas antigas. Ela agora sabia que pressionar o corpo contra o dele o deixava louco, e que os seios dela eram sua parte preferida. Ela agora tinha todas as armas na mão, e ele era um alvo de palha esperando os disparos.

Simon recobrou o controle pelas próprias ações, a puxando contra si e segurando a cintura dela com mais força, a erguendo do chão. Se aproximou da cama e a jogou lá, os olhos queimando, enquanto dava um meio sorriso.

— Você gosta de provocar, não é? — Ele chutou os sapatos para longe, enquanto tirava o paletó e começava a desabotoar o colete. Ela deu um sorrisinho, ficando deitada e se apoiando nos cotovelos, observando-o.

— Depende, se for para provocar você... — Ela sorriu, o observando com os olhos cheios de desejo. E ele notou que o desejo dela também tinha poder sobre ele. — Não é justo, deveria ser eu tirando suas roupas.

— Vai discutir comigo até entre quatro paredes, Nicole? — Ele deu um sorrisinho, jogando o colete no chão também e partindo para a camiseta.

— Sempre. — Ela sorriu, mordendo o lábio inferior, enquanto ele ficava sem camisa. Ele sorriu de lado, desabotoando a calça e se aproximando da cama.

— Vou lhe deixar decidir, então. Quer que eu tire a calça, ou você mesma tira? — Ele deu um sorrisinho, vendo o rosto dela ficar rosa. Então, ainda podia deixá-la com vergonha... Bom saber.

— Pode... pode tirar. — Ela engoliu em seco, levando as mãos até as costas. — Mas espere. — Ela se levantou, desabotoando sozinha e de forma impressionante o vestido, que ficou solto sobre seus ombros. — Juntos.

E ela soltou o vestido, ao mesmo tempo que ele empurrou as calças e as ceroulas para baixo. Simon perdeu toda e qualquer concentração ao vê-la nua, era a coisa mais bela que seus olhos já haviam visto. Definida, curvilínea, perfeita para ele, perfeita para um escultor grego transformar em uma deusa. E ele a idolatraria essa noite.

Se aproximou, sem dizer mais nada, a beijando de uma vez, com todo o desejo que sentia. A deitou na cama, ficando por cima dela. Desceu beijos pelo pescoço dela, por seus seios, sua barriga, até chegar finalmente onde tanto queria. Deu um meio sorriso, vendo a expressão dela enquanto o observava.

— Eu vou prová-la, Nicole — avisou. — Vamos descobrir realmente se

tem gosto de morango ou de Nicky. — Ele deu um sorrisinho de lado, vendo-a dar uma risadinha que se transformou em suspiro quando ele encostou os lábios nela.

O gosto era ainda melhor vindo direto da fonte, um pouco mais doce. E ele a saboreou por todo o tempo que pôde, sentindo cada espasmo de prazer que ela dava, cada suspiro, e então ela se desfez em sua boca, o levando ao paraíso com gemidos altos e baixos, todos com o nome dele.

Se deitou ao lado dela, aguardando enquanto ela voltava a si, fechando os olhos e se deliciando com cada suspiro que ela dava, com cada respiração ofegante. Não deveria ter se surpreendido quando sentiu a mão dela em seu pescoço, o explorando curiosa, passando os dedos por seu peito até chegar em seu membro. O gemido dele foi uma resposta automática, a fazendo sorrir.

— Me diga se eu fizer algo de errado. — Ela sorriu, o segurando em uma mão, o fazendo prender a respiração. O toque dela era como o paraíso.

Ele se inclinou e a beijou novamente, com mais força, acompanhando o ritmo do toque dela. Se sentou na cama e deixou que ela o explorasse mais, sentindo mais do que vendo, enquanto ela beijava seu pescoço e seu peito, apenas reagindo quando ela fez menção de descer mais.

— Nicky. — Sua voz era em tom de aviso, a fazendo parar. Ela resmungou.

— Não é você quem tem uma obsessão por gostos? Pensei na mesma coisa.

— Nicky, você não precisa fazer isso... Damas, em geral, não fazem. — Ele nem sabia explicar o motivo, apenas sabia disso como uma regra geral. Ela deu de ombros.

— Sabe que não sou uma dama normal da sociedade. — Ela deu um sorrisinho, arrancando um suspiro dele, com a mão ainda o acariciando. — Quero fazer por você o mesmo que fez por mim.

— Hoje não, Nicky. — Ele a segurou, os olhos queimando de desejo. Não poderia expressar em palavras o quanto queria a boca dela em si, mas nesse momento seu membro já estava desesperado por outra parte dela.

— Da próxima vez, então. — Não foi uma pergunta, foi uma ordem. Ele apenas riu, se posicionando sobre ela.

— Teremos uma próxima vez?

— Teremos várias. — Ela deu um sorrisinho, e então ele a penetrou, mais uma vez a tomando como sua.

Porque era isso que ela era. Ao menos, naquele momento, naquela pequena eternidade, Nicole era dele, e ele dela. E isso era tudo o que importava.



Capítulo 4

Quando Simon finalmente se deu conta da besteira que estavam fazendo, já era quase tarde demais. Duas semanas se encontrando escondidos e nenhuma vez ele se lembrou de se precaver contra o infortúnio que seria uma gravidez. Diabos, se não fosse Rannolf contar da gravidez da mulher, ele não teria se lembrando em momento algum.

— Simon? Que cara foi essa? — o amigo perguntou, e ele balançou a cabeça.

— Nada. Apenas lembrei de algo... Parabéns pelo herdeiro! — Ele sorriu, dando um abraço no amigo. Mas Rannolf era inteligente demais para não insistir.

— O que foi, engravidou alguma amante?

— Nem brinque com isso. Engravidar qualquer amante já seria ruim, a atual então... Seria perigoso. — Simon balançou a cabeça, vendo o amigo rir.

— O que foi, dama da sociedade? Sério? — Rannolf arregalou os olhos quando Simon confirmou. — Simon Longmore, se envolvendo com uma dama da sociedade... solteira?

— Claro. Se fosse casada, não seria surpresa. — Simon riu, dando de ombros. — Ela é... diferente. Creio que nunca repeti a dose tantas vezes com a mesma mulher, mas não havia me lembrado dos riscos.

— Belo exemplo de irresponsabilidade. — Rannolf balançou a cabeça. — Não vai me dizer quem ela é?

— E arriscar que algum criado escute e destrua a reputação da garota? Nem pensar.

— Então o “demônio dos olhos azuis” se importa com a reputação da garota? — Rannolf teve que rir. — Cuidado para não se apaixonar.

— Nem morto. — Simon riu. — Agora, se me der licença, preciso ir encontrar um marido para minha amante.

— Quase soa como uma peça escandalosa e francesa. — Rannolf riu, se despedindo do amigo.

Simon caminhou o tempo todo com ela em mente. Realmente precisaria encontrar um marido para Nicole. E rápido. E teriam que, infelizmente, parar com os encontros às escondidas, ou, ao menos, começarem a se proteger. Ele teria que ensinar ela sobre esponjas e chás de canela, mas isso ficaria para a próxima ocasião.

Por ora, precisaria convencê-la a se casar.



Nicole ainda não havia processado inteiramente as palavras dele. Duas semanas se agarrando como dois coelhos no mato, e agora ele vinha com aquela conversa de encontrar um marido para ela? Que diabos ele estava pensando?

— Simon, o que...

— É apenas lógico. Não podemos ficar nisso para sempre, e você precisa se casar eventualmente, Nicky. Nada melhor do que ter a minha ajuda para encontrar um marido que seja adequado... E que não se importe com sua virgindade ser minha. — Ela riu. A naturalidade com que ele falava era tão simples que ela não pôde evitar rir, mesmo que estivesse rindo de si mesma.

— Já se cansou de mim? Acho que batemos seu recorde, duas semanas com a mesma mulher. — Ela deu de ombros. Sabia que não duraria para sempre, não havia se iludido a respeito disso. Conhecia Simon, e sabia muito bem no que tinha se metido.

— Sabe que não é isso.

— Sei. — Ambos sorriram.

— É apenas necessário. Já nos arriscamos demais, você e eu juntos somos como fogo e pólvora...

— Que num beijo, se consomem — ela completou o trecho de Romeu e Julieta, vendo-o dar um sorrisinho. — Muito bem, pode me arranjar um marido. Até parece que vai ser tão fácil assim.

— Você subestima minhas habilidades. — Ele riu, olhando em volta para garantir que estavam sozinhos. — Mas vou sentir falta de você gemendo meu nome.

— Vou sentir falta de você implorando por mim. — Ela sorriu, piscando um olho. Já não ficava mais envergonhada perto dele, haviam criado uma naturalidade para si que era surpreendente. Bem, depois de ver alguém pelado e em todas as formas possíveis, se tornava difícil ter alguma vergonha.

— Não me provoque... — Ele riu, esticando a mão e pegando um biscoito da bandeja que estava na mesinha.

— Agora, vamos às opções de marido?

— Vamos. — Ela riu, se surpreendendo quando ele realmente tinha uma lista de candidatos.

— Pete Becker, filho do Barão de Lysel. É o que algumas garotas chamariam de bonito, eu imagino.

— Conheço, dancei com ele uma vez. Não é novo demais?

— Tem razão.

— Que tal Hugh Lennard? É bonito, rico e mais velho.

— Velho demais. Quatorze anos de diferença é muito, não vou lhe dar de bandeja para um velhote. — Ele fez uma careta e ela riu, balançando a cabeça.

— Certo. Limite de idade? — Aquilo parecia uma transação de negócios, e ela quase riu.

— Dez anos mais velho, no máximo.

E discutiram sobre isso a tarde toda, mas nenhum pretendente era bom o bastante. Alto demais, baixo demais, esquisito, gordo, magro, nobre, rico, novo rico, qualquer homem tinha algum problema, algum pequeno defeito que o impedia de ser um bom candidato.

Nenhum dos dois percebia que por trás desses errinhos, estava a vontade de que nenhum fosse bom o bastante. Simon havia, de fato, a estragado para outros homens, mas de um jeito bem diferente do qual ambos imaginavam.



Capítulo 5

Nicole estava com sono. Não sabia por que, mas nesse baile ela estava morrendo de sono. Só havia saído de casa porque era a comemoração da gravidez de Melissa e ela não perderia o grande momento da melhor amiga, mas estava se sentindo terrivelmente exausta.

Simon e ela não se deitavam juntos desde que ele decidiu encontrar um marido para ela, algo que a deixava furiosa. Nicole não queria mais um marido nem tão cedo, queria mais momentos com Simon entre suas coxas. Estava ciente do quão inapropriados eram aqueles pensamentos, mas não se incomodava com isso. Já havia passado do limite do inapropriado, sem dúvida alguma.

— Nicole! O que está fazendo sentada aí? — Melissa riu, se aproximando da amiga e ignorando os olhares das viúvas que estavam sentadas por perto, a puxando pelas mãos para se levantar.

— Sono, Mel. Estou morrendo de sono. — Nicole riu, vendo a amiga dar um sorrisinho.

— E posso saber o que... *ou quem* lhe manteve acordada? — Melissa deu uma risadinha, piscando para a amiga.

Ela sabia. Claro que sabia, Nicole não poderia esconder algo assim dela, nunca poderia deixar a amiga de fora do momento mais divertido de sua vida. E imaginava que Simon também tivesse contado a Hampton, então, não havia motivo para guardar segredo. Ela nunca esconderia algo assim da amiga, de qualquer forma, e havia adorado a expressão de surpresa quando contou que não era mais pura... bem, tecnicamente nunca foi, mentalmente.

— Siinto muito destruir sua imaginação, mas dormi quase doze horas essa noite. Ninguém me manteve acorada... Infelizmente. — Nicole deu um risinho. — Não sei por que estou tão cansada, mas estou. Só saí de casa hoje porque era o seu baile, e eu não perderia por nada. — Ela tocou o ventre da amiga, sorrindo. — Mal posso acreditar que já está grávida.

— Rannolf é rápido no gatilho. — Ela riu. — É provável que tenha sido logo nos primeiros dias... Gosto de imaginar que foi naquela árvore. Foi definitivamente a melhor vez até agora. — Ela sorriu, o rosto ficando vermelho. Melissa ainda se sentia envergonhada, mas era feliz por poder finalmente comentar esse tipo de coisa com a amiga.

— Se quiser uma dica, tente contra a parede. — Nicole deu uma risadinha, mas não corou. Nicole quase não sentia vergonha.

— Nicole! — A amiga deu um gritinho, rindo. — Ainda não acredito que fizeram isso contra a parede, em um baile, com tantas pessoas por perto!

— O perigo que dá graça ao momento. — Nicole riu, se divertindo com o choque que a amiga ainda sentia. E isso era porque ainda não havia contado da última vez, no sofá de sua casa, quando ele decidiu lhe encontrar um marido. Foi a grande “despedida” dos dois.

— Vocês bem que poderiam admitir logo que fazem um par maravilhoso e se juntarem — Melissa comentou, enquanto caminhava com Nicole pelo salão. — Já sabem que são compatíveis.

— Ele não quer se casar, Mel. Nem comigo nem com ninguém, e eu nunca obrigaria ele a algo. Estamos bem como estamos, se nos juntássemos, de fato, eu imagino que daria tudo errado. — Nicole deu de ombros. — Eu sabia no que estava me metendo quando comecei.

— Só você para entrar em algo assim, sem nenhuma expectativa. Eu tentei não me apegar ao Rannolf e, veja agora, mais apaixonada do que nunca, aguardando o filho dele. Vai ser um menino, um herdeiro, eu sinto. — Ela sorriu, cobrindo o ventre com uma mão.

— Vocês são diferentes de mim e Simon. — Nicole deu de ombros novamente. — Nós não precisamos de um rótulo. Foi bom enquanto durou, e durou enquanto era bom. Simples. Agora, se me der licença, ele acabou de chegar, e eu quero dançar uma última vez com meu melhor amigo.

Ela sorriu e andou até Simon, notando que ninguém nem se virou para olhar. Até a sociedade londrina havia se acostumado com a amizade e proximidade dos dois. Ele estava especialmente bonito, com a barba feita e os olhos mais azuis, o cabelo penteado. Nicole percebeu que havia se acostumado a vê-lo sem trajes arrumados, com o cabelo jogado ao vento e entre os dedos dela. Era estranho saber que nunca mais passariam a noite juntos.

— Boa noite, Lorde Sandsore.

— Boa noite, Lady Nicole. — Ele deu um sorrisinho, forçando a formalidade que não existia entre os dois.

Ela quase riu. Vê-lo era tão natural quanto o sol, mas a formalidade que eram obrigados a ter em público ficava cada dia mais difícil. Só se pode ser formal até certo ponto, após ter visto alguém sem roupas e gritando seu nome.

— Quase não nos vimos nos últimos dias. — Ele a observou, um sorrisinho de canto, enquanto a olhava de cima a baixo.

— Eu quase nem vim hoje. Estou morrendo de sono — ela resmungou, vendo-o rir.

— Se eu te chamar para dançar, promete não adormecer nos meus braços?

— Posso tentar. — Ela sorriu, segurando a mão dele e sendo guiada até a dança. Não era uma valsa dessa vez, era algo que ela não lembrava os nomes, mas sabia os passos, que não deram muita folga para conversarem.

— Já sabe aonde irá passar o período entre temporadas? — ela perguntou, sendo rodopiada.

— Em York, como sempre. E você?

— Mamãe quer ir para Bath desta vez. Ficaremos longe.

— Sentirei sua falta. — Parecia tão sincero que quase doeu, as palavras de Melissa sobre serem um bom par rodando na mente de Nicole.

— De mim ou de partes minhas? — ela provocou baixinho, ouvindo-o dar um grunhido que parecia uma risada.

— De tudo. — Ele deu um sorrisinho de lado, piscando um olho. — Tentarei visitá-los durante o inverno, é quando terei mais tempo livre. Antes, preciso organizar as coisas na propriedade.

— Problemas com ovelhas de novo? — Ela já o conhecia tão bem, que sabia até os problemas da propriedade dele. Ela sabia tudo, o tempo todo, conhecia-o como a palma de sua mão.

— Mais especificamente com os responsáveis pelas ovelhas. — Ele fechou a cara, dando de ombros. — Não importa, eu darei um jeito.

— Boa sorte. — Ela sorriu, ouvindo a música parar. — Me acompanha para uma limonada?

— Se não tiver nada mais forte. — Ele riu, caminhando com ela. Havia algo diferente no ar, entre os dois, naquela noite.

E ela sabia muito bem o que era.



Era a despedida. Simon estava ciente disso, aquela era a última noite que teriam juntos e, por mais que não pudessem aproveitar como ele gostaria, não a deixaria partir sem, ao menos, um último beijo. Parecia até um romântico pensando assim, mas não havia como pensar de outra forma, não quando se tratava de Nicole.

Talvez ela encontrasse um homem solteiro e jovem em Bath e se casasse durante o inverno. Ele esperava que sim, Nicole merecia toda a felicidade do mundo e, para as mulheres de sua época, essa felicidade se resumia a um casamento. Nicole era diferente, é claro. Apenas um casamento não bastaria, ela precisaria de amor e de paixão, de fogo. E de um marido que a deixasse cuidar das finanças, ainda que parcialmente, pois ela tinha uma mente brilhante.

Diabos, ela precisava de alguém como ele, mas com uma diferença. Alguém que *quisesse* se casar com ela.

Ele conseguiu encontrar champanhe e a acompanhou, enquanto ela bebia a

limonada.

— Tia Kenna não tem nada planejado para o inverno? Ela costumava gostar de eventos na neve.

— Este ano, não, tudo indica que o inverno de York será muito rigoroso. É até melhor que vocês não estejam lá, sei que seu pai odeia o frio, certo?

— Ele foi criado na França, e franceses não aguentam nosso frio. — Nicole riu. Ela e a mãe, criada na Escócia, adoravam rir da intolerância ao frio que o pai tinha. Louis Bourbon detestava a neve, e elas adoravam.

— Mas ele é inglês. — Não era uma pergunta, Simon conhecia aquela família tão bem quanto a própria. E após a morte do pai, foi Louis quem o ajudou a passar de menino para conde.

— Um inglês que mais parece francês. Aliás, preciso lembrar mamãe de enchermos a paciência dele um pouco com isso, faz tempo que não a vejo dizer nada. — Nicole riu.

Simon sempre admirou a relação de Lorde e Lady Valbury. Enquanto seus pais haviam se casado por uma conveniência e criado afeto com os anos, os pais dela ainda eram perdidamente apaixonados, inclusive, Simon se surpreendia por terem apenas três filhos. A julgar pela forma como se olhavam, era de se imaginar que fossem ter uma ninhada.

Ele tinha apenas dois irmãos, John, seu herdeiro, e Elliot. O mais novo tinha apenas dez anos, então, não tinham muita proximidade. Simon não era o melhor com crianças, por mais que tentasse, as pequenas pestinhas pareciam não gostar dele.

— Brian e Phillip também vão para Bath?

— Vão, ao menos, durante os feriados de Eton e o verão. Mamãe odeia ficar longe deles.

— Boa sorte com eles. Eu mal me viro com um irmão pequeno, que dirá, dois. — Ele riu, e ela riu também, bocejando em seguida. — Você está mesmo cansada, não é?

— Estou. Não sei explicar o motivo, mas nos últimos dias venho dormindo muito e continuando exausta.

— É a velhice chegando — ele provocou, rindo. Ela revirou os olhos e sorriu.

— Então, você já é idoso. — Ela riu, deixando o copo de limonada na mesa. — Vou me deitar no salão das mulheres, por um instante. Se quiser me acompanhar... — ela provocou, com uma risadinha.

— Eu bem que gostaria, mas não quero você dormindo no meio do ato — ele sussurrou, com um risinho. — Mas eu te levo até lá, minha dama. — Ele fez um floreio ao estender o braço para ela, vendo a amiga sorrir de lado e segurar o

braço dele.

Aproveitaram que a atenção estava em Melissa e Rannolf, andando apaixonados, como nunca, pelo salão. Até Simon, cético para o amor, reconhecia a paixão dos dois. Ele caminhou com Nicole até a porta do salão das mulheres, parando no corredor para se certificar de que não havia ninguém por perto e deu um sorrisinho, a puxando para si.

— Não vai querer um beijo de boa noite antes?

— Sempre. — Ela sorriu, enroscando os dedos no cabelo dele. Entre os dois era assim, Simon não precisava criar um momento ou clima para beijá-la. Só em existirem e estarem próximos o momento já se fazia.

E ele a beijou, não como se fosse a última vez, mas como se fosse a primeira. Ele sabia que esse seria seu último beijo, então teve calma. A beijou devagar, explorando a boca dela com a sua, deixando a língua deslizar contra a dela. A apertou contra si, prendendo-a em um abraço do qual nenhum dos dois gostaria de sair. Ele a queria para si, mas sabia que essa noite não teria mais que seus beijos.

Foi um beijo longo, como nenhum outro, sem pressão para algo mais, sem o desespero carnal de sempre. Foi um beijo, apenas por beijar, um beijo de despedida com gosto de começo. E quando se soltaram, ambos sem ar, só restou uma coisa a ser dita.

— Até mais, Nicky.

— Até mais, Simon.

E se afastaram, sabendo que, por mais que fosse “até mais”, nunca mais seriam o que foram nesse último mês.



Capítulo 6

Dois meses depois

Nicole estava comendo seu terceiro doce de morango do dia. Estava morrendo de fome e só Deus sabia por que estava obcecada com doces de morango, ou então, de morango com hortelã, algo muito específico, que fez a cozinheira da casa erguer uma sobrancelha quando ela pediu. Bem, ao menos ela fez o doce, mesmo julgando os desejos da patroa.

Nicole estava sentada em sua cadeira de balanço, morrendo de tédio. Era estranho passar o verão sem ter Simon por perto, e ela estava morrendo de saudade dele. Sim, ela sentia falta de *ser dele*, mas, acima de tudo, sentia falta de apenas tê-lo por perto. Conversar com ele, passar tempo ao seu lado. Imaginava quantas piadas indecentes ele estava ouvindo em tavernas e se lembrando para contar a ela.

A mãe apareceu na varanda, com um sorriso para a filha.

— Nicole, aí está você... comendo doces de morango, novamente. — A mãe balançou a cabeça. — Vai acabar engordando assim, sua barriga já está maior.

— Não precisa se preocupar, mamãe, depois emagreço novamente. — Nicole deu um sorriso e a mãe apenas balançou a cabeça, rindo.

Lady Ailee sempre foi de um bom humor maravilhoso, e não julgava as decisões de nenhum dos filhos. Os meninos faziam besteiras no colégio e ela dava risada, Nicole corria com Simon por aí e ela não reclamava. A única vez que reclamou, foi quando ouvira a filha falando palavrões, não aceitava esse tipo de linguajar em nenhum dos três filhos.

Ela se sentou ao lado de Nicole, olhando a menina com uma curiosidade fora do normal.

— Chegou um convite de sua amiga para nós, um evento entre temporadas, com mais de um mês de duração, na residência Hampton em Hampshire. Até os meninos foram convidados, se estiverem em casa. — Lady Ailee sorriu e tirou um envelope do bolso, o entregando à filha. — E isso chegou especialmente para você.

Era uma carta de Simon. Nicole sentiu o peito acelerar na hora que viu a carta, abrindo o envelope, com cuidado, para a mãe não ver. Era um bilhete curto, na caligrafia dele, que a fez se arrepiar. Diabos, talvez ela tivesse mais sentimentos por ele do que gostaria de admitir.

Nicole,

Como vai você? Eu adoraria ir lhe visitar em Bath, mas estou atolado em compromissos. Nos encontraremos na casa de campo de Hampton, mal posso esperar para vê-la.

Com carinho, Simon.

P.S. espero que tenham muitos corredores lá.

Ela sorriu para o bilhete, ouvindo a mãe pigarrear e se recompôs, não querendo que ela desconfiasse de nada.

— Simon avisou que só poderá nos ver no evento de Hampton — ela resumiu o bilhete, deixando as partes mais importantes de fora.

— Sei. — A mãe deu um sorrisinho, observando a filha. — Você e Simon passaram mais tempo juntos nessa temporada, eu pensei ter visto algo acontecer...

— Não aconteceu nada, mamãe. Simone e eu somos apenas o que sempre fomos, nada mais. — Nicole tentou não mostrar que estava nervosa.

— Se você diz... — Ailee deu um sorriso, se levantando. — E arrume suas coisas, iremos partir para Hampton na semana que vem, é uma estrada curta, mas não quero chegar tarde.

— Sim, mamãe.

— E levaremos os meninos, ao menos, até eles precisarem voltar para o colégio. — Lady Ailee sorriu e voltou para dentro, deixando a filha sozinha com seu bilhete. Não contaria a Nicole que leu antes dela, mas imaginava o que Simon queria dizer com aquilo sobre corredores.



Uma semana depois.

Nicole estava ansiosa. Iria ver Simon, iria ver a melhor amiga grávida, iria ver todo mundo novamente. Mas não tentaria enganar a si mesma, o motivo de sua ansiedade era puramente ele. Estava com um embrulho no estômago, mas imaginava que fosse apenas nervosismo, ansiedade.

Entrou na carruagem, usando seu vestido azul favorito. Sempre de azul, raramente de outra cor. O pai e a mãe estavam sentados lado a lado, enquanto ela estava no banco em frente a eles, ao lado dos irmãos. Brian e Phillip eram idênticos, com a mesma pele clara, cabelos castanhos e olhos azuis. Eram muito bonitos em seus quinze anos de idade, e Nicole imaginava que deixariam as damas da sociedade loucas quando fossem adultos. Ela adoraria assistir aos irmãos correndo de mães casamenteiras e solteiras desesperadas.

Estavam quase na metade do caminho quando ela começou a enjoar. Nicole nunca enjoava em viagens, adorava a estrada, mas, ainda assim, estava se sentindo péssima. O estômago embrulhado, o enjoo crescendo. Ela engoliu em seco, se virando para o pai.

— Papai, pare a carruagem.

— O quê? Nicole, por que....

— Pare a carruagem! — ela gritou, cobrindo a boca com as mãos. O pai deu duas batidas bem fortes no teto para que o cocheiro parasse, e Nicole mal teve tempo de abrir a porta e saltar da carruagem, antes de vomitar todo o doce que havia comido antes de sair de casa. E, enquanto via seu doce de morango favorito fazer o caminho inverso, foi que ela começou a raciocinar.

Ela limpou a boca com as mãos, arrancando as luvas sujas e as jogando no mato fora da carruagem. E quando seu olhar encontrou o da mãe, tudo fez sentido.

A fome descontrolada, o sono excessivo, a vontade estranha por doces específicos de morango... suas regras que não desciam há meses e ela não estranhou por estar acostumada com atrasos, o ganho de peso. Diabos, não podia ser.

Mas era. Nicole estava grávida.



Capítulo 7

Simon havia chegado cedo. Era a casa do melhor amigo, afinal de contas, e ele tinha a liberdade de ficar lá quando quisesse. A verdade era que estava esperando-a chegar. *Nicole*. Ele estava na sala de recepção, no canto oposto da entrada, quando ela chegou.

E foi como se o mundo parasse de girar.

Simon não era do tipo que repetia garotas. Todas as suas amantes duravam uma noite, talvez duas, mas Nicole foi diferente, ela durou semanas. Inferno, durou meses. Desde que se separaram, ele não conseguia parar de pensar nela e, por mais que tentasse esquecê-la com outras mulheres, acabava sempre se envolvendo com loiras altas e de olhos azuis, que não chegavam aos pés da garota com quem ele tentava compará-las. E, ao vê-la ali, olhos mais azuis do que nunca, o cabelo loiro fora do lugar por causa da viagem, as sardas mais lindas que já vira, ele realmente percebeu a enrascada em que havia se metido. Estava fascinado, obcecado por ela.

Era a coisa mais linda que ele já havia visto. Que o diabo o carregasse, mas Nicole parecia brilhar como um anjo naquele momento. Não eram sentimentos, claro que não, ele não tinha sentimentos assim por ninguém, era apenas um fascínio. Um fascínio que o deixava sonhando acordado, e que agora o havia deixado paralisado, de boca aberta, vendo-a desaparecer nas escadas como um lindo e majestoso vulto azul. Havia algo diferente nela, mas ele não conseguia notar o quê. Parecia a mesma Nicky de sempre, e ele nunca desejou tanto uma mulher na vida, quanto a desejava naquele momento. Só os pensamentos que tinha de tanto querer tocá-la novamente, saborear cada milímetro dela. Pensou no bilhete que mandou e deu um sorrisinho de canto, saindo do torpor em que se encontrava e começou a andar até o corredor por onde ela desapareceu, a procurando.



Uma hora antes.

Nicole não podia acreditar. Não, era mentira, certamente estava enganada, não podia estar grávida, de Simon, ainda por cima. Era um engano, uma doença. Tudo, menos isso.

A mãe a encarava com olhos incisivos, enquanto ela desviava e puxava assunto com os irmãos, tentando se distrair. Que o diabo a carregasse, Nicole estava com medo de ser verdade. O que ela faria se estivesse mesmo esperando

um filho?

Estaria desgraçada, a reputação jogada no lixo, tudo pelos ares. Iria perder tudo se alguém descobrisse. E o pior, o movimento da carruagem a estava deixando enjoada novamente. Ela engoliu em seco, cobrindo a boca com uma mão e o estômago com a outra.

— Nicole, está tudo bem? Você está pálida.

— Apenas um pouco enjoada, papai. Devo ter comido algo que me fez mal, antes de sairmos, preciso parar com os doces de morango. — Ela deu uma risadinha falsa, tentando manter o pouco de compostura que lhe restava.

— Eu posso pedir para Jeffrey parar novamente, se for necessário. — O pai estava preocupado. — Você pode estar doente, talvez seja melhor voltarmos para Bath, ou para Londres e...

— Não, papai, não precisa. É apenas um enjoo passageiro, vou ficar bem.

A ideia de não ver Melissa, Katherine e, principalmente, Simon a deixou ainda mais enjoada, agora por um motivo diferente. Pânico.

Precisava falar com as amigas, Melissa estava grávida, saberia ajudá-la a entender os sintomas e se estava mesmo grávida ou não. E Katherine era muito compreensiva, a ajudaria no que fosse necessário, principalmente agora que era a mais nova Duquesa de Briston. Ela e Oliver, agora Lorde Briston, se casaram numa cerimônia pequena, logo após a temporada terminar. Não queriam esperar, nem ficar distantes por muito tempo.

Nicole sentiu o estômago se embrulhar novamente, ao perceber que sua possível gravidez poderia ser solucionada por um casamento, algo que ela sabia que era mais do que impossível. Simon nunca se casaria, ele já havia deixado isso bem claro nos últimos anos. Ele morreria solteiro e deixaria para John a responsabilidade de gerar herdeiros para o título de Sandsore. John. Nicole sentiu um calor no peito ao lembrar do irmão dele, que também sempre foi muito seu amigo. Tinham a mesma idade e, por mais que não fossem tão próximos, quanto era de Simon, sabia que podia confiar em John.

Quem sabe ele a ajudasse com Simon, se tivesse sido convidado. Ela esperava que sim.

— Eu acho que Nicole vomitou por estar muito doente — Phillip comentou, com uma risadinha. — E deve ter me infectado, então, não poderei retornar as aulas em duas semanas.

— *Haha*, muito engraçado. — Ela revirou os olhos, vendo a mãe balançar a cabeça.

— Não vai escapar dos estudos tão facilmente, mocinho.

— Mas, mãe...

— Nada de “mas”. Veja seu irmão, ele não reclama de estudar.

— Claro que não, ele passa todo o tempo pintando com aquelas telas bobas. — Phillip cruzou os braços, fechando a cara. Brian riu, dando de ombros.

— Sinto muito, se eu tenho um talento e você, não.

— Falando nisso, Bri, como andam as telas? Não fez nenhuma para mim ainda. — Nicole sorriu para o irmão, grata por ter algo sobre o que falar, além de si mesma, e tirar da mente os pensamentos sobre bebês e gravidezes.

— Eu vou fazer. Quero fazer um quadro seu, correndo pelos campos, como sempre. Vou aproveitar as férias aqui para fazer isso, espero acabar antes de retornar ao colégio. — Ele sorriu, falando com uma educação impecável.

A grande diferença entre os gêmeos era a doçura de Brian e a rigidez de Phillip. Phill era o projeto de libertino da família, o garoto impulsivo e sem muita noção do que estava fazendo. Brian era mais sério. Nasceu primeiro, então, seria Lorde Valbury algum dia, o que o dava uma responsabilidade maior. E era doce como açúcar, simpático e amoroso com todos à sua volta. Era o maior orgulho dos pais.

— Viu só? Ele só pensa em tintas — Phillip resmungou, fazendo a irmã rir.

— Muito bem, falando em tintas, sabe minha amiga, Melissa, na casa de quem iremos ficar? Ela pinta e muito bem. Quem sabe ela possa lhe dar umas dicas, Brian. E Phillip — ela se virou para o mais novo por doze minutos —, Rannolf e Simon estarão lá, quem sabe você não consegue aprender uma coisinha ou duas sobre boas maneiras.

— Nicole! — A mãe a encarou. — Não chame Lorde Hampton pelo primeiro nome.

— Ele e Melissa me deram permissão. — A garota deu de ombros, vendo a mãe revirar os olhos. Percebeu que dessa vez a mãe não reclamou sobre ela se referir a Simon pelo primeiro nome. Estranho.

Viu a residência Hampton se aproximar e deu graças a Deus, finalmente iria descer daquela carruagem sacolejante. Tinha a sensação de estar suando frio, segurando a ânsia de vômito com toda a força que tinha. Quando, por fim, desceu da carruagem, ela respirou o ar fresco de uma vez, sentindo o cheiro do campo entrar em seus pulmões e seu estômago se acalmar, agora que estava em terra firme.

Entrou acompanhada da família na sala de recepção, que era extremamente linda. Pequenas decorações em mesinhas, as paredes num tom claro de creme com arabescos desenhados à mão. Era uma sala muito linda, com até alguns sofás para visitantes esperarem as carruagens. Havia três portas que davam acesso ao resto da casa, Simon estava parado em uma delas. Mas Nicole não teve tempo — ou coragem — de olhar para ele, pois, Melissa veio abraçá-la.

— Nicole! Demoraram tanto que eu pensei que não viesse. — Melissa

sorriu, abraçando a amiga. — Quais são as novidades?

— Muitas, inclusive, preciso falar com você sobre algo.

— Já chega assim? — Melissa sorriu, se virando para a porta mais perto delas, que dava acesso às escadas. — Vamos, vou lhes mostrar seus quartos e você pode me contar tudo mais tarde. Ainda tenho muita gente para receber, convidados de todos os lados...

Ela estava claramente amando ser anfitriã, e Nicole não poderia julgá-la. Imaginava que deveria ser divertido ter tudo aquilo para organizar, fazer uma pequena temporada em casa, no meio do verão. Imaginava se um dia teria essa chance... provavelmente, não.

Se melancolia realmente fosse um sintoma da gravidez, então, ela podia ter certeza do diagnóstico, pois, há dias estava com uma tristeza fora de seu normal. Droga.

Por ser amiga de Melissa, Nicole ganhou um quarto só para si. Ao lado estava o quarto dos irmãos, e na outra ala da residência ficaram os pais, onde estavam os casais. Melissa era muito organizada, e também não queria os pais de ninguém vigiando demais os filhos. Não era uma boa temporada de campo sem um escândalo ou dois, e ela precisaria de damas sozinhas para os escândalos nascerem. Nicole achou a amiga muito inteligente.

Ela entrou no quarto, sorrindo com as paredes e colchas azuis. Melissa a conhecia bem. Como só poderia falar com a amiga mais tarde, ela resolveu dar um passeio pela casa.

Estava descendo as escadas da ala sul quando ele apareceu...



— Nicky.

— Simon. — Ela olhou para ele por um instante, não se contendo e aproveitando a privacidade dos dois para pular em seus braços. Precisava de um abraço.

— Imagino que tenha sentido minha falta. — Ele riu, mas a abraçou de volta, inalando o perfume dos cabelos dela. Ter Nicole em seus braços novamente o fazia pensar que nem o paraíso seria tão bom. Malditos fossem esses pensamentos obsessivos por ela.

— Senti. — Ela deu um sorrisinho, se afastando dele e o olhando. — Continua mais baixo que eu — ela provocou, o fazendo retornar a outros tempos e rir, balançando a cabeça.

— Creio que quis dizer “mais alto”, Nicky. — Ele deu um sorrisinho, se

aproximando dela. — Não ganho um beijo de olá?

— Pensei que tivéssemos parado com isso.

— Uma recaída ou duas não fazem mal... — Ele deu um sorrisinho de lado, se inclinando para perto dela e lhe roubando um beijo rápido. Depois outro, e mais um, até que ela o empurrou contra a parede e o beijou de verdade.

Foi como todos os beijos que trocavam, uma explosão instantânea. Fogo e pólvora se encontrando e se consumindo, numa explosão de sabores. Ele sentiu um gosto diferente na boca dela, uma forma errada de morango, mas não comentou. Não importava, era a sua Nicole em seus braços novamente. Diabos, ele poderia tomá-la ali mesmo, naquela escadaria.

— Simon... Alguém vai nos ver.

— Deixe que vejam — ele resmungou, fora de si, cobrindo-a de beijos, descendo os lábios pelo pescoço até o colo do vestido. Gostou de ela estar sem luvas, sentindo as mãos dela em seus cabelos e em seu pescoço.

— Simon... — Ela mais gemeu do que falou o nome dele, suspirando. Ouviram passos e se afastaram, num pulo, começando a descer os degraus como se estivessem apenas conversando. O único traço do beijo que restou foi o rosto corado dela e a respiração ofegante de ambos. Era apenas uma criada passando, que deu um risinho para ele. Simon não evitou olhar enquanto a garota passava, e Nicole revirou os olhos. — Não pode ver um rabo de saia... — provocou, rindo.

Ele ergueu uma sobrancelha e a puxou para si, ficando com as costas na parede e segurando-a pela cintura.

— Por que me preocupar, se tenho meu próprio rabo de saia bem aqui?

Ele deu um sorrisinho e ela riu, começando a lentamente desabotoar a gravata dele.

— Isso é tão errado, em tantos níveis... — ela sussurrou, sem parar. Ele deu um sorriso maior, mais sincero, vendo-a morder o lábio inferior.

— E você não quer estar certa, quer?

— Nem um pouco. — Ela puxou a gravata dele, se inclinando e o beijando novamente. As mãos dele passaram para as costas dela, puxando os botões do vestido.

E, mais uma vez, um pertenceu ao outro, em um corredor, e ela momentaneamente se esqueceu da preocupação urgente e gritante. Se esqueceu de tudo, menos dele.



Capítulo 8

Nicole sabia que havia feito uma besteira enorme, mas não conseguia se arrepende. Podia estar grávida e, em vez de contar a Simon que ele seria pai, preferiu se entregar a ele em mais um corredor. E agora, em seu quarto, semidecomposta, ela só conseguia pensar no quão bom havia sido. A sensação de tê-lo novamente era maravilhosa, e ela não queria estragar isso com a possível gravidez. Precisava falar urgentemente com Melissa.

Se levantou, o cabelo solto mesmo, e começou a andar pelos corredores em busca do quarto da amiga. Teve que pedir ajuda a duas criadas, que disseram que a duquesa estava na biblioteca, então, Nicole desceu as escadas até lá, encontrando a amiga e o marido conversando.

— Nicole! Eu estava lhe procurando mais cedo, e não lhe encontrei. Onde estava?

— Com Simon. — Nicole deu um sorrisinho, vendo a amiga arregalar os olhos. Hampton apenas observava as duas. — Creio que já estreamos bem seu evento de campo. — Nicole não foi específica, sabendo que a amiga entenderia o que ela queria dizer. Hampton ergueu uma sobrancelha para as duas.

— Posso saber o que está acontecendo?

— Nem pensar. — Melissa sorriu para o marido, se aproximando dele e o beijando no rosto. — Até mais, querido.

— Até mais... — Ele ficou observando as duas saírem, balançando a cabeça.

— Então, me conte tudo. — Melissa sorriu para a amiga, enquanto andavam até as escadas.

— Aqui não... Tenho medo que alguém escute.

Nicole com medo? Isso era novo. Melissa assentiu, caminhando em silêncio até entrarem no enorme quarto, os aposentos da duquesa. Era todo decorado em tons de rosa e vermelho, com arabescos até o rodapé alto e decorado. A cama, que Nicole tinha certeza de que só servia de enfeite, já que Melissa e Rannolf não se desgrudavam nunca, era de dossel decorado, com uma colcha num tom claro de rosa. Era um quarto bonito.

Melissa se sentou na cama, batendo no espaço ao seu lado para a amiga se sentar.

— Muito bem, pode ir falando, o que aconteceu? Não me diga que ele a deflorou, de novo, dessa vez, no meu corredor? — Melissa estava com os olhos quase pulando da cabeça e Nicole riu, assentindo.

— Sinto lhe dizer que sim, seus corredores viram coisas inimagináveis hoje. — Nicole riu. Tinha uma confiança cega em Melissa, então, não se

incomodava em contar até os detalhes, se a amiga os pedisse.

— Já?! — Melissa levou um susto, em seguida, rindo. — Mal consigo acreditar, mas vindo de vocês, eu nem deveria me surpreender, não é?

— Faz sentido. — Nicole riu.

— Mas por que sempre corredores?

— E eu sei? — Nicole balançou a cabeça. — Apenas acontece, o momento surge e quando eu vejo, já estamos nos beijando e nos... bem, você sabe. — Nicole não ficou vermelha, mas deu uma risadinha.

— Impulsivos. — Melissa balançou a cabeça, rindo também.

— É esse o problema. Bem, esse e mais algo... — Nicole respirou fundo, tentando encontrar coragem para contar à amiga. — Mel, como ter certeza de uma gravidez?

— Bem, é só sentir a pressão no abdômen, os sintomas clássicos e... espera! Você...? — Melissa deu um gritinho agudo. — Nicole!

— *Shh*, não quero que ninguém saiba. Não tenho certeza, ainda.

— Tudo bem, tudo bem, estou calma. — Melissa respirou fundo, tentando controlar o pequeno chilique que estava prestes a dar. — Há quanto tempo suas regras não descem?

— Há alguns meses, mas elas sempre atrasavam, então nem desconfiei de nada. Só que não é só isso, eu também venho morrendo de fome, comendo doces de morango como se minha vida dependesse disso, ganhei peso, e passei mal na viagem para cá.

— Mas você nunca enjoa em carruagens.

— Exatamente. — Nicole engoliu em seco, olhando para a amiga.

— Ok, vamos aos sintomas menos óbvios. Seus seios estão inchados? Christine disse que foi assim que descobriu a gravidez dela.

— Não sei, talvez um pouco? — Nicole suspirou, abaixando a cabeça entre as mãos.

— Fique de pé — Melissa praticamente ordenou, e Nicole obedeceu. — Posso? — Ela ergueu uma mão na direção da barriga de Nicole, que assentiu. Melissa a apalpou um pouco, sentindo a rigidez de seu ventre e o tamanho que estava. Suspirou.

— E então?

— Acho melhor se preparar para dar a notícia a ele. Você só pode estar grávida, Nicole. — Ela deu um sorriso, que esmaeceu no momento em que a amiga caiu no choro. — Nicole?

— Eu não posso, Mel, eu não posso estar grávida. — Ela se sentou ao lado da amiga novamente. — Eu estou arruinada.

— Mas, Nicole, é de Simon...

— Exatamente! — Ela estava em pânico, isso qualquer um poderia ver. A respiração dela ficou rápida. — Simon não vai reagir bem, ele nunca quis se casar nem ter filhos. Ele vai ficar furioso comigo, Melissa.

— A culpa é tão dele quanto sua, na verdade, ele é quem deveria ter tomado cuidado. Existem formas de impedir uma gravidez...

— Eu sei que existem! Ele sempre fez isso com todas as amantes, eu conheço as histórias, mas comigo, ele... ele esqueceu. — Nicole engoliu o choro, olhando para a amiga. — O que eu faço?

— Calma, nós vamos pensar em algo. — Melissa abraçou a amiga, e em seguida, ouviram uma batida na porta. — Sim?

— Sou eu. — Hampton abriu a porta, erguendo as sobrancelhas ao ver as duas. — Gladys estava te procurando, algo sobre o menu do jantar.

— Droga — Melissa praguejou, olhando para a amiga em seus braços. — Nicole, você pode ficar com Rannolf um instante? Pode confiar nele, é capaz até que ele saiba te ajudar.

— Tem certeza?

— Tenho. — Melissa sorriu, beijando a testa da amiga e a deixando com o marido, enquanto ia resolver o que quer que fosse a emergência do jantar.

Rannolf, Lorde Hampton, parecia bem desconfortável com a garota chorando, mas se aproximou dela.

— O que ele fez? — Quando ela ergueu uma sobrancelha, ele deu de ombros. — Simon. É por causa dele que você está chorando, não é?

— De certa forma...

— O que ele fez? — ele perguntou de novo, se sentando na poltrona em frente à cama. — Pode me contar.

— Ele me engravidou, o desgraçado — Nicole resmungou. Em breve, todos saberiam mesmo, e Rannolf era marido de sua melhor amiga, além de melhor amigo de Simon. Se não pudesse confiar nele, confiaria em quem?

— Ah, então você é a garota misteriosa dele. Eu imaginei. — Ele sorriu, dando de ombros. — E qual o problema nisso? Não está aparente ainda, dá tempo de se casarem.

— Ele não vai querer se casar. — Ela ergueu o olhar, secando as lágrimas que ainda caíam aos poucos. — Até parece que não conhece seu amigo.

— Conheço bem o bastante para saber que, por mais que, a princípio, ele diga que não, ele acabará se casando com você, sim. Simon tem um senso enorme de honra, maior que qualquer drama dele sobre não querer se prender. E é você, ainda por cima, a única pessoa no mundo que ele talvez ame.

— Ele não me ama.

— Como amiga, ama sim. Você é praticamente família dele, Nicole. Agora

é, de fato, já que carrega o filho dele. E ele vai ter que aceitar isso.

— Tem certeza? As chances maiores são de que eu acabe arruinada e jogada aos cantos. — Ela fungou, parando de vez de chorar.

— Na pior das hipóteses, Melissa e eu lhe acolhemos. Não vai ficar desamparada, disse, pode ter certeza.

Ele sorriu e Nicole, finalmente, enxergou o que a amiga gostava tanto em Rannolf. Ele poderia até parecer um duque frio, mas tinha um coração de ouro.

— Obrigada, aos dois. — Ela sorriu, secando o rosto. — Amanhã eu falo com ele, hoje... Não seria uma boa ideia.

— Não quero nem imaginar o motivo. — Ele balançou a cabeça e ela riu. — Vamos, é quase hora do jantar e você precisa se recompor. — Ele se levantou, estendendo um braço para ela.

Nicole sorriu, aceitando o braço dele e sendo guiada até o próprio quarto. Rannolf a deixou na porta, com uma promessa de que tudo iria ficar bem, e ela entrou, indo se arrumar.

Enquanto trocava de vestido, ela parou para pensar, repousando uma mão sobre o ventre. Estava grávida mesmo, não havia como negar. Sua barriga estava maior, mais rígida, havia alguém ali dentro.

— Oi — ela sussurrou para o próprio ventre, dando uma risadinha baixa. — Sou eu, a mamãe. Prometo que vou tomar conta de você, seja lá quem for. Eu chorei por medo, mas não tenho nada contra você, tudo bem?

Ela se sentiu um pouco estúpida, conversando com o próprio ventre daquele jeito, mas sabia que as mães normalmente faziam aquilo e resolveu tentar. Acabara de se tornar mãe, mesmo que seu bebê ainda não tivesse nascido. Respirou fundo, pegando um vestido num tom mais escuro de azul e prendendo os cabelos num coque bagunçado, mas foi o melhor que conseguiu fazer rápido e sem ajuda.

Começou a descer as escadas para a sala de jantar, parando ao ver um rosto conhecido. Os cabelos num tom claro de castanho, os olhos de amêndoas, a semelhança quase inexistente com o irmão. Ela sorriu.

— John! — E que se explodissem as regras da sociedade, ela correu para abraçar o amigo. Ele riu, passando os braços em volta dela e a segurando junto de si. Era seu terceiro melhor amigo, depois de Simon e Melissa.

— Sentiu minha falta, baixinha? — Qual era a implicância dos dois com sua altura? Ao menos, John realmente era mais alto, pelo menos, um pouco.

— Por onde você esteve? — Ela sorriu, se afastando dele e o observando. O garoto de quem se lembrava agora era um homem. — Raramente recebi alguma carta sua.

— Acho que foi a última vez que lhe escrevi, eu ainda estava no

continente. Depois disso, parti para as américas. — Ele deu um sorrisinho de canto, que o deixava extremamente parecido com o irmão. — Você iria adorar lá.

— Sério? — Ela sorriu, começando a andar com ele pelas escadas. — Como é lá?

— É lindo. Parece uma versão nova e menos civilizada da nossa sociedade. Mulheres andam a cavalo livremente, algumas até usam calças!

— Eu adoraria usar calças. Odeio ter que cavalgar de lado.

— Sabia que diria isso. — Ele riu. — Também tem os nativos, que mal cobrem suas vergonhas, sem pudor nenhum aos olhares alheios. E o oeste, com cowboys começando a busca pelo ouro. Você iria adorar conhecer.

— Tenho certeza que sim. — Ela sorriu, olhando para ele. John era tão fácil de lidar.

— E se me permite dizer, se bem que eu vou dizer de qualquer jeito, você ficou maravilhosa. E cresceu, está quase do meu tamanho. — Ele riu, passando um braço em volta dos ombros dela.

— John, alguém pode nos ver.

— E daí? Você nunca ligou para aparências. — Ele riu, abraçando-a de lado. Ela riu também, parando ao reconhecer outro rosto no topo das escadas. — Simon — John cumprimentou o irmão, soltando Nicole.

— John — Simon respondeu, sério. E então deu uma risada e abriu os braços, abraçando o irmão. — Senti sua falta, pirralho.

— Apenas quatro anos de diferença... E eu sou mais alto. — John riu, retribuindo o abraço.

Nicole ficou apenas observando, balançando a cabeça. Era bom ter John por perto nesse momento, se tudo desse errado, ele, ao menos, controlaria Simon. Sempre foram opostos, a calma e o furacão.

— Qual a fixação de vocês por altura, *hein*? — Ela riu, se aproximando dos dois.

— Hierarquia, controle sobre os outros, imposição de poder... — John respondeu, rindo. Ela aproveitou o ensejo.

— John, eu sou mais alta do que ele, não sou? — Ela se aproximou de Simon, ficando ombro a ombro com ele. Até ali, numa brincadeira, a energia entre os dois era inegável.

— Um centímetro mais alta, talvez. — Ele riu, vendo o irmão revirar os olhos.

— Você precisa de óculos, John. Ela é, no máximo, da minha altura.

— Não é, não, é mais alta — John provocou, rindo da irritação do irmão.

Nicole se divertiu com aquilo, vendo os dois se implicarem, pensando que talvez não fosse ser tão ruim entrar para aquela família. Falaria com Simon no

dia seguinte, pois, já haviam tido muitas emoções. E então seria o que Deus quisesse.



Capítulo 9

Ela iria contar. Estava no final da tarde, segundo dia no campo, e ela iria contar. Teria que contar, o tempo estava passando e já podia estar bem com uns três meses de gravidez.

Não sabia como ele reagiria, mas precisava ser mulher o bastante e tomar uma atitude. Precisava contar a Simon que estava esperando um filho dele, mas como faria isso? O que diria?

Estava se vestindo, enquanto pensava. Colocou um vestido num tom de creme, variando um pouco do azul que sempre usava. Eram raros os momentos em que optava por outra cor, mas este parecia apropriado. Ela estava com medo. Respirou fundo, prendendo os cabelos em um penteado simples, em seguida, calçando suas sapatilhas. Parou na frente do espelho, colocando uma mão sobre o ventre.

— Vai ficar tudo bem — ela sussurrou, para si mesma e para o bebê que estava ali dentro. — Vai dar tudo certo, talvez ele nem reaja tão mal. — Ela deu um sorrisinho, apertando um pouco seu ventre. Havia alguém ali com ela agora, o tempo todo dentro dela. Seu bebê.

Nicole se surpreendeu com a rapidez com que aceitou a ideia de estar grávida e o quanto já amava aquele bebê. Passado o susto inicial, ela percebeu que gostava da ideia de um filho. Gostava da ideia de ser mãe, de ter uma vida crescendo dentro de si, um pequeno anjinho esperando para nascer. O que quer que fosse acontecer, ela iria cuidar daquela criança com a própria vida.

Imaginava o bebê parecido com Simon. Uma menina, de cabelos pretos e olhos azuis. Ou então, um menino, loiro como ela, e tão esperto quanto o pai. O pai. Estava aí o único problema, o único medo dela. Simon não tinha bastardos, ela saberia se tivesse, e conhecia as histórias. Ele sempre se cuidava para não engravidar as mulheres com quem se deitava, fossem elas cortesãs ou nobres. Mas com Nicole, ele parecia ter se esquecido disso, ter deixado escapar da mente as precauções que deveria tomar.

Seja como for, Nicole estava com medo da reação dele. Abraçou o próprio ventre uma última vez e saiu do quarto, com a pouca determinação que pôde reunir. Sabia onde era o quarto dele, Rannolf havia lhe contado, mas quando bateu na porta, ninguém respondeu. Bem, seria fácil demais se o encontrasse na primeira tentativa.

Continuou andando pela casa, olhando em volta, perguntando a um e outro se haviam visto Lorde Sandsore. Sandsore... foi então que lhe atingiu que seu bebê seria herdeiro de uma fortuna. Seria o herdeiro dele, o bebê *dele*. Não

apenas do Simon que conhecia, mas do Conde de Sandsore. Se seu filho fosse um menino, poderia carregar o título algum dia.

Bem, isso se Simon aceitasse se casar com ela, e é aí que morava o perigo. Ele poderia muito facilmente dizer que não.

Ela finalmente o encontrou, nos fundos do jardim, caminhando perto de uma mesinha de ferro toda decorada. Ótimo, teria onde se sentar, caso precisasse. Ela correu até ele, sem se importar com os poucos olhares que estavam no jardim. Nada mais importava.

— Simon. — Ela sorriu, parando em frente a ele. — Preciso falar com você.

— Nicky. — Ele deu um sorrisinho de lado, observando-a. — Abandonou o azul?

— Um pouco. — Ela deu um sorrisinho, sem ser capaz de evitar flertar com ele. — Mas, como eu disse, preciso falar com você.

— Está séria. O que foi? Aconteceu algo? — Ele parecia até preocupado. Ela esperava que se mantivesse assim, após saber.

À medida que escurecia lá fora, o jardim ficava mais vazio. Era bom, menos público para sua humilhação.

— Eu... bem, se lembra de nossos encontros nos corredores, armários de toalhas e quartos, certo? — Ela ergueu uma sobrancelha, vendo-o dar um meio sorriso. — Com certeza, se lembra do meu segundo vestido favorito sendo rasgado e tendo dois botões arrancados.

— Claro que me lembro, como poderia esquecer?

— Bem, nenhum de nós dois parou para pensar nas possíveis... consequências. — Ela estava falando “bem” muitas vezes, dando muitas pausas enquanto falava. Precisava ir com calma.

— Ah, isso. — O sorrisinho dele morreu. — Bem, eu reconheço que talvez não tenha me cuidado o suficiente, mas creio que não haverá nenhum problema.

— Simon...

— Iremos tomar mais cuidado daqui pra frente, ou se preferir assim, podemos apenas parar com nossos encontros. — Ele parecia... decepcionado? Era difícil de dizer.

— Não, não prefiro parar. Só estou perguntando... e se for tarde demais?

— Tarde demais?

— Simon, eu estou grávida.



O chão desapareceu dos pés dele, Simon sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Não, aquilo não poderia ser verdade, não poderia ser sério.

— Nicole, isso não tem graça. — Ele estava de cara fechada, encarando-a. Tinha a sensação de que todo o sangue tinha fugido de seu corpo.

— Claro que não, não foi uma piada. — Ela estava séria demais, deveria estar falando a verdade. Mas... como?

Bem, ele sabia como, é claro que sabia. Casais fodem e bebês nascem, ele sempre soube como funcionava, e sempre teve sua regra de não procriar. Não queria filhos, não queria compromissos, não queria estar preso a nada nem ninguém. Que bela estupidez ele fez quando se esqueceu dessa regra, justo com Nicole.

— Nicole, você não pode estar falando sério. Eu não quero filhos, sempre soube disso.

— Acha mesmo que eu brincaria com algo assim? Não estou brincando, não estou rindo, não estou contando nenhuma piada. Estou falando sério, e você não sabe o quanto me dói ver você considerar isso uma brincadeira.

— Mas, Nicole, você não pode estar grávida.

— Mas estou! — ela explodiu, e ele notou a voz dela ficar embargada. Ah não, choro não. — Acha que eu queria isso, que eu queria estar grávida agora? E justo de você?!

— Justo de mim?

— O único lorde que se recusa a ter filhos, o único libertino sem bastardos. Acha que eu gosto da ironia da minha má sorte de ser justo eu a engravidar de você? Acha que eu optaria por isso, se tivesse escolha?

— Então, opte por algo diferente! — ele explodiu também. — Faça como tantas garotas de bordeis e...

— Você acabou de me comparar com uma cortesã?! — ela gritou, os olhos se enchendo de lágrimas. Inferno, ele não estava sabendo escolher as palavras, mas alguém poderia culpá-lo por não ter controle da língua naquele momento? — Eu sabia que era só mais uma para você, sempre soube, mas ser comparada com uma garota qualquer de um bordel...

— Não foi isso que eu quis dizer... Estava me referindo aos chás que elas tomam! Como acha que aquelas garotas duram tanto tempo sem engravidar?

— O quê?! — Ela parou onde estava, perplexa, sem chorar, nem gritar mais, apenas o encarando. Simon estava realmente sugerindo aquilo, sugerindo que ela tomasse um chá abortivo?

— Existem tantos chás para terminar uma gravidez indesejada. Uma xícara e pronto, problema resolvido, nossa vida volta ao normal.

— Simon, mulheres morrem quando tomam esses chás. — Ela estava

tremendo? Sim, estava.

— Nem todas. A maioria sobrevive, ou não teríamos mais criadas e cortesãs na Inglaterra. — Ele não estava entendendo o choque dela, era algo tão natural. Ao menos, para ele.

— Não pode estar sugerindo, de verdade, que eu me arrisque por um capricho seu.

— Um capricho? Então, minhas escolhas de vida são apenas um capricho?
— Pronto, agora ele também estava ofendido.

— No momento em que colocam a *minha vida e a do meu bebê* em risco, são sim. — Ela colocou uma mão sobre o ventre. — Acha que eu escolhi isso? Que eu planejei engravidar de você e lhe forçar a um casamento? Eu entrei em pânico assim que descobri, pode perguntar para Melissa ou para Rannolf, eu chorava como uma criança. E tudo por medo de você, mas no fundo, eu ainda tinha a esperança de que por ser meu melhor amigo, você, talvez fosse reagir diferente. Aparentemente, eu me enganei.

— Nicole...

— Todos esses anos eu vi você ir de mulher em mulher e aceitei ser apenas mais uma, pois, seria algo só passageiro. Seria uma experiência, uma diversão que eu teria, até encontrar alguém por quem eu me apaixonasse e com quem eu pudesse me casar, e em muitos anos nós dois iríamos rir dos erros que cometemos na nossa juventude, enquanto você envelheceria sozinho e eu com meu marido e filhos. Em nenhum momento, sequer, passou pela minha cabeça a hipótese de me casar com você, porque eu sabia que você não queria isso. *Eu conheço você, Simon*. Eu conheço o suficiente para nunca querer te forçar a algo, e o suficiente para ter medo da sua reação. E eu estava certa. Só nunca imaginei que tivesse tão pouco apreço por mim, que fosse sugerir algo que poderia me matar, apenas para não lidar com a responsabilidade de seus próprios erros.



Ela estava chorando, tropeçando nas palavras, mas não se importava. Precisava botar tudo aquilo para fora, e depois de como ele reagiu, ela não tinha mais nada a perder. Já havia perdido tudo, seu melhor amigo, sua honra, sua dignidade.

— Nicole, você se engana se acha que eu não tenho apreço pela sua vida, eu só não quero um maldito bebê! — ele explodiu de vez, encarando-a, os olhos com mais raiva do que ela já havia visto. — Já que me conhece tão bem, sabe que eu sempre assumo meus erros, mas esse não foi só meu. Você errou também,

quando não se lembrou de precauções. Você não era nenhuma donzela bobinha que não sabia de nada, sabia tanto quanto eu sobre os riscos. Pelo amor de Deus, Nicole, você entregou sua virtude para mim, *em um corredor*. Não venha bancar a santa arruinada agora, quando antes, pareceu tão ansiosa para pecar comigo.

— Vai mesmo continuar me tratando como uma cortesã qualquer?! — Ela já estava gritando, sem se importar com quem ouviria.

— Só enquanto estiver se comportando como uma.

Ah, não, ele não havia dito aquilo. Nicole sentiu o sangue ferver, avançando na direção dele e acertando um tapa bem dado em seu rosto, sentindo a mão arder pelo impacto. Quando ele se voltou para ela, os olhos queimando de ódio, ela deu dois passos para trás, com medo.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — O irmão dela, Brian, apareceu no jardim, correndo. — Dá para ouvir vocês gritando lá do outro lado das árvores, se puderem gritar mais baixo, eu agradeceria.

— Brian, vá buscar papai.

— Brian, não se mexa. — Simon cobriu a ordem dela ao irmão, recebendo um olhar fuzilante como resposta.

— Brian, faça o que eu mandei. Vá buscar papai, agora. Se encontrar Phill, traga-o também, creio que todos os homens da família precisam saber que eu fui chamada de uma cortesã qualquer.

— O quê?! — Brian se virou para Simon, os olhos furiosos. Simon revirou os olhos, vendo que o garoto iria querer bancar o adulto.

— Saia daqui e me deixe resolver isso com a sua irmã, é assunto para adultos.

— Eu já sou adulto. E se você ofendeu minha irmã, me ofendeu também. — Brian se virou para Nicole, os olhinhos furiosos. — Irei chamar papai para resolver isso.

E saiu correndo para a casa. Nicole se arrependeu no momento em que ele saiu, sabendo que o escândalo seria apenas maior e o problema muito mais complicado, mas não tinha o que fazer. Precisava tomar uma atitude, e o irmão aparecendo do nada, caiu como uma luva.

— Realmente escolheu apelar para o “papai”? Eu esperava mais de você, Nicole.

— É, esperava que eu fosse uma rameira qualquer que aceita tudo calada. — Ela engoliu em seco, apertando o ventre com uma mão. Ainda havia lágrimas nos olhos.

— Foi você que agiu como uma, se arruinando e depois bancando a santa — ele repetiu o que disse antes, a encarando. — Você deveria saber no que estava se metendo, saber de verdade, e não apenas sua linda noção de que “vai

ser só uma aventura”. Você também sabia dos riscos e nunca me falou nada, então não jogue essa culpa só em mim.

Foi então que ela ouviu passos e se virou, vendo o pai furioso, sendo seguido pelos irmãos, a mãe, e até Rannolf e Melissa, que pareciam os mais calmos. Já sabiam o que havia acontecido.

— Do que você chamou a minha filha? — Lorde Valbury avançou em Simon, mas Rannolf o segurou, encarando o amigo com fogo nos olhos.

— De cortesã e de rameira — Nicole respondeu ao pai, sentindo um nó na garganta antes de fazer a confissão seguinte. — E tudo porque eu contei que estou grávida dele.



Simon era um homem morto. Ele teve essa certeza no momento em que ela disse estar grávida para o pai, os irmãos, a mãe e os anfitriões — que, ao menos, já sabiam antes, pelo que ele pôde entender. O amigo o encarou, balançando a cabeça, negativamente, com reprovação nos olhos.

— Você engravidou minha filha?! — Valbury gritou, o encarando. Se não fosse Rannolf segurando o homem, Simon estaria sendo espancado naquele momento. Mas não havia quem segurasse os mais novos, e Brian partiu para cima dele. Simon segurou as mãos do garoto pelos pulsos, impedindo seus socos.

— Posso saber o que pensa que está fazendo?

— Vingando a honra de minha irmã! — Brian gritou, tentando se soltar dele. Phillip foi um pouco mais lógico, segurando o irmão e o puxando para trás.

— Brian, pare com isso. Eu resolvo aqui — Valbury se pronunciou, se desvencilhando de Rannolf e dando dois passos em direção a Simon e Nicole. — Eu quero uma explicação, agora. — Ele olhou de um para o outro, esperando que um dos dois se explicasse. Já que Simon ficou calado, Nicole falou primeiro.

— Eu estou grávida, papai. De Simon. Estávamos tendo um caso há alguns meses, quase três, na verdade, e eu engravidei. Não sei de quanto tempo eu estou, mas a julgar pela minha barriga, creio que desde o princípio. — Ela encarou Simon, e ele notou as mãos dela tremendo. Inferno. — Eu contei para ele e Simon não reagiu bem, insinuando que a culpa era minha. E, em parte, foi, mas não se faz um filho sozinha. E, aparentemente, eu sou comparável a uma cortesã, e um chá abortivo resolveria. — Ela engoliu em seco, cobrindo o ventre com as mãos.

— Simon... Não acredito que sugeri isso. — Lady Ailee se pronunciou,

olhando para ele, com uma mágoa absurda. — Garotas morrem todos os dias com isso, uma criada minha quase morreu por ter engravidado de um lorde que sugeriu o mesmo. Como pôde?

Pronto, agora havia duas mulheres extremamente magoadas com ele, as únicas duas mulheres, além de sua mãe, que ele considerava próximas.

— Nunca quis nenhum perigo para Nicole, apenas sugeri a solução que eu conhecia.

— A solução é você se casar com ela — Valbury disse, entredentes, praticamente cuspiendo as palavras. — Você a desonrou e vai ter que honrar novamente. O que o faz pensar que deixarei minha filha ficar arruinada?

— Ela não ficará arruinada. Me ofereço para ajudar a encontrar um marido disposto a aceitá-la, mas eu não irei me casar. — Ele se virou para ela. — Nicole sempre soube que eu não me casaria, mesmo que fôssemos descobertos, não sei por que tanto drama. Existem homens desesperados por um bom dote, que se casariam com ela, sem problema algum, eu mesmo conheço alguns.

— Não pode ser tão cínico a ponto de sugerir realmente isso. — Valbury estava furioso, era fácil de ver. Rannolf, que até então estava calado, se pronunciou.

— Simon, não pode estar falando sério. Foi você quem a engravidou, a responsabilidade é sua. Eu fui visto beijando Melissa e noivei com ela no mesmo momento, o que o faz pensar que está acima dos outros?

— Oliver arruinou Katherine e se casou, sem pensar duas vezes — Melissa continuou, se metendo onde não havia sido chamada. — Sim, eles se amavam, mas isso é o de menos. Não precisa nem viver com ela, se não quiser, você sabe disso. Apenas se case e vá para onde quiser, dê um título e uma vida boa ao seu filho.

— Vocês não entendem, nenhum de vocês entenderia. A única aqui que me conhece bem o suficiente é Nicole, e ela sabe por que eu não quero me casar. — Ele se virou para Nicole, os olhos a queimando. — Ela sabe que eu não seria um bom marido, que iria traí-la e fazê-la infeliz. Sabe mais ainda que eu seria infeliz, estando preso a uma só mulher a minha vida inteira, tendo que seguir um maldito código e ir em malditos eventos. *Nicole me conhece*. Ela sabe o que me custaria um casamento, então, se alguém aqui pode entender, é ela.

— Sim, eu posso entender. Posso entender que é um capricho seu e pura teimosia, dado os fatos. Mas, tudo bem, Simon, não vou lhe obrigar a se casar comigo. Prefiro ficar arruinada do que ter um marido tão mesquinho, que só pensa em si mesmo. — E com isso ela se virou, correndo de volta para a casa, o choro audível em todo o jardim. Simon se odiou por fazê-la chorar, mas era melhor que chorasse agora, do que a vida toda casada com ele.

— Eu vou atrás dela. — Melissa olhou para ele com reprovação e então se virou, indo em direção à casa.

— Viu o que você fez? — Valbury o encarou, ódio nos olhos. — Não vou admitir que minha filha seja tratada assim. Você irá se desculpar e irá se casar com ela, vou me assegurar disso, nem que seja a última coisa que eu faça.

— Eu posso até me desculpar, mas você mesmo ouviu, ela não quer se casar comigo e nem eu com ela. — Simon não daria o braço a torcer, disso ele tinha certeza. Mesmo que isso significasse perder Nicole.



Ela nunca havia chorado tanto em toda a sua vida. Era um choro doloroso, do fundo da alma, daqueles cheios de soluços que a impediam de respirar direito. Ela se deitou na cama, se encolhendo em posição fetal e abraçando o próprio ventre, sussurrando entre soluços que tudo ia ficar bem, tentando convencer tanto a si mesma quanto ao bebê que esperava. Mas sabia que era uma mentira.

Nada ficaria bem, nem agora, nem nunca. Tudo ficaria mal, triste e destruído, enquanto ela vivesse, tudo porque Simon a destruiu com suas palavras, suas insinuações e sugestões. Sim, ela o conhecia e sabia que desde os doze anos ele decidiu nunca se casar, mas agora a situação havia mudado. Ela estava esperando um filho dele, e ele não podia se dignar nem a dar uma chance. Poderia fazer o que Melissa sugeriu, se casarem e nunca mais olharem na cara um do outro como tantos casais faziam, mas nem isso ele aceitou. Parecia até que o problema era com ela, que havia algo de errado com ela.

Nicole se encolheu mais na cama, chorando, até que ouviu alguém abrir a porta. Por um momento pensou que fosse ele, indo se desculpar, mas era apenas Melissa.

— Oi. — A amiga deu um sorrisinho sem graça, se aproximando da cama e sentando ao lado de Nicole, pondo uma mão em suas costas.

— Oi. — Nicole fungou, se sentando na cama, ainda soluçando. O choro havia evoluído para aquele estágio de partir o coração, em que não se saía mais som, apenas soluços doloridos.

— Nicole... Eu não sei o que te dizer. — Melissa abraçou a amiga, a beijando na testa e deixando que chorasse em seu ombro. — Gostaria de poder te dizer que ele vai mudar de ideia e voltar atrás, mas ambas conhecemos Simon e sabemos que ele, provavelmente, não vai.

— E o que... eu vou fazer? — A voz dela não passava de um sussurro entre soluços, sem conseguir formular uma frase inteira sem pausas.

— Bem... A ideia dele não foi de todo ruim. Podemos encontrar um marido disposto a te aceitar na sua... condição, e você pode se casar. — Melissa deu um sorrisinho triste. — Sei que não é o que você queria, mas parece ser o único jeito.

— E quem se casaria comigo assim? Grávida de um libertino, arruinada inúmeras vezes... com um temperamento forte feito o meu, nenhum homem irá me querer, Melissa.

— Iremos encontrar alguém que te queira, Nicole. Alguém que mereça essa mulher maravilhosa que você é, alguém que se case com você por querer e não por obrigação.

— E quem seria? Quem se casaria com uma grávida arruinada, temperamental, irritante, que xinga como um marinheiro quando se irrita e que perdeu a virtude em um corredor?

— Eu caso. — Era John, parado na porta dela.



Capítulo 10

Nicole levou um susto ao ver John ali, parado em sua porta, dizendo que se casava com ela.

— O quê?

— Eu só ouvi o final da frase, mas eu caso. Grávida... imagino que do meu irmão? Ouvi algo sobre uma briga nos jardins e vim ver se você estava bem, agora sei o motivo. Posso entrar? — Ela assentiu e ele entrou, dando um olhar para Melissa. — Se puder, eu gostaria de falar a sós com Nicole.

Nicole assentiu e Melissa se levantou, abraçando a amiga, mais uma vez. Ela lançou um olhar de aviso para John e saiu do quarto, deixando a porta encostada. Já havia tido escândalos suficientes por um dia.

Ele se sentou ao lado dela na cama, observando a amiga, que ainda chorava um pouco e, sem dizer nada, a abraçou, a apertando contra si.

— Vai ficar tudo bem — ele sussurrou, passando as mãos nos cabelos dela. — O que quer que aquele imbecil tenha feito, nós vamos consertar.

— Como? — Ela fungou, já sem soluçar tanto. Fechou os olhos, deixando o carinho dele a acalmar.

John, por um instante, pensou estar no paraíso, mesmo dadas as circunstâncias, por ter Nicole nos braços. Ele não diria isso em voz alta, ao menos, não agora, mas sempre teve uma queda por Nicole. Sempre nutriu uma paixão por ela, desde que tinham quatorze anos e até o momento se odiou pelo irmão ter a conhecido primeiro. Principalmente, agora que o irmão até engravidá-la conseguiu, enquanto ele vinha sempre em segundo lugar.

— Eu falei sério quando disse que casava. Agora, se puder me explicar direito o que aconteceu...

— O resumo ou a versão completa?

— A que preferir. — Ele deu um sorriso leve, sem a soltar.

— Bem... Simon e eu estávamos tendo um caso, há três meses já. E ele me engravidou, eu descobri recentemente. Hoje eu fiz a besteira de contar para ele, e como você já deve saber, ele não reagiu muito bem. Ele... ele me recomendou que tomasse chás abortivos, me comparou com uma cortesã e uma rameira, e me tratou como se eu fosse lixo. Eu sempre soube da teimosia dele de não se casar, e até entendia, mas dados os eventos recentes, eu pensei que ele fosse mudar de ideia. Acho que fui muito tola.

— Você não foi tola, ele que foi estúpido.

— Ao menos, eu dei um tapa nele.

— Ao menos, isso. — John riu, e ficaram em silêncio por um curto tempo.

— Foi ideia dele que eu me casasse com outro, algum falido que aceitasse minha “condição” em troca de um dote. Condição, como se eu tivesse alguma doença e não o filho dele na barriga. — Ela suspirou, abrindo os olhos e se afastando um pouquinho dele. — Ei, eu parei de soluçar. Obrigada. — Ela deu um sorrisinho triste.

— Não há de quê. — Ele manteve uma mão nas costas dela, a acariciando de leve, mostrando que estava tudo bem. — E não precisa de um falido qualquer, pode se casar comigo. Eu não estava brincando, Nicole. E agora que você me explicou a situação, só faz ainda mais sentido nos casarmos. Eu sou herdeiro de Simon, então, seu bebê um dia será Lorde Sandsore, assim como eu. Terá o título que merece por direito, e ficará tudo bem.

— John, não pode estar falando sério... Seria um peso enorme se casar comigo, só pelos erros do seu irmão. — Ela balançou a cabeça.

— Eu não vejo problema. Nós nos damos bem, vamos aprender a nos dar melhor ainda. E, se não quiser, não precisará cumprir nenhum papel de esposa e se deitar comigo. Poderemos ter um casamento de amigos, sem nenhuma obrigação.

— A ideia até que não é ruim. — Ela deu um sorrisinho triste, apoiando a cabeça no ombro dele. — Mas eu não quero te prender.

— Não vai me prender, eu garanto. — Ele segurou as mãos dela, a olhando nos olhos. — Case-se comigo, Nicole.

— Eu...

E a porta se abriu, revelando Simon.



Simon parou na porta, um pouco atordoado pelo que acabara de ouvir o irmão dizer para Nicole. Tinha ido se desculpar, dizer que dariam um jeito, mas em vez disso, encontrou o irmão a pedindo em casamento. O que diabos estava acontecendo naquele dia?!

— Simon. — Ela encarou o amigo, se é que ainda eram amigos, com dor nos olhos. Ele suspirou.

— Vim falar com você. John, se puder deixar para pedi-la em casamento outra hora, eu agradeceria.

John não se moveu, olhando primeiro para Nicole, que assentiu. Só então ele se levantou, dando um beijo na testa dela e saindo do quarto. Ela se virou para Simon, secando as lágrimas que ainda estavam nos olhos e o encarando.

— O que você quer?

— Vim me desculpar. — Ele começou a se aproximar, mas parou quando ela se afastou. Suspirou, aquilo seria mais difícil do que parecia. — Eu sei que fui um canalha com você, mas consegue, ao menos, entender meu lado?

— Consigo, Simon. Eu sei que você nunca quis se casar, e entendo o peso que eu posso ter sido para você quando disse que estava grávida, mas sugerir algo que arriscaria minha vida e me ofender, não foi a melhor maneira de você se expressar. — Ela fungou, cruzando as pernas sobre a cama e o observando. — Mas não precisa mais se preocupar, seu irmão já resolveu as coisas.

— Se oferecendo para ser seu marido.

— Sim. Ele é seu herdeiro, seria uma boa opção. O bebê continuaria na família, teria o título que é seu por direito, e eu não precisaria me casar com um estranho por um capricho seu. A solução perfeita, sem dúvida alguma.

— Tem certeza disso?

Ele estava incomodado, mas não sabia o motivo.

— Tenho. É um bom plano, e te livra de qualquer obrigação comigo. É o que você queria, não é?

— Talvez, mas criar meu filho como meu sobrinho?

— É melhor do que como um bastardo, porque o pai não quis se casar com a mãe dele. — Nicole estava sendo fria.

Em todos esses anos, desde que conheceu Nicole, Simon só a viu ser fria duas vezes, e nunca era algo bonito de se ver. Uma vez foi quando o coelho dela morreu, e a outra foi quando eles discutiram, aos dezessete anos. Ele recebeu tantas cartas com xingamentos, que precisou de um grande pedido de desculpas para que ela voltasse a falar normalmente com ele.

— Não me trate assim, Nicky. Você mesma disse que entendia meus motivos, só peço que me perdoe pela forma como eu falei. — Ele fechou a porta atrás de si, se aproximando dela e sentando ao seu lado. Ela não se encolheu dessa vez.

— Você me chamou de cortesã. — Ela fez um bico que ele achou lindo e cruzou os braços. Ele deu um sorrisinho de desculpas.

— Você me irritou. Mas tudo bem, isso não é desculpa para te chamar de cortesã. Por favor, me perdoe, suprema Nicole. — Ele imitou o pedido de desculpas que usou anos atrás, arrancando um risinho dela.

— Você me magoou.

— E eu sinto muito por isso. — Ele abaixou a cabeça. — Você sabe como eu sou temperamental, você é igualzinha a mim nisso. E você já deveria imaginar que eu não reagiria bem.

— Eu apenas esperava que não fosse reagir tão mal. — Ela suspirou, se aproximando dele e deitando a cabeça em seu ombro. — Eu estou grávida.

— Sim.

— De você.

— Sim — ele repetiu.

— E vou me casar com seu irmão. Tem alguma noção do quão patética eu sou? — Ela suspirou e sentiu uma mão dele sobre seu ombro.

— Está decidida mesmo a se casar com ele?

— É melhor do que com um estranho.

— Entendo. — Ele a apertou um pouco, beijando seus cabelos. — Vamos dar um jeito nisso, nós três. Juntos.

— Assim espero — ela sussurrou, bocejando. — Acho que preciso descansar. Aconteceram muitas coisas hoje, e eu... nós — ela colocou a mão sobre a barriga — precisamos descansar.

— Acho que tem razão, você precisa descansar. — Ele beijou a testa dela, se levantando. — Boa noite, Nicky.

— Boa noite, Si. — E ele saiu do quarto.

Nicole ficou deitada por um bom tempo antes de dormir. As coisas seriam estranhas dali para frente, ela não conseguiria mais tratar Simon do mesmo jeito. Havia o perdoado, sim, mas até que ponto?



John estava esperando pelo irmão. Tinha que esclarecer algumas coisas, principalmente, agora que estava praticamente noivo de Nicole. Tudo aconteceu tão rápido que ele ainda estava processando os fatos.

Uma coisa era certa, ele não deixaria sua única chance com Nicole passar. Tinha uma queda por ela desde que se lembrava, foi a primeira garota por quem se apaixonou, mas ela sempre o viu como um amigo. O segundo amigo. Às vezes, ele se odiava por ter adoecido no dia que a mãe foi visitar os vizinhos e levou o irmão e não ele. Se ele, ao menos, tivesse a conhecido primeiro, nada disso teria acontecido assim, pelo menos, ele gostava de acreditar que teria sido diferente.

Nicole era a garota com quem ele sonhava todos os dias, percebeu aos quatorze anos o quanto gostava dela. Enquanto o irmão passava o tempo todo em Eton, ele voltou para casa todos os verões, e fez companhia a ela quando Simon só existia em cartas. E então, o irmão voltou e ele a perdeu de vez. Quando o pai morreu, ele viu os dois se beijarem e, por um momento, imaginou que a havia perdido para sempre, mas depois disso, não viu nem traços de um envolvimento entre eles. Aparentemente, o envolvimento só aconteceu três meses atrás.

Simon tinha que ser sempre o primeiro. O primeiro a nascer, o primeiro a conhecer e a beijar Nicole, o primeiro homem a se deitar com ela, o primeiro na linha de sucessão, o primeiro da turma em Eton. E John era sempre o segundo, sempre em sua sombra. Quando o pai, Lorde Brandon, ainda era vivo, ele frequentemente o tratava como uma sombra do irmão. “Por que não é mais como Simon, John?” ou “Poderia aprender a cavalgar com seu irmão, John”. Sempre o tratando como uma sombra, como o segundo. Elliot era o menino de ouro também, aparentemente, só o filho do meio não prestava.

O mais novo havia ficado em casa para depois retornar a Eton, ao menos, não teria que lidar com o escândalo do irmão engravidando uma donzela, e do outro irmão se casando com ela. Que belo exemplo de família. Se tudo seguisse como parecia destinado a seguir, Simon seria tio do próprio filho, e John pai do sobrinho.

No fundo, ele tinha esperança de que, uma vez casado com Nicole, ela passasse a vê-lo como mais que um amigo. Falou sério quando disse que não a forçaria a cumprir nenhum papel de esposa, mas, *ah*, como ele queria que ela o desejasse assim como desejava o irmão. Não se importaria de ficar com os “restos” de Simon dessa vez. Nicole não era um brinquedo usado, ou uma calça que não servia mais, era uma mulher maravilhosa, que merecia um respeito. E merecia toda a felicidade do mundo.

Simon abriu a porta do quarto, levando um susto ao ver John sentado ali.

— Precisamos conversar — John disse simplesmente, apontando para a outra poltrona no quarto do irmão. Simon bufou, se jogando na cadeira.

— O que foi, John? Eu estou cansado.

— Sim, imagino que insultar a mulher mais incrível deste mundo seja uma tarefa exaustiva. — John estava sendo ácido, pela primeira vez, tinha coragem e material para se levantar contra o irmão.

— Eu já me desculpei com Nicole. Inclusive, você não precisava se oferecer para casar com ela. Não preciso mais de você reparando meus erros, posso cuidar deles sozinho.

— Sim, os soluços dela mostraram o quanto você pode cuidar de algo sozinho. Meus parabéns, fazendo uma grávida chorar e passar por tanto nervoso. Onde está sua consideração, Simon?

— Eu já me desculpei, o que mais quer que eu faça? Que eu me desculpe com você também? Pois bem, me perdoe por ter insultado o amor da sua vida. — Simon deu um sorrisinho de escárnio diante da expressão do irmão. — Achou que eu não sabia? Eu sempre vi como você olhava para ela. Se tivesse me pedido ajuda, eu poderia ter falado com ela por você, mas sempre foi muito orgulhoso, não é? Não queria nada de mim, não precisava da minha ajuda. Muito bem, seu

orgulho lhe custou a mulher que queria, e ela foi minha. De novo, e de novo ela me pertenceu, e no fundo me pertencerá para sempre.

— E no final, ela será minha, graças ao *seu* orgulho — John disse, escondendo a raiva que estava sentindo de Simon, sabendo que discutir não levaria a nada. Sempre foi o mais sensato dos dois.

— Parece muito confiante para alguém que mal tinha a atenção dela, até algumas horas.

— Confiante o bastante para o noivo dela. — John deu de ombros. — Mas não vim discutir meu estado marital, ou meu noivado, com você. Vim apenas lhe avisar que se magoar Nicole novamente, ou se pensar em chamá-la de rameira, cortesã ou o que for novamente, não é só dela que irá apanhar. — Ele se levantou, determinado. — Boa noite, irmão.

E saiu do quarto, deixando Simon para trás.



Capítulo 11

Nicole acordou se sentindo um pouco melhor, mas ainda triste. Os olhos ardiam pelas lágrimas, provando que, infelizmente, havia sido real, e não apenas um pesadelo terrível. Ela suspirou, se sentando na cama. Havia dormido com o mesmo vestido que estava usando ontem, e precisava de um banho. Abriu a porta do quarto, procurando algum criado e pedindo que preparassem um banho para ela. Havia um quarto de banho adjacente ao seu, vantagens de ser melhor amiga da duquesa.

Demorou algum tempinho, mas logo estava lá, a banheira fumegante. Ela pediu aos criados que a deixassem e tirou o vestido, entrando na água. A temperatura alta ajudou a acalmar seus nervos, enquanto esfregava os braços com uma esponja e tentava apagar a noite anterior.

Tudo aconteceu tão rápido, que só agora ela estava começando a processar os eventos da noite anterior. Seu melhor amigo a havia comparado com uma cortesã. Estava praticamente noiva do irmão dele. Ele depois se desculpou e ela, burra como era, perdoou. Mas não havia como não perdoar Simon.

A história dos dois era muito grande, e já havia tido tantas brigas... Claro que as coisas nunca mais seriam as mesmas, mas não havia como não o perdoar. Sempre que ele errava, já estava perdoado, antes mesmo de pedir, era da natureza dele errar e da dela, perdoar. Apenas acontecia, sem que nenhum dos dois planejasse. Só que dessa vez, havia sido diferente. Ele não havia apenas magoado, ele havia a humilhado e a destruído. Havia deixado o coração dela em pedacinhos.

Não se escolhe quem ama, Nicole sabia muito bem disso, e ela sempre amou Simon. Como a um irmão, quando eram crianças, como a um amigo, quando cresceram, e estava começando a amar como algo mais. E as coisas que se fazia por amor eram absurdas e sem lógica, mas eram o que eram. Se ele fizesse de novo, ela o perdoaria de novo. Perdoar sempre, esquecer nunca.

Nicole se afundou na banheira, molhando os cabelos. A mãe odiava quando ela fazia isso sem a ajuda de uma criada, mas ela sempre preferiu se virar sozinha. Tomar banho sozinha, se pentear e se vestir sozinha. Sempre por si própria, independente. Ela voltou à superfície, suspirando. Estava se sentindo triste, meio vazia. Cobriu o ventre com as mãos, se confortando com a presença de seu bebê.

— Vai ficar tudo bem, Lucy. — Ela queria acreditar que era uma menina, que seria sua melhor amiga, e Lucy parecia um bom nome. — Vai ficar tudo bem. Seu pai pode ser um covarde, que não assume o que faz, mas seu tio é um

homem de honra e vai cuidar de nós. Só acho uma pena John perder a vida por causa de um erro do irmão. Não que você seja um erro, você é uma coisinha linda e preciosa e eu amo você. O erro sou eu — Nicole sussurrou para si mesma, se sentindo um pouco tola por conversar com a própria barriga, mas sentia essa necessidade de falar com o bebê. Era sua companhia agora.

Ainda se assustava ao perceber o quanto amava aquela criança que não havia nascido ainda. Ela amava aquele bebê com todas as forças que tinha, imaginando um sorrisinho lindo em um bebê rosado. Sabia que seria a cara do pai, não tinha a sorte de a criança nascer parecida com ela, dadas às circunstâncias, então imaginava uma menininha de olhos azuis e cabelos pretos. Sua pequena Lucy.

Suspirou, mais uma vez, se sentindo um pouco mais leve e se levantando da cama, indo em direção ao baú com suas roupas. Pegou um vestido azul clarinho, quase branco, com fitas brancas. Era um vestido simples, para o dia. Não havia nenhum evento especial planejado, apenas um sarau nos jardins no dia seguinte.

Ela se vestiu, calçando as sapatilhas e saindo do quarto, em seguida. Não sabia aonde ia, estava se sentindo um tanto sem rumo, então, decidiu que a melhor opção era tomar café. Precisava se manter bem nutrida, afinal de contas. Quando chegou à sala de jantar, Melissa já estava lá, sendo a única a acordar tão cedo.

— Bom dia. Se sente melhor? — Ela sorriu para a amiga, indicando uma cadeira perto de si. — Pedi que fizessem um doce de morango especialmente para você.

— Obrigada. — Nicole sorriu, se sentindo emotiva. Andou até a cadeira e se sentou, vendo Melissa chamar um a criada e, em instantes, uma tigelinha com doce de morango e torradas foi posta na frente de Nicole. — E, sim, estou melhor. Ainda triste e nervosa, mas melhor.

— Ótimo. — Melissa sorriu, continuando a comer. Nicole não sabia bem o que dizer. O que se fala a uma amiga que está sendo incrível, lhe ajudando de todas as formas possíveis e salvando sua vida?

Não precisou descobrir o que dizer, pois nesse momento foi quando John entrou no salão de café da manhã. Nicole sorriu, vendo-o se servir de ovos, torradas e salsichas e se sentar ao lado dela.

— Bom dia. — Ele sorriu, piscando um olho. — Está melhor?

— Na medida do possível. — Ela sorriu de volta, pegando uma colher e comendo seu doce.

— Depois quero falar com você, se não for muito incômodo.

— Somos quase noivos, John. Não precisa pedir. — Ela deu uma risadinha

e ele acompanhou, balançando a cabeça.

— Era sobre isso mesmo que eu queria falar.

— Que tal um passeio pelos jardins, após o café?

— Perfeito.

Continuaram a comer em silêncio, vez ou outra conversando sobre amenidades, como o clima ou a comida. Quando chegaram no jardim foi que o assunto tomou o rumo que ambos estavam aguardando.

— Como se sente, de verdade? Sei que ontem foi difícil. — Ele entrelaçou o braço no dela, começando a caminhar, sem rumo.

— Estou bem, de verdade. Nós estamos bem, o bebê e eu. — Ela olhou para ele e deu um sorrisinho. — Acho que é uma menina.

— É mesmo?

— Intuição de mãe. — Ela deu de ombros, caminhando pela grama. — E você, como está? Também não deve ser fácil do nada ficar noivo da garota grávida do seu irmão. — Ela deu uma risada ressentida de si mesma.

— Correção, ficar noivo e ganhar um filho. Não importa se é biológico do meu irmão, sou eu quem vou criar esse bebê, então, é meu filho. E não é tão assustador quanto parece. — John deu de ombros, sorrindo para ela. — Você disse que acha ser uma menina, certo? Já pensou em nomes?

— Lucy. E se for menino... você escolhe.

— Gostei de Lucy. — Ele sorriu. — Damon, se for menino.

— Perfeito. — Ela sorriu, e eles riram. Nomes de bebês eram um assunto tão bobo comparado ao momento e, mesmo assim, estavam se distraindo com aquilo. — Mas, falando sério, tem certeza quanto a isso? Pode estar perdendo uma chance com o amor da sua vida, ao se casar comigo.

— E se formos destinados a nos casarmos?

— Destino não existe, John. O que existe são uma série de erros que levam a um momento específico no tempo. — Ela deu um sorrisinho triste, dando de ombros. — Se mudar de ideia, em qualquer momento, é só dizer. Está abrindo mão de muito por mim.

— Não estou abrindo mão de nada. — Ele parou de andar, olhando para ela. — Eu quero me casar com você, Nicole.

— Tudo bem, não vou mais reclamar. — Ela suspirou, dando uma risadinha. — Vamos falar do bebê. Acho que é o melhor assunto que poderemos ter por mais seis meses.

E conversaram. Passaram a manhã toda conversando sobre o bebê, sobre os tons de azuis que ela queria no berço e sobre possíveis nomes, além de Lucy e Damon. Conversaram sobre tudo e sobre nada, e se aproximaram mais do que nunca. E nenhum dos dois notou que, de longe, Simon os observava.



Simon não sabia por que estava com raiva, mas estava. Vendo o irmão ali, com a garota que sempre foi dele, não podia sentir outra coisa a não ser raiva. Nicole era dele, sua Nicky. Poderiam chamá-lo de possessivo à vontade, mas ela era dele. Sempre foi, desde o momento em que ele a chamou de Nicky, pela primeira vez, até o momento.

Não estava com ciúme, seria tolo pensar isso, mas estava, de fato, incomodado. Se fosse outro homem, talvez não se incomodasse tanto, mas ali era seu irmão, tirando o que sempre foi dele. Tudo por culpa dele mesmo, que não foi cuidadoso com ela, como era com as outras, mas quem poderia culpá-lo? Simon perdia a noção do tempo quando estava com Nicole, quando estava dentro dela. Não lembrava nem o próprio nome, como poderiam esperar que se lembrasse de riscos e precauções?

Quando estava com Nicole, ela era tudo o que existia para ele. Simon suspirou, voltando para dentro da casa, cansado de vê-la com o irmão. Conversaria com Rannolf sobre isso, quem sabe o amigo lhe ajudasse a ter alguma clareza. Como era de se esperar, Rannolf estava na biblioteca, com um copo de uísque na mão.

— Aceito um copo desses, bem cheio. — Simon desabou na poltrona ao lado do amigo, que ergueu uma sobrancelha.

— Posso saber o que aconteceu?

— Nicole — ele disse, simplesmente, passando uma mão no rosto.

— O que ela fez agora?

— Está cheia de conversinhas e proximidades com meu irmão. Está me dando ódio vê-los assim, vê-lo ocupando o lugar que costumava ser meu. — Simon bufou, pegando o copo que o amigo lhe entregou e tomando um belo gole.

— Ciúme?

— Claro que não, não seja tolo. É apenas... Eu sempre tive uma noção de posse sobre ela, sabe? A *minha* Nicole, *minha* Nicky. Minha, desde que éramos crianças, até o dia em que morrêssemos. Acho que eu não estava pronto para vê-la ser de outro.

— Ela ainda seria sua, se não fosse tão teimoso quanto a se casar. — Rannolf ergueu uma sobrancelha. — Basta uma palavrinha de três letras, começando com S, e você a teria de volta.

— Em troca da minha vida.

— E é aí que entra a grande pergunta, sua vida tem graça sem Nicole? Porque não é o que parece.

— E de que me adiantaria a ter e fazê-la infeliz? Ficar preso a ela e prender ela a mim? Você sabe que, por pior que eu seja, tenho honra, Rannolf. Eu nunca a trairia se me casasse, e viver preso me sufocaria. Eu seria infeliz, ela seria infeliz, e nos odiaríamos. Perderíamos a amizade que sempre tivemos, e sabe que é a coisa mais importante na minha vida.

— Sim, e vai perder essa amizade do mesmo jeito, se não se casar com ela. Eu também não queria meu casamento, casei por obrigação, e olhe para mim agora! — Rannolf deu uma risada. — Apaixonado como um tolo, fazendo de tudo por Melissa. Diabos, quando poderia me imaginar dando uma temporada de campo? Aceitando essa quantidade absurda de gente em minha casa?

— Nunca. — Simon riu.

— Exatamente. E aqui estou, sendo um anfitrião exemplar para que ela não se desagrede comigo. — Ele deu de ombros. — Você poderia acabar por gostar do casamento.

— Não sou você, Rannolf. Eu não me apaixonaria. Não nego a existência do sentimento, inclusive, admiro aqueles capazes de senti-lo, mas eu? Não. Se em quase vinte e seis anos eu não me apaixonei por Nicole, não é agora que vai acontecer. — Simon suspirou, balançando a cabeça.

— E, por isso, prefere perde-la de vez, nunca mais tê-la ao seu lado? Sabe que ela não vai te perdoar. Se ela casar com seu irmão, você nunca mais será o número um, o melhor amigo, a outra metade dela.

— Outra metade?

— Vai dizer que nunca notou? Vocês se completam de uma maneira que me assusta. Sempre completando as frases um do outro, sempre conversando pelos cantos... sempre juntos. — Rannolf ergueu uma sobrancelha, tentando fazer Simon chegar na mesma conclusão que ele.

— E acha que, por isso, eu deveria me casar com ela?

— Bem, por isso e pelo filho que ela carrega na barriga. Em termos de herança, dá no mesmo ela casar com você ou seu irmão, mas se casando com você, a criança vai ter o pai de verdade.

— Então, o que quer dizer é que, se for para casar, que seja eu mesmo e pronto?

— Quase isso. — Rannolf suspirou, rindo. Quando se tratava de Nicole, Simon conseguia ser bem estúpido. — Vocês já têm mais do que eu tinha com Melissa quando me casei. Tem amizade, cumplicidade, não se odeiam, ela não tem um ex-amor que ainda persegue seus pesadelos... — Simon ergueu uma sobrancelha quando Rannolf mencionou isso e o amigo deu de ombros. —

Baylard. Ainda tenho medo de ele aparecer e roubá-la de mim.

— Rannolf Rasbury com medo de um ex, quem diria. — Simon riu. — Então, acha realmente que eu deveria me casar com ela?

— E já o deveria ter feito há muito tempo. Vocês são perfeitos um para o outro, mesmo que não se apaixonem, têm uma conexão que muitos casais apenas sonham em ter. Por Deus, Simon, vocês não podem se ver sozinhos que já estão arrancando as roupas um do outro, depois de ontem, Melissa me contou a história completa de vocês. Deveria aproveitar isso. — Rannolf tomou um gole do uísque, observando a reação do amigo.

— Realmente, acha que eu não a faria infeliz?

— Pela milésima vez, não. Vocês seriam felizes juntos, eu sei disso, Melissa sabe, todos sabemos. Só vocês é quem não enxergam.

— Então, se é para casar, melhor que seja eu mesmo do que meu irmão. — Simon parecia mais determinado agora, mais decidido.

— Se quiser pensar assim.

— Vou falar com ela amanhã à noite, no sarau. Mas, antes disso — ele tomou um gole do que restava no copo —, preciso falar com John.



— Então você mudou de ideia, assim do nada, e quer se casar com Nicole agora? — John ergueu uma sobrancelha, sem acreditar nas palavras do irmão. Simon assentiu.

— Não foi do nada, precisei pensar muito, mas quero. O filho é meu, afinal.

— Não está fazendo isso apenas para tirá-la de mim, está? Pois, se a magoar...

— Eu nunca magoaria Nicole. — A voz de Simon foi séria, dura. Essa era uma das únicas verdades dele. — Ao menos, não de propósito, jamais. Ela é a coisa mais importante que eu tenho, diabos, só estou percebendo agora que ela é mais minha família até que você, Elliot e nossa mãe. — Ele balançou a cabeça, abaixando a voz. — Rannolf estava certo em dizer que somos metades.

— E só percebeu isso agora, depois de tantos anos? Um pouco tarde, não acha?

— Tarde, sim, mas não tarde demais. Estou lhe avisando por pura educação, mas irei falar com ela amanhã à noite.

— No sarau, em público, para que ela não possa rejeitá-lo.

— Não a irei forçar a nada. Se ela não me quiser, ela pode seguir livre com

você e nunca irei importuná-la novamente. Mas se ela me quiser, preciso saber que não causará problemas.

— Tenho mais honra que você, irmão. Se ela lhe quiser, eu ficarei feliz que o bebê estará com o pai biológico e ela com o homem que realmente deseja. — Havia dor nos olhos de John ao dizer estas palavras e foi só, então, que Simon percebeu.

— Você realmente a ama, não é? — Dessa vez não havia ironia ou maldade na voz, apenas uma genuína dúvida.

— Amo. Não sei como ou por que, mas amo. Desde que consigo me lembrar eu me apaixonei por ela, e sempre tive inveja de ela ser sua antes de mim. Você a conheceu primeiro, a beijou primeiro, a arruinou primeiro. Sempre você, e eu sempre em segundo plano, o amigo substituto quando você não estava. Eu cheguei a te odiar por isso, mas nunca fiz nada, pois, nunca foi meu espaço. E agora eu tive espaço, eu tive uma chance e aproveitei. — Simon estava calado, apenas observando o desabafo do irmão. — Você tem realmente alguma noção do quanto a humilhou, e do quão magoada ela ficou? Ela não chorou daquele jeito nem quando caiu daquele cavalo e quebrou o braço. A dor dela ontem era na alma. Eu não sei como ou por que, mas ela ama você, então, quando ela aceitar seu pedido de casamento, e ela vai aceitar, mesmo se você precisar insistir um pouco, eu não irei incomodar os dois. Só quero que saiba que, se algum dia a magoar novamente, eu vou pessoalmente socar esse sorrisinho irônico para fora do seu rosto.

Quando John se calou, o silêncio no quarto era tão audível quanto as palavras dele. Simon não sabia o que responder, não de imediato, mas, aos poucos, sua mente foi clareando para algo.

— Pode ter a certeza de que eu nunca a magoei de propósito, nada do que eu disse foi intencional, você nunca entenderia o quanto o choro dela me machuca. Eu posso não a amar do jeito que você ama, mas ela é muito especial para mim. Ela é, de fato, como disse Rannolf, minha metade. Ela me completa em tudo e eu pretendo fazê-la feliz o máximo que puder. Nunca mais quero vê-la chorar.

— Muito bem. Se você diz, eu vou escolher acreditar. O caminho está livre para você, irmão. — Havia dor na voz de John com aquelas palavras.

Tudo havia acontecido tão rápido, em apenas dois dias, ele mal havia ficado noivo da mulher que amava e, em seguida, já estava em segundo plano de novo. Sim, havia a esperança de que ela o escolhesse, mas John sabia que era irreal. Nicole sempre escolheria Simon.

E ele ficaria sozinho, mais uma vez.



Capítulo 12

Nicole não estava muito animada com o sarau. Sim, as coisas estavam se resolvendo, mas ela sentia falta de Simon. Sentiria falta dele a vida toda, mas como poderia perdoar o que ele fez? Já havia perdoado tanto, mas a mágoa continuava. Por mais que perdoasse, a mágoa sempre continuaria.

Ela suspirou, pegando um vestido qualquer de seu baú. Não se importava mais com a cor, com o azul. Todos os vestidos azuis a lembravam dos olhos dele, o que a fez pensar que talvez, desde sempre, o azul fosse por causa dele. E isso só fez a ferida em seu peito doer mais ainda. Sim, ela seria feliz com John, mas até que ponto? Até onde a amizade poderia manter um casamento feliz? Ela não se apaixonaria por ele, não, já estando apaixonada por Simon.

Essa era outra verdade que doía em seu peito. Ela estava apaixonada por Simon, talvez desde que eram crianças. Talvez desde antes que ela nascesse, já fosse dele, só esperando o momento em que iria descobrir isso. E agora, ela o havia perdido, para sempre. Ela suspirou novamente, se olhando no espelho, enquanto prendia os cabelos numa espécie de nó alto, um emaranhado loiro ao qual ela não deu muita importância. Não estava se importando com mais nada, além de seu bebê, seu pedacinho de Simon, seu pedacinho de si mesma.

Amava aquele pequeno desconhecido com todas as forças que tinha, afinal, era sua única razão restante para viver. Ela pôs as mãos sobre o ventre, fazendo um leve carinho, como se pudesse tocar o bebê. “*Amo você*”, pensou. Tudo ficaria bem, contanto que tivesse seu filho ao seu lado, seu pequeno anjinho. Em breve, ela sabia que a criança começaria a chutar e, então, ela teria certeza de quanto tempo estava, mas acreditava que engravidou ainda nas primeiras vezes.

Ela respirou fundo, saindo do quarto. Era final da tarde e o sarau seria ao anoitecer, mas havia se oferecido para ajudar Melissa a arrumar os últimos detalhes. Precisava se ocupar, manter algo na mente para ter o que fazer. Precisava pensar em algo que não fosse Simon, essa era a verdade. Suspirou novamente, percebendo que talvez estivesse suspirando demais, enquanto andava pelas escadas.

Chegou aos jardins, sorrindo e até se animando um pouco ao ver a decoração que a amiga havia feito. Havia fitas e lampiões amarrados nas árvores e em postes estrategicamente colocados, para que o lugar ficasse claro, mas nem tanto. Os criados estavam começando a trazer as comidas, quando Nicole se aproximou.

— Pensei que eu fosse ajudar, mas já está tudo pronto! — Ela riu.

— Me empolguei um pouquinho. — Melissa sorriu. — Estou adorando

tanto dar esses eventos. Ser a anfitriã é uma experiência incrível. Quando você der seus bailes, saraus e temporadas, também vai concordar comigo. — Ela sorriu, vendo algo atrás de Nicole e abrindo mais o sorriso. — Kate!

— Pensei em ajudar nos preparativos, mas, pelo visto, já tem tudo pronto. — Katherine sorriu.

— Eu disse a mesmíssima coisa. — Nicole riu. — Por onde andou?

— Ocupada. Oliver não me dá sossego. — Ela piscou um olho, com uma risadinha. — E você, quais as novidades? Eu soube de uma confusão nos jardins, mas não lhe encontrei depois disso.

— Bem... Em você eu posso confiar, eu estou grávida. De Simon.

— Não posso dizer que estou surpresa, vocês dois sempre tiveram uma conexão assustadora. Era realmente só questão de tempo até algo assim acontecer. — Kate sempre via o mundo de uma forma mais séria, mais técnica. Isso era bom em alguns casos, irritante em outros, como agora. Mas Nicole amava a amiga mesmo assim.

— Bem, aconteceu. E ele, como provavelmente também era de se esperar, não reagiu nada bem. Pelo contrário, me sugeriu chás abortivos e eu agora estou noiva do irmão dele, que é um doce de pessoa, mas não é quem eu realmente queria.

— Espere, vamos por partes. Ele sugeriu chás abortivos? Ele não sabe os perigos disso?

— Sabe, mas aparentemente eu sou como uma meretriz qualquer, que pode se arriscar por ter se dado ao luxo de uma diversão. — Nicole deu de ombros, sentindo o peito doer ao lembrar aquelas palavras. — Ele se desculpou depois.

— E a parte do irmão?

— Bem, eu estava arruinada, mas John se ofereceu para se casar comigo. O bebê ficará na família, dará tudo certo.

— Mas você não o ama.

— Não.

— Você ama Simon.

— Infelizmente. — Ela suspirou, pegando um docinho de morango e ignorando o olhar de reprovação de Melissa. — Estou comendo por dois, eu posso.

— Tudo bem, os de morango são seus mesmos. — Melissa suspirou, balançando a cabeça e rindo.

— Enfim, continuando, John é tudo que eu poderia querer. Ele é fofo, sensível, dedicado, incrivelmente calmo, me casar com ele deixaria toneladas de mulheres com inveja, mas não é o que eu quero. Eu quero brigas de madrugada

por nada, quero discussões bobas, numa mistura de altos e baixos, quero beijos devastadores e escândalos. Quero paixão, fogo e pólvora... Eu quero o que tive, com Simon. — Nicole suspirou, pelo que parecia, a milésima vez, naquele dia.

— Então, por que não diz isso a ele? Tenho certeza de que Simon voltaria para você num piscar de olhos. — Katherine sorriu. — Eu vejo a conexão de vocês, a forma como se completam, como se encaixam. Deveria falar com ele.

— Se ele me quisesse, já teria dito, Kate. Não adianta. — Nicole deu de ombros. — Vou ter que me contentar com o irmão dele, e com esse pedacinho dele que carrego dentro de mim. — Ela cobriu o ventre com as mãos. — Vai se chamar Lucy, se for menina, e Damon, se for menino.

— Vocês duas têm tanta sorte. — Kate suspirou. — Eu queria engravidar facilmente assim, mas até agora, nada.

— Foram só alguns meses, logo você consegue. — Nicole sorriu. — E eu não chamaria o que eu tenho de sorte. — Ela riu, balançando a cabeça.

— Bem, sua “sorte” pode estar prestes a mudar, pois, Simon está vindo para cá neste momento. — Melissa fez um gesto com a cabeça, e atrás dela estava Simon, lindo como sempre, barbeado, os olhos determinados. Nicole sentiu o coração acelerar no peito.

— Nicky. Posso falar com você? — Ele estava sério. Ah Deus, o que seria agora?

— Claro. — Ela ficou feliz por não gaguejar. Ele a puxou para um canto do jardim, perto das árvores, e ela estava ciente das duas amigas observando-os, como se fossem velhas fofoqueiras. Quase riu com esse pensamento. — O que foi?

— Eu... bem, vou ser direto, acho que é a melhor maneira de esclarecermos os fatos. Eu quero me casar com você, Nicole. Pelo nosso bebê, acho justo que eu, afinal de contas, me case com você.



Simon sentia o coração à beira de pular do peito, tamanha era a velocidade de seus batimentos. Agora, não havia mais volta.

— Simon, não acha que eu já sofri o suficiente? Não tem graça fazer uma brincadeira com isso.

— Não é brincadeira. — Ele estava sério, por que diabos ela pensaria que era uma brincadeira? Então, se lembrou que também pensou que ela estava mentindo quando contou que estava grávida. Seria mais difícil do que havia pensado.

— Eu estou falando sério, Nicole. Eu quero me casar com você. Precisei pensar bastante, e precisei de um empurrãozinho de Rannolf, mas eu quero me casar com você. Pelo nosso bebê e pela nossa amizade... Eu não me perdoaria se te perdesse, Nicky.

— Simon...

— Eu creio que nunca tenha sido tão sério sobre algo em minha vida, mas estou sendo agora. Quero honrar nosso filho. — Ele deu um passo à frente, tocando o ventre dela. — Nosso bebê.

— *Nossa.* Eu acho que é uma menina. — Ela deu um sorrisinho triste. — John acha que é um menino. Damon.

— E se for mesmo uma menina?

— Lucy. Minha pequena Lucy.

— *Nossa* — Simon repetiu a palavra dela, com um sorriso. — Eu estou falando sério, Nicky. Acredite em mim.

— Eu estou noiva do seu irmão.

— Não mais. Eu falei com ele, e se você aceitar se casar comigo, ele disse que permitiria. John é um homem honrado e sabe que é melhor se Lucy for criada pelo pai. — Simon apelou um pouco, usando o nome do bebê, mas era necessário.

Estava começando a gostar a cada segundo mais da ideia de ter um filho, e de ter esse filho com Nicole.

— Muito bem, eu aceito, então. Mas com uma condição.

— Qual?

— Você prometer que nunca mais vai me comparar a uma qualquer. E que John poderá ser parte da nossa família. Ele merece, por ter tomado à frente quando você se recusou — ela alfinetou, e ele notou que ainda estava magoada. Só havia as amigas dela os observando, então, ele não se importou de erguer uma mão e tocar o rosto dela, num carinho suave.

— Prometo. Nós iremos fazer isso, minha lady. Juntos.

— Juntos — ela repetiu a palavra, soando estranha em sua mente. Nicole não sentia que era sério, mas seu coração queria tanto acreditar, que ela não teve escolha. Sorriu, tocando o rosto dele também.

Simon olhou em volta, se certificando de que apenas as amigas dela estavam ali e se inclinou, a beijando. Foi um beijo rápido, simples, mas com tanto carinho, que o coração dos dois entraram no mesmo ritmo. Foi o início de algo novo, algo melhor.

Algo que fariam juntos.



Capítulo 13

Ela estava mais animada, mas parte desse ânimo morreu quando viu John entrar. Precisava falar com ele. Ela respirou fundo, se virando para Simon.

— Preciso falar com ele.

— Você não lhe deve nenhuma explicação.

— Mas quero explicar, mesmo assim. Ele merece, Simon. Lembre-se de que é seu irmão.

— Tudo bem, mas volte logo. — Ele suspirou e ela deu um sorrisinho, ficando na ponta dos pés e o beijando no rosto. Se virou para John, que o observava de longe e se aproximou dele.

— Você aceitou, não foi? — ele perguntou, simplesmente, os olhos tristes. Ela assentiu. — Eu imaginei que aceitaria.

— Peço que me perdoe. — Ela o olhou, triste também. — Mas Simon é o pai do bebê, é apenas justo que eu me case com ele.

— Eu entendo. E acho melhor assim, se for para você ficar bem. — Ele deu um sorrisinho triste, dando de ombros. — Quero apenas o que for melhor para você, Nicole.

— Eu sei. — Ela suspirou, dando um sorriso. — Você será o padrinho de Lucy, isso eu prometo. Fiz Simon prometer que você poderá ser parte da vida dela.

— Nicky... Não precisava.

— Mas eu quis. Você se importou com este bebê, quando ninguém nem ligou, é mais do que justo ser seu afilhado. Bem, afilhada, pois, eu tenho certeza de que será uma menina. — Ela sorriu, se jogando nos braços de John e o abraçando. — Eu lhe quero muito bem, certo? Você sempre será importante para mim.

— Eu sei — ele sussurrou, a apertando nos braços. Ela o soltou depois de alguns minutos, sorrindo.

— Venha. Quero uma dança com meu futuro cunhado. — Ela sorriu, o puxando pela mão. A banda estava apenas começando a música, mas se apressaram quando os viram. Era uma dança animada, divertida, e Nicole ria, enquanto girava. Até John se animou, dando uma risada quando ela, de propósito, pisou em seu pé.

— Está tentando me deixar sem pé? — Ele riu. John não era o tipo de pessoa que ficava chateada por tempo demais, era do tipo que perdoava. Nisso Nicole se parecia com ele, a única coisa em que ela se parecia mais com John do que com Simon.

— Talvez esteja. — Ela riu, e a dança acabou. Ele se despediu, dizendo que não iria ficar para o resto do sarau.

Nicole balançou a cabeça, voltando para o lado de Simon.

— Ele está chateado.

— Ele vai superar — Simon disse, simplesmente, puxando-a para si.

— Simon! As pessoas vão chegar e nos ver.

— Deixe que vejam, você é minha noiva. — Ele riu, a abraçando por trás e beijando seu rosto.

E ela sorriu, sentindo que, finalmente, tudo estava se ajeitando.



Alguns dias depois.

— Eu ainda acho a do baixinho a melhor piada sua.

— Sêrio? — Simon ergueu uma sobrancelha. Estavam no jardim, sentados na grama. Era bom pegar ar puro de vez em quando, e Nicole estava com um pote de doce de morango com hortelã nas mãos. Ele estava apenas observando, se perguntando se ela o morderia se tentasse pegar um pouco do doce.

— Sêrio. Vamos lá, um homem baixinho entra em um bordel com uma colmeia e um burro gordo. A madame pergunta: “O que podemos fazer pelo senhor hoje? E, se me permite a pergunta, por que o bicho e a colmeia?” — Nicole imitou uma voz mais grossa, rindo.

Simon continuou:

— “Quero uma mulher para afogar minhas mágoas, pois, a minha me deixou. Encontrei uma bruxa que me ofereceu três pedidos e eu, tolo, aceitei.”

— “E o que o senhor pediu?”

— “Primeiro — Simon riu —, eu pedi um palácio digno de uma rainha, e ganhei esta colmeia. Depois eu pedi que fosse dono do maior traseiro da região, e ganhei este burro gordo.”

— “E o terceiro pedido?” — Nicole ria, já sabendo o final.

— “O terceiro foi que meu pau chegasse até o joelho.” E quando a mulher disse: “Ora, esse não é tão mal” — Simon continuou, já que as gargalhadas dela não a deixavam continuar. — “Não é tão mal?” disse o homem. “Eu costumava ter quase dois metros de altura!” — E Simon caiu na risada também.

Nicole amava a indecência daquela piada, o palavreado chulo e o bordel. Era uma das piores e, ainda assim, a favorita dela. Ainda se lembrava do choque que sentiu ao ouvir pela primeira vez, e da gargalhada que deu com a frase final. Simon dizia que aprendeu a piada com um anão, que alegava ser o homem baixo

da história, mas Nicole duvidava dessa versão.

Ela suspirou, se deitando na grama, com a cabeça no colo dele. Simon ergueu uma sobrancelha.

— Estamos noivos e eu estou cansada, é sua obrigação me servir de travesseiro. — Ela riu, vendo-o balançar a cabeça.

— Como quiser, minha lady. — Ele riu, deixando uma mão sobre a barriga dela e com a outra acariciando seu rosto. Nicole nunca havia visto Simon tão carinhoso, tão bom com ela. — E eu estava pensando... Se por acaso for um menino, poderia se chamar Jasper.

— Jasper? — Ela abriu os olhos, curiosa.

— Sim. Acho um bom nome, você não gosta?

— É... incomum.

— Mas é bonito.

— Sim, é bonito. — Ela sorriu, dando de ombros. — Mas ainda acho que será Lucy.

— Por que Lucy?

— É o nome de uma das minhas bonecas, não se lembra? — Ela fechou os olhos de novo, sentindo o sol no rosto. — Lucy Lucinda, minha boneca preferida.

— Belo motivo para nomear um filho. — Ele riu, dando de ombros e ela apenas sorriu.

Nicole estava se sentindo sonolenta, e ali, no colo dele, com o sol em seu rosto, se sentia segura para dormir. E enquanto ela cochilava, Simon a observava e pensava no que faria com ela e com seu bebê. Pela primeira vez, estava pensando no futuro como algo, além de um solteirão, aproveitando os prazeres carnavais da vida. Agora ele se imaginava com uma menininha de cabelos pretos nos braços e um menino loiro correndo em volta deles. Se imaginava ficando velho, com os netos gritando no pé do seu ouvido.

A única coisa que não mudava em sua visão de futuro era Nicole, sentada ao seu lado na varanda de sua casa de campo, rindo de alguma coisa imprópria que ele disse. A única diferença é que agora ela tinha uma aliança no dedo, e não era uma visitante na casa e, sim, a esposa dele. Sua Nicky, sua eterna Nicky.

Ele estava se apaixonando pela ideia de ter uma família e faria o que precisasse, custe o que custasse, para manter sua família segura. Sua família e sua lady, sua Nicole.



Melissa e Rannolf estavam em sua biblioteca, sorrindo com o rumo que as coisas estavam tomando.

— Eu disse que eles se casavam, não disse? — Ele disse, rindo. — Só não pensei que fosse ser tão rápido assim.

— Eu só acredito quando se casarem mesmo. Não me leve a mal, estou muito feliz por Nicole, mas aqueles dois... Nunca vi um casal com tantos altos e baixos.

— Nem mesmo nós?

— Nosso amor e ódio não é nada comparado com a paixão e implicância daqueles dois. — Ela riu, balançando a cabeça. — Ainda bem que você não me arruinou, só chegou perto.

— Bem perto, se eu me lembro corretamente. E você fala tanto do corredor deles, mas se esquece do que tivemos na mesa de meu escritório em Londres. — Rannolf riu, piscando um olho. Melissa riu, corando. — Amo como você ainda fica corada, mesmo depois de tantos meses... e noites. — Ele deu um sorrisinho de canto.

— Vou corar para sempre, meu duque. E, voltando ao assunto, acha mesmo que eles se casam?

— Não vejo outra opção, com a gravidez dela.

— Tem John como segunda opção. — Melissa riu, balançando a cabeça. — É, ela deve se casar com Simon mesmo. Perdi a aposta.

— Pode me pagar em algo que não sejam libras... — ele sugeriu, dando um sorrisinho de lado. Ela riu, se levantando e indo até o colo dele.

Eles faziam jus ao título de casal do ano, sem dúvida alguma.



Já estava ficando tarde, quando Simon e Nicole saíram dos jardins, ainda conversando. Estavam quase chegando na casa, quando a mãe dela os encontrou, os parando onde estavam.

— Simon, obrigada por acompanhá-la, mas será que posso falar um pouco com a minha filha?

— Claro, tia Ailee... ou deveria começar a lhe chamar de sogra? — Ele deu um sorrisinho, arrancando uma risadinha de Nicole e um sorriso de Ailee, enquanto revirava os olhos.

— Pode continuar me chamando de tia, por enquanto. — Ela balançou a cabeça, rindo. — Agora, se nos der licença...

— Boa noite, minha lady. — Ele deu um beijo no rosto de Nicole, sem se

importar com a presença da mãe dela e sorriu, saindo em seguida. Nicole mordeu o lábio inferior, dando um sorrisinho para a mãe.

— Nem parece o mesmo Simon que me insultou, não é?

— Não, parece alguém totalmente diferente. — Ailee balançou a cabeça. — E nós precisamos ter uma conversa, senhorita.

— O que eu fiz agora? Bem, além de me arruinar, virar motivo de fofocas, ser chamada de meretriz e engravidar do meu melhor amigo, e isso sem comentar que quase fiquei noiva do irmão dele, tudo num período de uma semana. — Ela deu de ombros, rindo, enquanto a mãe balançava a cabeça.

— Sabe o quanto me preocupou com tudo isso? — Elas começaram a caminhar pelo jardim, voltando para a casa. — Poderia ter me contado.

— Eu sei, mamãe. Mas fiquei com medo que não fosse reagir bem.

— Tolice. Eu vou ter um neto ou neta, não poderia estar mais feliz. — Ela sorriu, entrelaçando o braço ao da filha enquanto andavam.

— Neta. Tenho quase certeza de que será uma menina. — Nicole sorriu, pondo a mão livre sobre o ventre. — Demora muito até começar a se mexer?

— Creio que apenas com quatro ou cinco meses de gestação. Você está com quantos? Ou, melhor dizendo, há quanto tempo se envolveu com Simon?

— Quase três meses, eu acho. — Nicole deu um sorrisinho de “me desculpe”, enquanto a mãe balançava a cabeça.

— Tanto tempo assim, não é de admirar que esteja grávida. — A mãe sorriu, dando de ombros. — Seja como for, é bom que as coisas se ajeitaram agora.

— Não sei. — Nicole suspirou. — Tenho uma sensação de que foi tudo tão rápido e tão fácil, que ainda não é o fim.

— Fácil? Qual seu conceito de fácil, minha filha? — Ailee ergueu as sobrancelhas, vendo a filha rir.

— Simon aceitar se casar comigo tão facilmente. Eu imaginei que ele eventualmente aceitaria, mas pensei que iria demorar algumas semanas.

— Ele não sabe viver sem você, minha filha. Desde que eram crianças isso é óbvio, não me admira que ele tenha percebido logo a besteira que fez, se afastando de você.

— Mas, mesmo assim, está tudo calmo demais. Como a calmaria, antes de uma tempestade, sabe? — Nicole suspirou, vendo um banco perto da entrada e indo se sentar. Estava se cansando facilmente.

— É natural que se sinta assim, Nicole. Quando as coisas dão muito certo, sempre há a sensação de que foi fácil demais, mas lembre-se do que aconteceu antes. Você precisou quase noivar com o irmão dele, para que ele caísse em si e tomasse uma atitude, e aconteceu tudo rápido demais. Aproveite a calma, se

quiser minha opinião, essa é a calmaria, *após* a tempestade. — A mãe se sentou ao lado dela, tocando os cabelos da filha com carinho. — Fique tranquila, minha menina.

— Espero que a senhora esteja certa. — Nicole sorriu, suspirando. — É normal me sentir tão cansada?

— Claro que é. — Ailee sorriu. — Você está carregando outra pessoa dentro de si, uma pequena pessoinha que está crescendo a cada dia. É normal que se sintam mais cansadas.

— Cansada e com vontade de comer mais doce de morango. — Nicole riu. — Obrigada por me apoiar.

— Seu pai e eu vivemos por você, minha filha. Por você e pelos seus irmãos. — Ela sorriu, abraçando a filha.

E ali, no abraço da mãe, Nicole teve a certeza de que tudo iria ficar bem.



Capítulo 14

Os problemas começaram no momento em que ela tropeçou ao lado dele, e teria caído se ele não a segurasse.

— Nicole! — Ele a segurou, com um pouco mais de força que o necessário, a puxando de lado e a segurando nos braços. — Tem que tomar cuidado, minha lady.

— Está tudo bem, foi só um tropeço. — Ela sorriu, se desvencilhando dos braços dele e rindo da cara que ele fez. — Não me diga que está preocupado com isso?

— Claro que estou! Você está carregando nosso filho, Nicky, precisa ser mais cuidadosa. — Ele balançou a cabeça, tocando o ventre dela. — E se algo acontecer?

— Nada vai acontecer. Eu estou grávida, não doente. — Ela revirou os olhos, se soltando dele e continuando a andar sozinha. Estavam passeando pelos jardins, enquanto esperavam o resto das pessoas virem para o passeio até a vila que ficava ali perto.

— Precisa tomar mais cuidado mesmo assim. — Ele balançou a cabeça, observando-a. Os olhos dele mostravam tanta preocupação, de um jeito que ela nunca havia visto antes.

— Pode ficar tranquilo, eu vou ficar bem. — Ela sorriu, tocando levemente o rosto dele, a barba rala espetando seus dedos.

— Talvez fosse melhor se você não fosse hoje ao passeio. — Ele segurou a mão dela em seu rosto, a olhando.

— Simon, não pode estar falando sério.

— Você está grávida, Nicole, não pode ficar caminhando longas distâncias e tropeçando por aí.

— Gravidez. Não. É. Doença — ela falou novamente, pausando entre as palavras para ver se ele entendia.

— Mas é uma condição grave. Não posso arriscar que algo aconteça com você ou com o bebê, com nossa Lucy.

— Você parece muito preocupado para alguém que há uma semana nem queria a mim e o bebê. — Ela foi ríspida, puxando a mão da dele. Simon suspirou.

— Eu já pedi desculpas pela forma como agi.

— Desculpas não apagam o que você fez. E ser o pai deste bebê, meu noivo, não te dá o direito de me controlar. — Ela o encarou, a raiva crescendo no peito. Quem ele pensava que era, dando ordens a ela, assim?

— Pensei que as mulheres deversem obedecer aos maridos.

— Você mesmo me disse a vida toda para não seguir ordens de ninguém. Ou as regras mudam só por ser você? — Ela ergueu uma sobrancelha. — John não tentaria me dar ordens — ela provocou, cutucando a ferida. Sabia que ele tinha ciúme dela com o irmão, mesmo que não admitisse, e que esse foi o único motivo que ele teve para realmente aceitar se casar com ela. E, por mais que o amasse, Nicole não aceitaria ordens de homem nenhum.

— Então por que não volta atrás e se casa com ele? Tenho certeza de que ele ficará feliz da vida ao saber que lhe ganhou, sempre foi obcecado por você. Sempre quis o que eu tinha.

— Você nunca me teve, Simon. Éramos amigos, só passamos a algo mais três meses atrás, e não chegou nem perto do que John gostaria de ter comigo. Eu sei dos sentimentos dele, inclusive, acho que ele ficou com toda a sensibilidade da família, porque você é uma pedra! — Ela bufou, cruzando os braços.

— Bem, diga o que quiser sobre mim, mas esta pedra aqui se preocupa com você e com nosso bebê, e é por isso que você não vai nesse passeio e ponto final.

— Seu... *argh!* — Ela fechou a cara, batendo o pé. — Eu vou.

— Não vai, não, nem que eu precise te amarrar ao pé da cama. — Ele deu um passo à frente, encarando-a, ficando olho a olho.

— Então, vai ter que amarrar, pois, eu vou. Você não manda em mim, Simon. E veja lá, os outros estão vindo. Se me der licença, tenho um passeio para ir, e gostaria de ser deixada em paz. — Ela deu um sorrisinho seco e correu, tropeçando duas vezes de mentirinha, indo até Melissa e os outros.

Simon ficou encarando, com raiva, enquanto ela saía e seguiu o grupo de longe.



— Quem ele pensa que é para falar assim comigo? — Nicole saiu reclamando para Melissa enquanto andavam. — Gravidez não é doença, não posso ser tratada como uma inválida. Você está mais grávida do que eu e Rannolf... desculpe, Hampton, não te obriga a ficar trancada em casa como uma maldita Rapunzel.

— Pode chamá-lo pelo nome. E se você lembrar bem, Ranny também era bem controlador no começo do nosso relacionamento, precisei quebrar a cabeça dura dele na base de marretadas. — Mel deu uma risadinha. — Você e Simon vão se entender, eu garanto.

— Acho difícil. Às vezes, eu me pergunto por que não conheci John primeiro, ele é tão adorável e apaixonado por mim, qualquer um pode ver. Teria sido mais fácil se eu tivesse me entregado a ele, provavelmente, estaria casada antes da primeira vez, mas não, eu tinha que pertencer justo ao irmão teimoso e irritante. Justo a Simon.

— O nome disso é destino.

— Ou má sorte. — Ela bufou, colocando uma mecha de cabelo que se soltou atrás da orelha. — Eu não sei explicar, só queria que ele encontrasse um meio termo, mas com Simon tudo é sempre oito ou oitenta. Ou ele não quer o bebê ou ele é superprotetor comigo e com a gravidez. Ou ele não me quer ou ele me quer tanto que me faz perder o fôlego com um olhar... Duvido que algum dia vamos atingir o ponto que você e Rannolf chegaram, apaixonados e calmos em uma casa de campo. Meu casamento com Simon vai ser na base de momentos de paixão e de ódio.

— Dizem que o ódio é primo-irmão do amor — Melissa provocou, batendo o ombro no da amiga. — Ah! — Ela arregalou os olhos, levando as mãos ao ventre.

— Mel? O que foi?

— Eu não sei... acho que o bebê chutou. — Melissa abriu um sorriso largo, se virando na pequena multidão para Rannolf que ia na frente. — Ranny, meu amor. — Ela não se importou com os olhares, correndo até ele. — O bebê se mexeu!

Nicole ficou olhando enquanto Melissa e Rannolf sorriam um para o outro, desejando ter aquilo com Simon quando seu bebê mexesse, mas provavelmente o máximo que teria seria outra briga. Era sempre assim com Simon, teria que se acostumar.

Conteve a vontade de cobrir o ventre com uma mão, afinal, estava em público, e correu até a amiga, sorrindo diante da cena. Rannolf tocando a barriga dela com um carinho que ela nunca viu antes no amigo — agora Nicole o considerava um amigo — e os olhos verdes de Melissa reluzindo. Faziam um lindo casal.

— Nicole, venha cá, você precisa sentir também. — Melissa sorriu, puxando a amiga. Nicole riu, balançando a cabeça.

— E atrapalhar o momento de vocês?

— Não atrapalha, o momento é seu também. Ranny e eu estávamos pensando... queremos que você seja a madrinha.

— Mel... — Os olhos de Nicole se encheram d'água. Os outros ali presente sorriram e continuaram a andar, dando ao pequeno grupo um pouco de privacidade. Nicole sorriu, tocando o ventre da amiga. — Ah! Eu senti! — Foi

um movimento pequeno, quase imperceptível, mas ela pôde sentir o minúsculo chute de seu afilhado ou afilhada.

— Em breve será o seu. — Melissa sorriu, lágrimas de alegria nos olhos.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — Simon se aproximou dos três, uma sobrancelha erguida.

— O bebê chutou, e vocês serão padrinhos — Rannolf resumiu a situação, rindo. Melissa assentiu.

— Padrinhos? — Simon ergueu uma sobrancelha. Rannolf assentiu e ele sorriu, dando um tapinha nas costas do amigo. — Obrigado pela confiança.

— Nada mais justo. — Rannolf sorriu, passando um braço em volta da esposa. — Vamos, ainda temos muito chão para andar até a vila.

— Vai deixá-la andar nesse estado? — Simon ergueu as sobrancelhas, surpreso com o amigo. Rannolf deu de ombros.

— Ou eu deixo ou serei obrigado a dormir no quarto de hóspedes por um mês. E eu estou sempre por perto, caso qualquer coisa aconteça. — E saiu andando com Melissa, deixando Simon e Nicole para trás. Simon olhou para a amiga, agora noiva, e deu um sorrisinho de desculpas.

— Talvez eu lhe deva um pedido de desculpas.

— Talvez?

— Certo, eu lhe devo um pedido de desculpas. — Ele coçou os cabelos, suspirando. — Sinto muito por ter lhe irritado novamente, mas precisa entender que eu estava preocupado com você e com nosso bebê. — Ele tocou o ventre dela.

— Eu entendo, Simon, realmente entendo, mas você precisa se policiar quanto a isso. Preocupação não te dá o direito de me controlar. Agora, com licença, estamos ficando para trás.

E saiu andando, deixando-o para trás, ainda claramente chateada. Sim, Nicole o perdoava com uma facilidade imensa, mas isso não fazia com que tudo ficasse bem. De fato, ela entendia a preocupação dele, mas não havia motivo para tanto. Estava de poucos meses, quase quatro, o período de perigo já havia passado. Ela podia andar normalmente, só não podia fazer coisas perigosas, como cavalgar ou pular de penhascos. Mas um passeio até a vila não era problema.

Alguns minutos depois chegaram à pequena vila, Nicole automaticamente se encantando com as lojinhas que continham artigos para bebês. Com o pretexto de ajudar a amiga a escolher coisas para o filho que esperava, Nicole comprou tantas roupinhas que mal podia carregá-las de volta. Sua gravidez ainda era segredo, para todos os efeitos, e só seria anunciada depois do casamento, que se tudo desse certo, seria no próximo mês. Haveria alguns escândalos quando a data

de nascimento fosse revelada, mas após casados, ninguém poderia falar nada de mais. Não teriam provas de que o bebê não nasceu apenas prematuro.

Seja como for, Nicole não sabia como aguentaria uma vida inteira de briguinhas e discussões com Simon. Era divertido quando eram apenas amigos, mas agora, como noivos, estava se tornando insuportável. Ele tinha por lei um direito superior sobre ela, uma permissão suprema para lhe dar ordens, e ela odiava isso.

Ainda estava remoendo isso, enquanto voltava para a casa, carregando uma enorme sacola de compras. Dentre todas, a que mais gostou foi uma pequena boneca de pano, que seria de sua pequena Lucy. Tinha certeza absoluta de ser uma menina, e se não fosse, guardaria a boneca para quando a menina viesse.

Estava já de volta em seu quarto, organizando as compras, quando ele entrou.



Capítulo 15

— Vim me desculpar, novamente. — Foi a primeira coisa que ele disse, fechando a porta atrás de si. — Eu lhe trouxe um presente... Lembrei-me de você na hora em que vi. — Era um colar dourado com uma pedra azul na frente. Ele entregou a ela, que sorriu.

— Simon... não precisava.

O colar era lindo. A pedra azul lembrava os olhos dela e, na parte de trás ele havia mandado gravar a palavra “juntos”. Ela sorriu, emotiva, sentindo os olhos se encherem d’água.

Não pensou duas vezes antes de abraçá-lo, perdoando qualquer besteira que ele tivesse feito durante o dia. Era fácil demais perdoar alguém que você ama. E ela amava Simon, não havia como negar. Nunca diria a ele, não era tola de achar que ele a amaria de volta, mas Nicole o amava. E teria que ser suficiente.

— Um dia você ainda vai fazer algo imperdoável, não ache que eu vou ser sempre tão boazinha. — Ela sorriu, beijando o rosto dele e se afastando, erguendo o colar e virando de costas para que ele colocasse.

— Sinto muito por ser assim... não é de propósito. — Ele deu um sorriso leve, prendendo o colar em volta do pescoço dela. Aproveitou a posição e envolveu a cintura dela com as mãos, a puxando contra si. — Obrigado por sempre me perdoar. Eu não sei o que eu faria sem você.

— Provavelmente, seria um canalha pior do que já é. — Ela riu, segurando as mãos dele em seu ventre. Fechou os olhos, se recostando no ombro dele, sentindo-se protegida e segura em seus braços.

— Creio que esteja certa. — Ele riu, beijando o rosto dela e então o pescoço. A virou para si, tomando a boca dela em um beijo que começou calmo, mas foi crescendo e crescendo, terminando com ambos ofegantes. — Nicole?

— Sim? — ela sussurrou, de olhos fechados, ainda sentindo o gosto dele na boca. Esses beijos eram os melhores, beijos com gosto de desculpa, beijos com gosto de carinho. Beijos sem pressa, sem necessidade de algo mais.

— Você é o meu mundo — ele sussurrou, segurando o rosto dela entre as mãos e, em seguida, a cobrindo de beijos novamente. Beijando seu rosto, seu pescoço seu decote... E então os beijos mudaram, arrancando um sorrisinho dela, enquanto ele passava a língua pela pele que tinha exposta.

— Simon... — ela sussurrou, rindo baixinho e puxando os cabelos dele até erguer o olhar para ela. Ela sorriu, o beijando novamente. — Sou seu mundo, e você é o meu.

E a cumplicidade entre os dois foi suficiente para saberem onde aquilo iria parar. Na cama, outra vez. Ele deu aquele sorrisinho de canto que a destruíra, envolvendo sua cintura e a puxando para perto.

— Podemos? Com a gravidez... Não quero te colocar em risco. — Ele parecia tão desesperado para que a resposta fosse sim, que ela quase riu, segurando o rosto dele.

— Acho que se formos bem devagar, não tem problema. — Ela deu um sorrisinho, acariciando o rosto dele.

— Contanto que eu tenha você, pode demorar uma eternidade. — Ele se inclinou, a beijando de novo e bem lentamente, deslizando a boca dos lábios dela para o rosto, o pescoço, as mãos em sua cintura subiam até as costas e os botões do vestido, os soltando um a um. Ela suspirou enquanto o tecido escorregava de seus ombros e caía no chão, criando uma poça azul em seus pés.

Simon estava sendo fofo, calmo, e ela não conseguia entender o motivo, mas estava amando aquilo. Toda vez que se desculpava, ele ficava assim, e valia a pena mesmo ele tendo feito alguma besteira fenomenal antes. Nesses momentos ela gostava da ideia de passar a eternidade com ele.

Simon se sentou na beirada da cama, tirando o paletó e a gravata, jogando o colete longe. Deu um sorrisinho para ela, batendo no próprio colo e a chamando. Não precisavam de palavras, tamanho era o entendimento entre os dois.

Nicole andou até ele, se sentando em seu colo, uma perna de cada lado. Podia sentir a força da excitação dele mesmo com os tecidos que ainda se impunham entre os dois. Era maravilhoso saber que tinha esse poder sobre ele, que causava esse efeito no homem que tanto amava. Suspirou, movendo os quadris e o provocando, dando um sorrisinho enquanto mordida o lábio inferior.

Ele sussurrou o nome dela, numa espécie de gemido, a fazendo sentir-se poderosa, como uma deusa perdida. Ela gostava desse poder. Na cama era o único lugar onde ela era mais poderosa que ele, e aproveitaria esse momento. Se moveu mais uma vez, provocando de novo, enroscando os dedos nos cabelos dele.

Queria tanto dizer que o amava que chegava a doer, mas se controlou. Não poderia, não estragaria o momento com algo assim. Em vez disso, aproveitaria cada segundo com ele, antes que a próxima briga viesse destruir o momento.



Simon nunca havia feito amor antes. Já havia se deitado com mais

mulheres do que poderia contar, mas sempre era algo carnal. Algo rápido, pulsante e intenso, mas apenas aquilo. Até com Nicole, antes dessa noite, havia sido apenas isso, apenas momentos. Mas agora analisando a calma com que ela o despia, os movimentos suaves dos quadris dela contra os seus, a forma como estava entregue, ele tinha certeza absoluta de que aquilo era o que os poetas chamavam de “fazer amor”. Inferno, ele costumava odiar esse termo, dizia que amor era uma emoção e não algo que se pudesse fazer, mas com Nicole, naquela noite, não havia outro nome para isso.

Ele puxou a chemise dela, a deixando do modo como mais gostava: nua. Deu um sorrisinho, notando que os seios dela estavam um pouco maiores. Não pensou duas vezes, antes de tomar um deles nos lábios, sugando e mordiscando como se sua vida dependesse dos gemidos que arrancava de Nicole. Os dedos dela em seu cabelo, o puxando mais para perto, eram como o paraíso. Simon suspirou, apertando o quadril dela contra si. Tinha que ter calma, ir devagar, mas como? Se tudo o que mais queria era estar dentro dela.

Deu uma última lambida no mamilo intumescido e se deixou cair para trás, ficando deitado na cama e totalmente à mercê dela. Nicole deu um sorrisinho, se levantando e o observando. Desabotoou a calça dele, botão por botão, roçando os dedos na parte dele que tanto desejava. Simon viu estrelas.

Ele apenas observou enquanto ela o despia, estando rendido a ela. Nicole então fez algo que ele nunca havia esperado e se inclinou, o tocando com os lábios.

— Nicole...

— Você me prometeu que eu poderia tentar. É tão divertido quando faz em mim... — Ela deu um sorrisinho, o destruindo de todas as formas.

Simon foi ao céu e ao inferno na boca dela, nunca havia sentido nada assim antes. Ela era maravilhosa, e ele se amaldiçoou por não a ter deixado fazer isso antes. Mas quem poderia culpá-lo? Damas da sociedade não faziam isso, não que ele soubesse.

Só que Nicole nunca foi uma dama comum, sempre foi a dama dele. Fora dos padrões e limites pelos quais as outras viviam, Nicole e ele tinham um momento próprio, uma época própria. Estavam anos à frente e atrás de seu tempo, numa era que só existia quando os dois estavam juntos. Naquele momento Nicole apagou todas as outras mulheres com quem ele já havia estado, e dali em diante seria apenas ela, para todo o sempre. E justo ele, que sempre odiou a ideia de ter apenas uma mulher, estava começando a gostar dessa possibilidade.



Nicole não fazia ideia do que estava fazendo, mas pelos gemidos que ele soltava, Simon parecia gostar. Ela deu um sorrisinho quando se afastou, vendo-o arregalar os olhos e riu, subindo nele. Ela teria o controle, ela seria a dona dele. Ele a pertenceria, tanto quanto ela já pertencia a ele.

Ela suspirou, se posicionando sobre ele e se mexendo devagarinho, o provocando com pequenos movimentos antes de finalmente tê-lo dentro de si. Ambos gemeram em uníssono quando ela começou a se mover.

Nicole não pensou e deixou-se guiar pelo mais puro instinto, mantendo os olhos abertos e focados nos dele durante todo o tempo. As mãos, que começaram passeando pelo peito dele, mudaram de direção até os braços e ela entrelaçou os dedos aos dele, segurando a mão dele com mais força à medida que aumentava os movimentos. Nenhum dos dois saberia dizer quanto tempo passaram assim, até onde sabiam poderiam ter sido horas. Nenhum dos dois estava com pressa, com urgência, pela primeira vez tinham todo o tempo do mundo e o aproveitariam.

Até que não aguentaram mais e atingiram o ápice de uma forma nova, mais lenta, mais completa. E, como sempre, juntos.



Quando Nicole caiu deitada ao lado dele, Simon estava com um sorriso satisfeito no rosto e um braço em volta da cintura dela, a puxando para se deitar em seu peito. Ela sorriu, se aconchegando a ele.

— É errado eu achar que essa vez foi ainda melhor que o corredor?

— Eu também achei. — Ela deu uma risadinha, esticando uma mão para puxar uma coberta sobre eles. Estava começando a esfriar, já era quase final de agosto, o verão estava indo embora. Isso a lembrou de algo. — Acha que já passou da meia-noite?

— Creio que sim, por quê?

— Feliz aniversário. — Ela deu um sorrisinho, se esticando e beijando o rosto dele. Simon deu um sorriso quase bobo, erguendo uma sobrancelha.

— Você nunca se esquece. — Ele a puxou para perto, lhe roubando um beijo.

— Como poderia, se é exatos seis meses depois do meu? — Ela deu uma

risadinha, se aconchegando no peito dele. — Dorme aqui comigo hoje? Nunca dormimos juntos... Pelo menos, não o ato de dormir de fato.

— Durmo quantas noites quiser. — Ele sorriu, beijando a testa dela. — Não conte a ninguém sobre meu aniversário, certo? Sabe que não gosto de festas.

— Um dia terá que aprender a gostar, mas tudo bem. Não vou contar para ninguém, creio que só Rannolf, Melissa e seu irmão também saibam.

— Controle sua amiga louca para não me dar uma festa. — Ele riu.

— Isso eu não posso garantir, ninguém controla Melissa. — Nicole riu, bocejando. — Mas vou tentar.

— Aliás, talvez devêssemos convidá-los para serem padrinhos do nosso bebê também. Sabe, retribuir o favor. — Boa ideia. — Ela sorriu. Simon bocejou, começando a cair no sono. E enquanto dormia, ele não a ouviu sussurrar que o amava.



Capítulo 16

Ela não estava bem. O dia todo estava com mais sono do que o normal, e as coisas estavam estranhas. Fazia alguns dias que ela e Simon não brigavam, o que era, de fato, incomum, desde aquela noite juntos. Estava pensando que talvez tudo estivesse começando a se organizar e se acalmar. Mas, ainda assim, havia a sensação de ter algo errado no ar, a calmaria antes de uma tempestade.

A sensação era de que algo estava vindo, algo muito ruim. Mais uma briga, talvez, ou apenas um mau pressentimento.

Ela não estava se sentindo bem. Suspirou, decidindo ir conversar com Melissa. Estava descendo as escadas quando sua sapatilha escorregou, e ela literalmente voou da escada, batendo o traseiro com toda a força do mundo e deslizando alguns degraus. Deu um grito, um “ai” bem sonoro enquanto caía, sentindo o impacto da dor.

— Ai, ai, ai — ela começou a resmungar, respirando fundo e controlando a vontade de chorar. Tudo bem, foi só uma queda. Ouviu passos vindo do corredor ao lado e fez uma careta, pensando em como iria se explicar. Quando viu a pessoa, seu coração gelou.

Era Simon.



Ela estava no chão, resmungando vários “ai” e com cara de choro. Simon não demorou mais que dois segundos para entender o que havia acontecido: ela havia caído da escada.

— Nicole! — Ele correu até ela, a erguendo nos braços. Ela resmungou um pouco ao ser carregada, revirando os olhos.

— Está tudo bem, eu só caí.

— Como, só caiu? Você está grávida Nicole, é perigoso. — Ele a colocou em uma poltrona da sala de estar que havia ali perto. Ela reclamou ao se sentar, sentindo o lado esquerdo do traseiro doer.

— Estou grávida, mas estou bem, a queda nem tocou na barriga. Talvez eu tenha quebrado meu traseiro? Talvez, mas não foi nada de mais. — Ela deu uma risadinha, mas ele não riu. Estava preocupado demais.

— Nicole, isso não tem graça. Não percebe que está colocando meu filho em risco?

— O filho é meu também. — Ela ficou séria, encarando-o. — Está tudo

bem, Simon, de verdade. Eu estou bem.

— Tem certeza? Você não me parece bem. Na verdade, não me parece nada bem.

— A pancada só está doendo um pouco, nada de mais.

— Eu deveria levá-la a um médico.

— Não preciso de um médico — ela ralhou, mudando a posição em que estava sentada para aliviar a dor. — Foi só uma queda, eu caio o tempo todo.

— Caía o tempo todo quando só você estava em jogo, agora tem nosso filho também. Você precisa parar de ser tão descuidada. — Ele estava ficando com raiva. Muita raiva, era como ele respondia quando ficava nervoso.

— Descuidada? Simon, foi só uma queda, não foi o fim do mundo!

— Só uma queda? Você tem noção que poderia ter perdido nosso filho?!

— Não, pois o bebê não nasce do traseiro! — ela gritou, furiosa, se levantando e murmurando outro “ai” com o movimento.

— Aonde pensa que vai? — Ele a encarou, ficando em seu caminho.

— Sair daqui, para não ter mais que ouvir as estupidezes que você diz.

— E acha que eu vou lhe deixar ir? — Quando ela tentou passar, Simon a segurou pelo pulso, fazendo-a ficar onde estava. — Não vai escapar tão facilmente, *minha lady*. Você vai sentar aqui e vai me ouvir. — Ele estava tão furioso quanto ela, talvez, até mais. — Eu estou cansado da sua irresponsabilidade com essa gravidez. Passeando por aí, correndo em lagos com Melissa, caindo de escadas. E não venha me dizer que não é doença, porque é uma condição diferente e ponto final. Você precisa crescer, Nicole. Crescer e parar de agir como uma criança mimada que só faz o que quer.

— Criança mimada? Simon, eu só estou seguindo com a minha vida! Você nem queria este filho, só mudou de ideia por puro despeito com seu irmão, quem você pensa que é para me dar ordens agora?! Me acusar de estar me arriscando, quando você mesmo queria que eu tomasse uma bebida abortiva, acha que pode falar alguma coisa?! O problema aqui não sou eu, é você! Você e as coisas estúpidas que diz, a dor que você me faz sentir toda vez que vem com um drama desses. Como espera que duremos em um casamento desse jeito?

— Ah, agora vai jogar a culpa em mim? Sim, eu errei quando lhe mandei tirar o bebê, mas aquilo ficou no passado. Eu já me desculpei, o que mais quer que eu faça? Que eu caia de joelhos? Bem, vai ficar sonhando. — Ele foi ríspido, cruel. E não havia terminado. — E se quer saber a verdade, eu ainda preferia que essa gravidez nunca tivesse existido, ao menos assim, eu teria minha amiga como sempre e sem esse drama todo! — ele explodiu, socando a parede ao seu lado com toda a raiva que estava sentindo.



Nicole gelou onde estava. Só o havia visto tão furioso assim duas vezes, e não era algo bonito de se ver. Ela balançou a cabeça, tentando conter as lágrimas, enquanto dava um passo para trás.

— Se é assim, pode ter sua amiga de volta e esquecer da gravidez. Não precisa se casar comigo, Simon, eu ficaria muito bem casada com John. Ao menos, ele não gritaria comigo, nem me trataria como uma incapaz. — Ela atacou o ponto fraco dele. Simon a encarou, os olhos furiosos, os punhos fechados.

— Então, vá! Case-se com ele, mas depois não venha chorando para mim e me implorando para lhe aceitar de volta. Você teve só uma chance, Nicole, e a está jogando fora neste momento. — Ele estava tremendo de raiva. — Sinceramente, eu estarei melhor sem você. Estarei melhor tomando conta da minha vida, sem o impedimento de uma “amiga” grávida e de um filho que eu nunca quis!

Os olhos dela se encheram d’água quando ele disse isso. Doeu no fundo de sua alma ver o homem que tanto amava a tratar assim, doeu mais do que se ele a tivesse socado, mais do que se levasse uma facada no peito. Doeu em seu espírito, em sua essência.

— Muito bem, Lorde Sandsore. Pode seguir com sua vida sem ter obrigações comigo, esteja livre para se deitar com quem quiser e viver sem impedimentos. Adeus.

E se virou, correndo o máximo que podia antes que ele a segurasse, deixando as lágrimas caírem. Seu traseiro ainda doía da queda, mas não era nada parecido com a dor de seu coração partido.

Ela fugiu daquela casa, de qualquer lugar onde ele pudesse estar, indo até o lago onde havia ido com Melissa uns dias antes. Precisava de tempo para pensar, precisava ficar longe de Simon. Se surpreendeu ao ver que já havia alguém ali, e com alguns instantes, reconheceu Oliver, pescando. Bem que Katherine havia dito que ele gostava de pescar.

Deu um passo para trás, sem querer interrompê-lo, mas pisou em um galho e ele a viu. Deu um sorriso amarelo.

— Desculpe. Não queria incomodar, eu só estava...

— Chorando? — ele completou, observando o rosto dela. Outro homem não perceberia, mas Oliver tinha uma sensibilidade que até a assustava às vezes. Ela assentiu. — O que aconteceu?

— Simon — ela disse, simplesmente, imaginando que ele já soubesse de tudo, afinal, Kate sabia.

— O que ele fez agora? — Oliver fez um gesto para que ela se sentasse na pedra do outro lado dele, e Nicole o fez, tomando cuidado com o lado dolorido da queda.

— Tivemos uma discussão enorme, e eu o mandei embora de vez. Você deve saber que eu estou grávida, certo? — Ele assentiu. Parecia que todos já sabiam, mas Nicole não se importava. — Bem, ele reagiu terrivelmente mal, para começo de conversa. Me pediu que tomasse um chá abortivo, foi extremamente indelicado. Depois disso, eu fiquei noiva de John, irmão dele. Você deve conhecer. Enfim, Simon caiu em si e decidiu se casar comigo, mas discutíamos o tempo inteiro. E hoje foi a gota d'água, quando eu escorreguei de uma escada e caí. Ele começou a gritar comigo e socar a parede, dizendo que eu estava sendo irresponsável e que havia prejudicado a vida dele... Foi péssimo. Eu disse que ele não precisava mais se casar comigo e saí correndo, vindo parar aqui.

Foi bom desabafar, finalmente pôr para fora tudo o que havia acontecido. Ela suspirou, abaixando a cabeça entre as mãos. Oliver a observou, levando alguns segundos para pensar no que dizer.

— Você falou bastante do que ele pensou da gravidez, mas e você? Está feliz em estar grávida? — Ninguém havia perguntado isso. Até então, era como se a opinião dela mesma não importasse tanto, não fosse tão significativa.

— Estou. No começo fiquei assustada, mas eu amo este bebê. Vou tê-lo, nem que seja sozinha, arruinada e mal falada, mas vou ter o meu bebê. — Ela pôs uma mão sobre o ventre. — Ninguém havia perguntado ainda o que eu pensava sobre tudo isso.

— As pessoas tendem a não ver os dois lados de uma mesma moeda. — Ele deu de ombros, soltando a vara de pescar no chão ao seu lado. — Vou dizer algo não muito útil, mas vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem, seja como for, e você tem a mim, Kate, Rannolf e Melissa ao seu lado. Desamparada, você nunca ficará, pode ter certeza. — Ele sorriu.

— Vocês são anjos, sabia? — Ela sorriu, secando as lágrimas.

— Eu tento. — Oliver sorriu, estendendo uma mão para ela, que segurou. — Vai ficar tudo bem, você vai ver.

— Creio que perdi minhas chances com ele completamente. Do jeito que ele é, provavelmente, irá embora.

— Se ele for, é porque não merece você. — Oliver apertou a mão dela. — Vai dar tudo certo. Nós iremos te ajudar, mas para isso preciso saber, você realmente quer ele de volta? Ou estaria melhor com John?

— Eu me daria muito bem com John, mas não é ele quem eu amo. Não seria a mesma coisa, só que eu não sei como perdoar Simon dessa vez. Já perdoei tanto, mas tanto... não sei se consigo perdoar de novo. — Ela suspirou. — Sabia que ele uma vez me comparou com uma meretriz? E eu perdoei. Sempre foi fácil perdoar Simon, sempre foi simples demais mantê-lo ao meu lado, mas agora, ele insultou não só a mim, mas a minha capacidade de ser mãe.

— Tolicie dele. Você será uma mãe maravilhosa, eu tenho certeza. — Ele sorriu.

— Obrigada. — Ela sorriu de volta, soltando a mão dele e se levantando. — Bem, acho que vou me deitar um pouco. Preciso descansar. A queda da escada ainda está doendo.

— Vá. Se precisar de algo, pode me procurar, ou procurar Kate. Te ajudaremos em tudo o que for possível. — Ele sorriu, se levantando e a abraçando. — Vai ficar tudo bem.

— Obrigada. Por tudo. — Ela sorriu, o soltando e saindo, voltando para seu quarto.

Sabia que as coisas seriam mais complicadas dali para frente, mas também sabia, ao menos, que não estaria sozinha. E isso já bastava.



Capítulo 17

Simon estava revoltado. Em sua mente, ele acreditava estar certo, se preocupando com seu filho e com a mulher de quem estava noivo. Estava, no passado. Ao que tudo parecia, não estavam mais ligados a nenhum compromisso, a menos que ela mudasse de ideia passada a raiva, mas algo nele dizia que dessa vez ela não o perdoaria tão facilmente.

Por Deus, a garota havia caído de uma escada e, em vez de se preocupar, ele gritou com ela! Sim, gritou de preocupação, mas talvez não fosse a forma correta de agir. Droga, ele não sabia por que era assim, numa hora estava calmo e na outra estava furioso, e então calmo de novo. Havia sido assim desde sempre, não podia negar, mas parecia ser pior recentemente. Parecia estar cada vez mais descontrolado entre dois extremos opostos, algo que o prejudicava drasticamente.

Simon suspirou, caminhando até os estábulos e pegando seu cavalo. Precisava pensar, e a melhor forma de fazer isso era cavalgando para o mais longe possível dela. Não conseguia pensar, não conseguia se concentrar, não era capaz de nada quando ela estava por perto. Então se afastou, o máximo que pôde, cavalgando para longe. Precisava por sua mente em ordem.

Não sabia quando começou a olhar Nicole de forma diferente. Ela sempre foi Nicky, a sua Nicky, a garota com quem cresceu e brincou a infância toda, que puxava seus cabelos e o chamava de chato. A garota que viu crescer e se tornar numa mulher maravilhosa, que mal parecia aquela garotinha que conhecia, exceto os olhos. Os olhos de Nicole sempre seriam os mesmos, com o mesmo brilho que só ela tinha.

Talvez tivesse sido desde aquele primeiro beijo, quando descobriu a mulher que ela se tornou e algo nele foi mais forte que sua lógica e precisou beijá-la ali, tão jovens quanto eram, na varanda da casa dela. Algo nele, algo nos dois, foi tão forte que valeu a pena se arriscarem em algo tão perigoso, mas, ao mesmo tempo, tão delicioso. Sim, talvez tenha sido ali.

Ou talvez tenha sido no segundo beijo, quando o pai dele morreu e Simon ficou devastado, socando as paredes, de coração partido, e Nicole foi sua calma na tempestade, o centro de seu furacão e enquanto seu mundo desabava, ela o manteve de pé. Naquele dia, ele a beijou com mais força, impulsionado pelo sofrimento, e ela correspondeu da mesma forma. O beijo com tanta força, que expulsou momentaneamente a dor dele. Talvez tenha mesmo sido ali.

Ou então, talvez, apenas talvez, tivesse demorado mais um pouco e tivesse sido naquela noite do corredor. Quando ele se incomodou pela ideia de ela se

casar com outro, e quando a viu naquele corredor, tão frágil e, ainda assim, tão forte, e não se controlou ao beijá-la e marcá-la como sua. Pode ter sido no momento em que a penetrou, tomando-a para sempre e se sentindo de uma forma que não se sentia com nenhuma outra mulher. Pode ter sido quando ela gemeu seu nome de uma forma tão doce e necessitada que, naquele momento, ele lhe daria o mundo. Sim, pode ter sido naquela noite.

Em algum momento ela deixou de ser apenas Nicole para ser a *sua* Nicole. A Nicole que o deixava louco de desejo, a Nicole que o deixava pronto com apenas um olhar, a Nicole que o fazia rir e implorar, ao mesmo tempo. A Nicole que não só era sua, mas era sua dona também. Ela tinha um poder sobre ele que nenhuma outra garota já teve. Talvez, por conhecê-lo tão bem, talvez, apenas por ser ela.

Sua mente estava repleta de vários “talvez” o rodeando, já havia percebido isso. De qualquer forma, precisava pôr tudo em ordem. As coisas mudaram depois daquela noite, não havia como negar. Ela havia criado aquele poder único sobre ele, e ele havia se prendido a ela de forma como nunca se prendeu a nenhuma outra mulher. Nunca quis uma mulher como queria Nicole o tempo todo, nunca repetiu uma mulher mais que uma ou duas vezes, mas de Nicole, ele não conseguia se cansar nem tentando, os meses que ficaram afastados ele se envolveu apenas com mulheres parecidas com ela.

Seja como for, Nicole era sua, e ele se desculparia com ela, mais uma vez, não querendo arriscar perdê-la. Mas antes, aproveitaria o tempo longe para deixar sua mente mais limpa, para tentar controlar seu humor.

Não podia mais se descontrolar perto dela, principalmente, devido à gravidez. Sim, Nicole sempre acompanhou seus pequenos e grandes surtos, mas agora a situação havia mudado e ele não podia mais forçá-la a passar por isso. Ela agora não era mais só sua amiga, ela era sua futura esposa e mãe de seu filho. Bem, de sua filha, se os pressentimentos dela estivessem certos. Ele precisava melhorar por ela. E não a incomodaria novamente até ter melhorado.



Uma semana depois.

Nicole estava triste. Já fazia uma semana que ela e Simon não se falavam, e seu coração estava partido. Pelo visto, tudo entre eles estava realmente acabado, e não havia o que fazer. Ela estava conversando com Melissa, tentando resolver a situação, pensando em possíveis jeitos de melhorar os problemas.

— Acho que ele não vai voltar, Mel. Bem, que não vai voltar para mim,

pois, já o vi por aqui de novo. — Ela suspirou, pegando o chá que estavam tomando e bebendo um gole pequeno. — Realmente acabou dessa vez, Mel. Já era.

— Não diga isso, Nicole. Ele deve estar preparando algum gesto superior para mostrar o quanto te ama. — Melissa fez uma careta, rindo. — Certo, talvez não tanto, mas ele vai voltar.

— Já faz uma semana, Mel. Ele nunca passou tanto tempo assim sem falar comigo, nunca. Nem quando ele ficou com a garganta inflamada e precisava escrever para se comunicar, nem quando eu tive febre e era perigoso se aproximar de mim. Ele nunca se afastou por tanto tempo. Acabou, Melissa. Já passou da hora de eu falar com John novamente, para recuperar minha chance de ter um marido quando este bebê nascer.

— Nicole, não fique assim — Katherine se intrometeu, enquanto mordida um biscoito. — Tenha positividade. — Ela estendeu uma mão, segurando a da amiga e dando um aperto leve.

— É fácil para você falar, tem o marido dos sonhos. Vocês duas têm. — Ela suspirou, dando um sorrisinho amargurado. — Não sei ser positiva agora. Tudo que eu sei é que eu quero chorar o tempo todo, e implorar para ele me aceitar de volta. É óbvio que não vou fazer isso, ainda tenho alguma dignidade, mas que eu preciso fazer algo, eu preciso, não aguento mais ficar parada.

— Você precisa respirar fundo, querida. Respirar fundo e se acalmar para ver as coisas com mais clareza.

— Eu não quero clareza, eu quero Simon — Nicole resmungou, como uma criança, ouvindo as amigas rirem e acabou sorrindo também. — Vou tentar manter mais a calma, pelo menos, um pouco.

— É assim que se fala. — Melissa sorriu, tomando um gole de chá. — Vamos falar de coisas boas, como os nossos bebês. Já imaginou se eles se tornam amigos?

— Com certeza serão amigos. — Nicole sorriu. — Você e Rannolf já pensaram em nomes?

— Kenneth se for menino, Ellen se for menina, em homenagem a mãe dele. E o seu?

— Lucy se for menina, e vai ser menina. — Ela sorriu. — Se for menino Simon quer Jasper, John quer Damon.

— Gosto de Jasper — Katherine comentou, sorrindo. — Espero engravidar logo também, queria ter a fertilidade de vocês. — Ela riu, bebendo um golinho do chá e colocando uma mão sobre o ventre. — Vocês são tão sortuda

— Seu conceito de sorte é, no mínimo, estranho. — Nicole franziu o cenho para a amiga, que deu de ombros.

— Para mim, engravidar com facilidade é sorte, mesmo dadas às circunstâncias. — Ela sorriu, pegando mais um biscoitinho de manteiga. — E você tem dois noivos praticamente, não consideraria a situação ruim.

— Katherine, você precisa sair dessa sua bolha de positividade, eu tenho, no máximo, meio noivo, que não é nem o noivo que eu realmente queria. — Nicole deu de ombros, colocando a xícara vazia na mesinha. — John é perfeito em todos os sentidos, exceto pelo fato de que ele não é Simon, e é a Simon que eu amo.

— Então, diga isso a ele. — Katherine tinha uma terrível mania de incentivar a coisa errada. — Diga a ele o quanto o ama, e eu aposto que ele irá te amar também.

— Nem todos os homens são como Oliver, Kate. — Melissa encarou a cunhada. — Com Rannolf mesmo, foi extremamente difícil para que ele admitisse me amar, mesmo que já me amasse há algum tempo.

— Mas no final, ele admitiu, não foi? — Ela deu um sorrisinho como quem dizia estar certa, e Melissa revirou os olhos.

— Sim, bem no final, no dia que eu contei sobre a gravidez.

— Já sabemos que comigo não será assim. — Nicole deu uma risadinha amarga. — Simon não é do tipo que diz “eu te amo”. Céus, ele não é do tipo que ama e ponto final. Ele não nasceu para se prender a uma única mulher, mas como se prendeu a mim, o único jeito seria assumir o compromisso, graças ao erro que ele cometeu. Mas depois da nossa última briga, eu duvido que ele ainda me queira. Eu o mandei embora, Kate. Você precisa encarar os fatos, Simon e eu não somos um conto de fadas.

— Mas poderiam ser, se, ao menos, se esforçassem para isso. Me desculpe, mas eu só perco as esperanças quando ver você no altar com John ou outro. Até lá, ainda acredito que você e Simon formem um lindo casal. — Kate deu de ombros, sonhadora como sempre. Nicole até sorriu com o otimismo dela.

— Obrigada pela positividade em exagero, queria acreditar como você. Seja como for, esse bebê e eu precisaremos de muita ajuda para dar certo nesta vida. — Nicole abraçou o próprio ventre, sentindo uma pontada fraquinha. Não sabia se era sua imaginação, afinal, mal estava com quatro meses, então resolveu ficar calada. Mas se estivesse certa, seu bebê havia chutado. E então sentiu outra pontada fraquinha no mesmo lugar, que dessa vez incomodou um pouco. Será que chutes eram assim?

— Bem, se me derem licença, eu preciso ir encontrar meu marido e ver se conseguimos fazer um bebê para chamar de nosso. — Kate se levantou, arrancando risadas da amiga. Nicole adorava o nível de intimidade que as três tinham, e a liberdade com que falavam de assuntos privados. Era bom ter amigas

assim, que eram quase como irmãs.

— Vá e divirta-se por nós. — Nicole deu uma risadinha, vendo a amiga se levantar e sair. Sentiu outra pontada, que doeu. Como uma cólica. Ah, que maravilha, não eram chutes, então, era muito chá com bolinhos. — E eu acho que vou me deitar. Não estou me sentindo muito bem, e a queda da semana passada ainda está doendo. Acredita que meu traseiro ficou preto por dois dias? Pensei que estivesse apodrecendo. — Ela riu, balançando a cabeça.

— Você precisa tomar mais cuidado, Nicole. — Melissa balançou a cabeça para a amiga. — Se segure nas escadas, certo?

— Certo. — Nicole sorriu, se levantando e dando um beijo no rosto da amiga. — Até mais.

Ela saiu da sala onde estavam, subindo as escadas devagar até seu quarto e se deitando. As cólicas continuaram, mas ela não deu muita atenção. Começou a pensar sobre Simon.

Doía no fundo de seu coração se lembrar daquela última noite com ele. A forma como ele a tocou, o respeito nos olhos dele, a forma como se entregou e se deixou ser dela. Às vezes, ela gostaria de acordar sem memória, para não precisar se lembrar dele e dos seus beijos, da forma como ele a tomava e da forma como ela o tomava. Da forma como se completavam.

Não sabia quando começou a vê-lo como mais que amigo, mas se analisasse, talvez fosse desde sempre. Desde que o conheceu eles tiveram uma ligação muito forte, uma ligação de alma, uma ligação nunca vista antes. A forma como ele a irritava, mas odiava vê-la chorando, a forma como ele a abraçava quando ela se machucava. Inferno, era ele quem estava com ela quando suas regras desceram pela primeira vez, e quando pensou que ela havia se machucado, ele se desesperou. Tudo o que ele sabia sobre como conquistar uma mulher era graças ao lado feminino da vida que sempre conviveu com ela.

Nicole sempre soube que era a outra metade dele, agora que parava para analisar. Desde que se conheceram, um completava as frases do outro, um contava de tudo para o outro. O que Nicole sabia da vida ela aprendeu com ele, o que ela conhecia do mundo era ele que havia mostrado. E quando se lembrava daquele primeiro beijo na varanda, ela sabia que antes daquilo já sentia mais que apenas amizade por ele. Nunca foi só amizade, sempre foi algo mais, muito mais.

— Ah, Simon. — Ela suspirou, pensando alto. Não sabia o que fazer com tudo aquilo, com o amor incondicional que sentia por ele e com a dor do que ele disse para ela na última briga. Não sabia como reagir ou o que pensar, só sabia que precisava fazer algo, não podia ficar parada, vendo seu ventre crescer sem ter um marido para chamar de seu.

E Nicole pensou em John. Sabia que ele nutria sentimentos por ela desde que eram pequenos, mas agora não tinha certeza. Ele sempre foi o segundo, ela odiava admitir. Seu segundo melhor amigo, seu segundo confidente, seu segundo candidato a marido. Começou a pensar se tudo não seria mais fácil se tivesse o conhecido primeiro. Se tivesse se apaixonado por ele desde sempre, se tivesse se arruinado com ele, se o tivesse beijado, se fosse ele que ela tanto desejava ter ao seu lado. Provavelmente, já estaria casada a esse ponto. Sim, teria sido perfeito se tivesse sido John, mas não era.

Era Simon. Sempre seria Simon em seu coração, em sua vida. Simon era seu mundo, e ela gostava de acreditar que era o mundo dele. Sabia que ele precisava dela tanto quanto ela precisava dele, via isso em seus olhos quando se encontravam, viu isso nos olhos dele naquela última noite juntos. Acreditava ser capaz de enxergar a alma dele, assim como a dela estava em exposição toda vez que ele chegava perto.

Nicole o amava, e isso seria eterno, independente do que fosse acontecer.

E foi então que ela sentiu outra pontada.



Capítulo 18

A dor foi ficando mais forte e agora ela tinha certeza de que não eram chutes. Pareciam mais com as cólicas que vinham antes de descer as regras. Ela se encolheu na cama, abraçando a própria barriga, se deitando em posição fetal. Odiava cólicas, sempre as odiou, e pareciam estar piores.

Por que diabos estava tendo cólicas? Não fazia sentido, estava grávida, suas regras não desceriam por mais alguns meses. A não ser que... não! Ela sentiu o peito se apertar e o ar lhe fugir com esse pensamento. Não podia ser um aborto, não podia. Mas era.

A dor ficou mais forte, uma pontada no fundo de sua alma, como se alguma coisa lhe tivesse sido arrancada, como se tivesse perdido algo. E, então, sentiu algo molhado entre suas pernas. Seus olhos se arregalaram, o desespero batendo, sua cabeça girando. *Não, não, não, não, não podia ser*, não era justo, depois de tudo o que passou perder, seu bebê agora.

Puxou as saias para cima, se esforçando para se erguer e olhar. O sangue estava se espalhando em seus lençóis, em seu vestido e em sua anágua. Os olhos dela ficaram nublados com as lágrimas, sabendo que não havia mais volta. Se despedaçou em um choro de partir o coração, sentindo as dores aumentarem, enquanto se encolhia em posição fetal, sentindo seu corpo pedir para fazer força, mas não queria. Não queria acabar logo com aquilo, não queria ficar sem seu bebê, não podia.

Seu bebê era tudo o que tinha, era a luz de sua vida e sua última esperança, não podia perder seu anjinho, sua Lucy. Não podia, simplesmente não era justo, não era certo. A palavra “não” rodava em sua mente, enquanto ela se encolhia mais, abraçando sua barriga e implorando para todos os deuses, cristãos e pagãos, para que deixassem seu bebê com ela, para que não tirassem sua última alegria, seu motivo de viver. Só que implorar não adiantava mais, a dor aumentou e ela sentiu quando o perdeu. Sentiu quando seu bebê foi embora, quando seu corpo não pôde mais aguentar e foi forçada a fazer força. Era como quando suas regras desciam de uma vez, quando sentia um coágulo irritante em suas roupas, mas dessa vez, era seu filho.

Foi então que ela gritou. Um “não” agudo e doloroso, enquanto seu coração se partia em mil pedacinhos. Um não profundo, enquanto sua alma se partia em duas e ia embora junto com seu anjinho. Ela estava sozinha, desamparada, sem ninguém ao seu lado. A dor foi pior agora, juntando a dor de seu corpo com a de sua alma, uma última cólica profunda que a fez arder enquanto os últimos resquícios de seu bebê iam embora, a deixando sozinha, de

fato. Ela tentou pedir ajuda entre os choros, mas não havia ninguém para ouvi-la. Não havia ninguém ali, nenhuma alma além dela naquele poço de tristeza e dor. Não sabia quanto tempo se passou até que conseguiu gritar novamente por ajuda, e dessa vez a porta se abriu. Era uma criada que estava de passagem.

— Chame Rannolf, Melissa, Katherine, qualquer um... diga que eu perdi meu bebê. — A criada arregalou os olhos, assustada com todo o sangue e assentiu, saindo correndo.

Algum tempo depois Rannolf apareceu na porta, acompanhado da governanta... Nicole não conseguia se importar em lembrar o nome dela agora.

— Nic... meu Deus! — Ele correu para junto da amiga, segurando a mão dela. — Vai ficar tudo bem. Gladys vai cuidar de você. Não conseguimos encontrar Melissa, mas ela logo virá, a criada está procurando. — Ele se ajoelhou ao lado da cama, assentindo para Gladys. — O que aconteceu?

— Dores... muitas dores. E então... — Ela caiu no choro de novo, o coração partido. Melissa apareceu na porta, dando um grito ao ver a cena. Correu para junto da amiga, se sentando na cama dela e a abraçando, sem se incomodar em se sujar com o sangue, sem se incomodar com nada, além de amparar a melhor amiga.

— Senhor, preciso que saia daqui. Terei que despir a senhorita Nicole. — Gladys olhou para Rannolf, com um olhar triste. Ele assentiu, se aproximando de Nicole e a beijando na testa. Com tudo o que aconteceu, estava começando a ver a garota como uma irmã.

— Vai ficar tudo bem, Gladys cuidará de você — ele repetiu. — Vou procurar Katherine e...

— Simon não — Nicole sussurrou, soluçando com o choro. — Ele não.

Rannolf não disse nada, apenas saiu do quarto. Gladys fechou a porta, após ele sair e se aproximou novamente de Nicole, os olhos marejados. Não era com frequência que via uma cena assim, que via tantos corações partidos no mesmo lugar.

— Precisarei tirar suas anáguas e ver se ainda tem algum sangramento, certo? Sinto muito, senhorita. — Ela abaixou a cabeça e Nicole assentiu, mudando de posição na cama. Melissa ficou sentada ao seu lado, segurando sua mão. Não deixaria a amiga sozinha por nada neste mundo.

— Só... tome cuidado. Meu bebê está aí. — Nicole soluçou, seu coração doendo mais que seu corpo agora.

— Sim, senhora — Gladys assentiu, se inclinando sobre a garota e, com delicadeza, puxando sua anágua, vendo o sangue que estava acumulado se espalhar mais pelos lençóis. Teriam de mudar a menina de quarto depois do acontecido, isso, sem dúvida alguma. Ela já não sangrava mais. — O pior já

passou. — Ela engoliu em seco, vendo o pequeno bebê em formação entre os montes de sangue. Ela o pegou com cuidado nas mãos. Era uma menina.

— Meu bebê... — Nicole sussurrou, o choro aumentando. Gladys rasgou um pedaço do lençol, embrulhando a pequena, com cuidado.

— Não precisa ver, senhorita. Vai doer demais. Apenas saiba que era uma menina e a imagine correndo, feliz, pelos campos de nosso Senhor Deus — Gladys sussurrou, o coração se partindo também diante da cena. Nicole fechou os olhos, se encolhendo nos braços da amiga que a abraçava. A governanta se levantou, segurando o pequeno embrulho nas mãos. — Milady, cuide de sua amiga. Ela precisará de muito colo e compreensão, e de um banho — ela sussurrou para Melissa.

— Vou cuidar. Certifique-se de que o bebê terá uma lápide no cemitério da família, e que seja enterrada como Lucy Bourbon. Conte apenas para quem for necessário.

— Sim, senhora. — E saiu do quarto, segurando o pequeno embrulho, como se fosse sua vida. Nicole continuava chorando.

— Minha Lucy... minha pequena Lucy. Eu disse que era uma menina, não disse? — ela sussurrou, as lágrimas caindo.

— Sim, você disse. — Melissa acariciou os cabelos da amiga, a abraçando, mais uma vez, antes de se levantar. — Vou pedir que lhe preparem um banho. Eu já volto — Melissa sussurrou, beijando a testa da amiga e se levantando, chamando a primeira criada que passou pela porta e ordenando que trouxesse bacias de água quente para o quarto de banho de Lady Nicole. Viu Katherine vindo, já com os olhos cheios d'água.

— É verdade? — Kate sussurrou para Melissa na porta, que assentiu.

— É sim. — Melissa secou uma lágrima que teimava em cair, abrindo a porta para que Kate entrasse.

— Nicole... eu sinto tanto. — Kate ignorou a poça de sangue e se aproximou da amiga, a abraçando e beijando sua testa várias vezes, tentando consolá-la.

— Minha bebê... se foi — Nicole sussurrou, tentando parar de chorar. — Acabou.

— Você terá outros, Nicole. Muitos outros — ela sussurrou, enquanto duas criadas entravam e passavam para o quarto de banho com bacias de água. — Vamos, você precisa se limpar. Nós te ajudaremos. — Kate apoiou a amiga, a ajudando a levantar da cama. Um pouco de sangue escorreu para o chão, mas ninguém ali se importou com isso.

Ajudaram Nicole a chegar até a banheira, a se despir e a entrar na água. A cumplicidade entre elas era tanta que não havia pudor, eram irmãs, agora

conectadas também pela dor. Nicole não era a única que havia perdido aquele bebê. Melissa havia perdido a afilhada, Katherine havia perdido a sobrinha. Todas haviam perdido, mesmo que a perda maior fosse de Nicole.

Enquanto as amigas lavavam seu cabelo, Nicole apenas chorou, chorou o máximo que podia, deixando as lágrimas irem embora de vez, até que não sobrasse mais nada, apenas o vazio. As meninas a ajudaram a sair da banheira e a se vestir, colocando um vestido num tom desbotado de creme para simbolizar o luto. Não poderia usar preto, não oficialmente, já que ninguém sabia da gravidez.

Melissa guiou a amiga até um outro quarto, onde poderia descansar, a colocando embaixo das cobertas e beijando sua testa, como fazia com a irmã mais nova quando era pequena. Se sentou ao lado da cama, acariciando os cabelos da amiga em silêncio. Não havia nada a ser dito, não havia nada a ser comentado, só havia um momento de silêncio em homenagem à pequena Lucy.

E foi, então, que Simon entrou.



Ele estava cavalcando quando Rannolf o alcançou às pressas, correndo o máximo que podia.

— Simon! — ele chamava, até que o amigo ouviu e desacelerou o trote do cavalo, o virando para Rannolf e erguendo uma sobrancelha.

— O que foi homem, quem morreu? — Ele riu, mas ao ver a expressão séria do amigo, seu sorriso se esvaiu, erguendo uma sobrancelha. — Rannolf, o que foi?

— É Nicole. Ela... — Rannolf estava ofegante, após correr tanto, mas conseguiu terminar a frase. — Ela perdeu o bebê.

Simon teria caído do cavalo se não tivesse se segurado, pois seu mundo inteiro desabou com aquelas quatro palavras. “Ela perdeu o bebê”. Nicole havia perdido o bebê, o seu filho estava... não, não podia ser.

— Rannolf.... isso é sério?

— Sinto muito, amigo. — Rannolf abaixou a cabeça, e Simon sentiu-se como se tivesse levado um tiro no peito, tamanha era a dor que o atingiu. Havia perdido seu filho, Nicole havia tido um aborto, e ele não estava com ela... ah, Deus. Como ela estaria?

— Me leve até ela, agora. — Simon estendeu uma mão para o amigo subir em seu cavalo, apertando as rédeas do animal para que corresse de volta até a casa, o deixando em frente ao estábulo e correndo como se sua vida dependesse disso. Rannolf o seguiu, pedindo que esperasse. Quando Simon entrou no quarto

de Nicole não a encontrou, mas a cena que viu foi tão devastadora que uma facada teria doído menos.

A cama dela estava repleta de sangue, um dos lençóis rasgado, parecia a cena de um assassinato. Era, de fato, uma cena de morte.

— Onde ela está? — Ele se virou para o amigo num misto de raiva e desespero.

— A duquesa a levou para outro quarto, milorde — uma criada respondeu, enquanto se aproximava para pegar os lençóis sujos e os levar para lavar.

— Me mostre qual quarto — Simon ordenou, vendo Rannolf assentir para a criada, que o levou até a porta de um quarto não muito longe dali. Quando ele abriu a porta, seu coração se partiu.

Ela parecia tão frágil, deitada ali com as amigas ao lado. Ele não disse nada por um instante, se aproximando lentamente dela, até que a dor tomou conta dele e Simon, o tão forte e nada sensível Conde de Sandsore, caiu de joelhos ao lado da cama dela e começou a chorar.

Os outros, impressionados, saíram do quarto e os deixaram a sós. Simon ergueu o olhar para Nicole, as lágrimas lhe correndo pelo rosto.

— Nicky, eu sinto tanto... Me perdoe por não estar aqui, por estar longe, por tudo... eu... — Ele mal conseguia falar, tamanha era sua dor, então segurou a mão dela e pressionou sua testa contra ela, a segurando junto de si.

— Tudo bem, Simon... já acabou. — A voz dela parecia distante, longe demais dele e do mundo. — Era uma menina. Minha Lucy — Ela sussurrou, fechando os olhos.

— Nicky, eu...

— Não, não diga nada. — Ela abriu os olhos, que estavam repletos de dor. — Não sei por que chora, você conseguiu o que queria. Se lembra? Preferia que essa gravidez nunca tivesse existido. Bem, agora ela não existe mais.

— Nicole... não pode estar falando sério. Era a minha filha também, e eu...

— Você nem a queria! Não venha bancar o pai magoado agora, no momento mais dolorido da minha vida inteira. Eu estava sozinha, Simon. Sozinha.

— Se eu soubesse, eu...

— Você nada! — Ela jogou a mágoa que estava sentindo em cima dele, se esforçando para se sentar na cama. Estava fraca. — Se eu estava sozinha, foi por sua causa, que me abandonou há mais de uma semana. Se eu perdi minha filha, foi por culpa sua, que me abandonou e gritou comigo, antes que venha querer me culpar pela queda. A culpa é sua, Simon, tudo o que deu errado na minha vida foi culpa sua. Me arruinar, perder meu melhor amigo e, em troca, ter um noivo que não me quer, perder a minha única razão para sorrir que era o meu bebê... A

culpa foi toda sua!

— Nicole, você está sensível, acabou de perder muito sangue... E mais. Não vamos discutir agora. — Ele tentou manter a calma, sabendo o quão frágil ela estava.

— Não, não vamos discutir, pois não há o que discutir. Você conseguiu o que queria, desde o início, Lorde Sandsore. Não tem mais obrigação nenhuma comigo, pode voltar à sua vida como era, indo de cama em cama, mulher em mulher, até não poder mais. Enquanto eu sigo com o meu vazio, que é tudo o que me resta.

— Nicole...

— Você nunca me quis e nunca quis minha Lucy. Pois bem, agora está livre, então, suma daqui antes que eu sofra ainda mais ou caia em algum de seus truques. — A voz dela carregava tanta mágoa e tanta dor, que ele não sabia reagir. Estava doendo nele também.

— Nicole, eu ainda vou me casar com você. Não é porque perdemos nossa filha que...

— Não, Simon, não! Eu não quero que se case comigo por pena ou por culpa. Não vou mais me contentar com menos do que eu mereço, não preciso mais ser um peso na sua vida. Eu mereço alguém que me queira por mim, não para consertar um erro. — Ela virou o rosto, erguendo as mãos até o pescoço e tirando o colar que ele havia lhe dado. — E leve isso embora. Não preciso de mais lembranças de tudo o que perdi.

— Eu sinto muito.

— Saia daqui! Saia, saia, saia! — ela gritou, começando a chorar novamente e, dessa vez, ele obedeceu, se levantando do chão e indo até a porta.

Olhou para trás uma última vez e, então, saiu definitivamente da vida dela.



Capítulo 19

Simon não estava conseguindo processar tudo o que havia acontecido. Havia perdido seu filho, sua Nicole, havia perdido seu mundo. Sua pequena Lucy... de quem nem teve a chance de se despedir. Respirou fundo, erguendo a cabeça para que as lágrimas voltassem para os olhos e se encaminhou até o estábulo, para pegar seu cavalo. Voltaria para sua casa, para York. Não poderia continuar ali, não com ela naquele estado, não com o ódio que ela parecia agora sentir por ele.

Subiu no cavalo, dando uma libra para que o criado pegasse suas coisas e as enviasse para York depois de sua partida. Não tinha tempo de esperar carruagens, precisava sair dali naquele momento. Puxou as rédeas, acelerando seu cavalo e seguindo seu caminho para York. Seriam dois dias de viagem, um e meio se acelerasse bastante. Só queria sair dali, se afastar de toda a perda. Pararia em algum lugar, caso tivesse fome ou sono.

Enquanto cavalgava para longe, sentiu seus olhos marejarem novamente ao pensar nela e em sua filha. Bem que Nicole disse, desde o princípio, que seria uma menina. E ele podia imaginar a pequena, correndo por aí com cachos da cor dos da mãe, ou então uma menininha de cabelos pretos como os dele. Teria tido o espírito levado de Nicole, isso, com toda a certeza. Ele sorriu ao pensar nisso, apenas para ter seu coração partido de novo ao lembrar que nunca veria a sua menina. A dor da perda era mais significativa quando era alguém que nem se teve a chance de conhecer.

Ele balançou a cabeça, contendo a vontade de chorar novamente. Que diabos estava acontecendo, Simon Longmore chorando como um bebê? Maldita fosse Nicole por ter esse efeito nele, mas só de pensar nela sozinha, naquela cama cheia de sangue, seu peito se apertava. Não aceitava o fato de tê-la deixado sozinha, de ela ter passado por tudo aquilo sozinha, apenas por pura arrogância dele, que não aceitou pedir desculpas de uma vez. Devia ter admitido que não sabia viver sem ela quando teve a chance, agora já era tarde demais. Teria que aprender a ser apenas Simon, sem Nicole ao seu lado. Como faria isso? Não tinha a mínima ideia.

Suspirou, apertando mais o passo do cavalo. Mais uma vez, quanto mais distante ficava, mais clara sua mente se tornava, podendo analisar mais friamente os fatos ocorridos. Nicole não estava errada em odiá-lo. Pelo contrário, ele havia dado motivos de sobejo para que ela e todos os outros ali presentes nunca mais olhassem na cara dele, mas, mesmo assim, ele não conseguia simplesmente aceitar o ódio dela. Algo em si queria lutar por ela, queria

enfrentar as barreiras e caminhos que fossem para que ela voltasse para ele. Não sabia, pensou novamente, como viveria sem ela.

Nicole era sua vida, agora que a havia perdido, conseguia enxergar isso. Desde que se conheceram, a vida dele mudou com uma força absurda, mas fazia tanto tempo, que ele nunca havia notado isso. Nunca havia notado o quão dependente dela ele era.

Quando se conheceram, ele era apenas um menino, um moleque começando a conhecer a vida. E aquela menininha birrenta se tornou a sua vida, sua melhor amiga, sua outra metade. Ele a adorava com todo seu ser, mas até aquele momento, nunca havia percebido o quanto. Foi sempre tão natural ter Nicole ao seu lado, que não era capaz de perceber a falta que ela fazia quando não estava lá. Até quando estava longe, em Eton, ela nunca esteve distante, de fato, trocavam cartas todos as semanas. Sua vida inteira, em todas as suas memórias, Nicole estava presente. E ele sabia que era o mesmo para ela.

Eles eram, ambos, partes de um todo, como ele poderia se acostumar a viver sem ela? Balançou a cabeça, para afastar esses pensamentos. Pensaria nas memórias, nas boas recordações que tinha com ela...



Anos antes

Era o aniversário dela, vinte de fevereiro. Nicole estava fazendo dezoito anos, era agora uma mulher. Simon não podia estar mais feliz ao ver a alegria dela, rodeada de presentes. Ele estava com vinte e um anos, faria vinte e dois em agosto, e recém havia perdido o pai. Sua única alegria desde que se tornara conde era ter a melhor amiga consigo, era a companhia de Nicole. E aquele beijo que trocaram... Ele sorria só de lembrar.

Ele estava na casa Valbury desde cedo, foi para lá assim que acordou, a fim de passar o dia com a melhor amiga. Só não imaginava que a família inteira dela viria. Ele estava todo vestido de preto, devido ao luto, mas não pôde evitar trapacear um pouco e usar uma gravata azul escuro. Sabia que azul era a cor preferida dela, então, fez esse agrado. Ela estava linda, verdadeiramente radiante.

Com um vestido azul claro, com babados na saia e uma fita cor-de-rosa ao lado de uma azul escuro no decote, as mangas num tecido semitransparente. Estava perfeita, sem dúvida alguma. Ele se aproximou, sorrindo.

— Simon! Você veio! — Ela correu para abraçá-lo, ignorando os olhares.

— Não perderia por nada neste mundo. — Ele sorriu, segurando uma mão dela e a fazendo dar uma volta. — Olhe só para você, quase não parece mais

aquela menininha que eu conheci e que me chamava de chato.

— Quem diria que eu ficaria mais alta, não é? — Ela deu um sorrisinho, insistindo naquilo, e ele apenas riu.

— Muito bem, você pode ser mais alta, por hoje, mas só porque é seu aniversário. — Ele sorriu, balançando a cabeça. Tinha um fraco por agradá-la.

— E já que é meu aniversário, eu ordeno que dance comigo. — Ela sorriu, estendendo as mãos, que ele segurou e a puxou contra si. A família dela riu, batendo palmas, enquanto ele a rodopiava pelo salão.

— Satisfeita, minha lady? — ele sussurrou no ouvido dela, a segurando pela cintura e pela mão, tendo a honra de ser a primeira valsa oficial dela. Lorde e Lady Valbury não podiam estar mais felizes ao ver os dois.

— Muito. — Ela sorriu, ouvindo a música chegar ao seu fim e parando de dançar, fazendo uma pequena reverência para ele.

— Foi uma honra ser sua primeira dança, milady.

— Eu que agradeço, milorde. — Ela piscou um olho diante de toda a formalidade e riu, abraçando-o novamente.

— Não vai me soltar?

— Não vou te soltar nunca. — Ela riu, beijando o rosto dele e se afastando, pouco se importando com a mãe balançando a cabeça e com a tia horrorizada. Quase todos ali presentes já estavam acostumados com a intimidade que ela tinha com Simon. Sua família já quase não se importava, ao menos, quando não estavam em público.

Era de entendimento geral que Simon e Nicole eram um pacote fechado.



Lembrar-se daquele aniversário dela lhe deu um aperto no peito, e o fez pensar que talvez tivesse sido ali que ele começou a enxergá-la como algo mais, como mais que apenas *uma menina* para ser a *sua menina*, a sua garota. Foi ali que ele se apaixonou por ela, na época que ela era a única luz em sua vida sombria.

Se apaixonou... foi então que ele, finalmente, depois de todo esse tempo, entendeu. O motivo de decidir nunca se casar, o porquê de achar defeitos em todos os pretendentes dela. Simon era, sempre foi e sempre seria apaixonado por Nicole.

Foi como se tudo fizesse sentido, pela primeira vez em sua vida, e partiu seu coração saber que se tivesse percebido um pouco antes, talvez ainda tivesse a ela e ao seu bebê, sua pequena Lucy. Se não fosse tão estúpido, se não mudasse

tanto de ideia e de opinião, se não fosse tão meio a meio, se não oscilasse tanto entre emoções... Se não fosse tão ele mesmo. Simon suspirou, parando seu cavalo na primeira estalagem que viu. Não sabia há quanto tempo já estava na estrada, mas estava começando a escurecer, então, resolveu parar.

O nome da hospedaria era Sonho Partido... que ironia. Ele pediu um quarto e um copo da bebida mais forte que tivessem, se sentando no bar e virando-a de uma vez.

— Aconteceu algo, amigo? — um homem que estava ao seu lado perguntou, enquanto o estalajadeiro o servia de outro copo.

— Perdi a mulher da minha vida por ser estúpido demais. — Ele abaixou a cabeça, tomando mais um longo gole. O homem o olhou com pena, conhecendo a situação.

— Já cometi o mesmo erro, mas o que aconteceu exatamente? Não pode recuperá-la?

— Não, não tem como. Eu estraguei tudo... E só percebi tarde demais o quanto ela significava para mim.

— Ah, já passei por isso. Luna, era o nome da minha. Só percebi que a amava quando a deixei ir. — O homem pediu um copo também. — A sua ainda está viva?

— Sim... a sua não?

— Acidente de carruagem. Nunca vou poder dizer a ela o quanto a amo, mas eu lhe dou uma dica, amigo, se ainda tiver a chance, diga que a ama. — O estranho bebeu o resto de seu copo, se levantando. — Pense nisso.

E saiu andando para as escadas. Só, então, Simon percebeu que o estranho lembrava bastante o Duque de York, Steve. Não importava, não pararia de pensar no que ele disse tão cedo, mas não havia mais nada o que fazer.

Sim, Nicole estava viva, mas sua filha não. Por culpa dele, ela havia perdido o bebê, sozinha, e ele nunca se perdoaria por isso, por não estar ao lado dela sussurrando que tudo ficaria bem. Ele, de fato, só percebeu que a amava quando a deixou ir.



Nicole não havia se recuperado ainda. Estava tendo pequenos sangramentos como no final das regras, e seu coração partido estava custando a cicatrizar. Estava partido por sua filha, partido por seu Simon, partido por tudo. Ela estava partida. Nessa manhã, o terceiro dia depois de tudo, ela não vestiu azul. Estava de luto, não usaria sua cor favorita agora, talvez, nunca mais. O azul

sempre a lembraria dos olhos dele, e dos olhos que sua filha nunca teve a chance de abrir. O azul não a faria mais feliz, muito pelo contrário, a lembraria da dor agora e sempre.

Desceu as escadas, se lembrando da queda e pensando se talvez não tivesse sido culpa dela também. Suspirou, triste, saindo da casa e se afastando dela, indo se deitar na grama. Estava fazendo disso um hábito, se deitar na grama ao lado do túmulo de sua filha e conversar com ela. Talvez estivesse ficando louca.

— Oi, bebê. É a mamãe. — Ela engoliu a vontade de chorar, tocando a pequena lápide de pedra.

Não sabia mais o que dizer. Apenas queria ficar ali, perto de sua filha, de seu pedacinho de amor que nunca mais veria. Imaginava se todas as mães se sentiam assim ao perder um bebê, ou se ela estava exagerando. Não havia passado mais que três meses e meio com seu bebê, mas, ainda assim, era a sua bebê, a sua Lucy. Lucy Bourbon... não Sandsore, ou Longmore, mas Bourbon.

Ouviu passos vindo, mas não se levantou. Não se importava de ser vista ali, não tinha mais reputação ou dignidade pela qual zelar. Por sorte, era apenas sua mãe.

— Nicole... — Lady Ailee segurou as saias, enquanto se sentava ao lado da filha na grama, tocando os cabelos dela. — Filha, você não pode ficar assim, e se alguém te ver?

— Não importa. Eu já perdi tudo, mamãe. Perdi meu bebê, perdi Simon, perdi minha honra, minha dignidade. Não sobrou mais nada, além do vazio. — Ela abraçou o ventre vazio, segurando a vontade de chorar.

— Venha cá. — Lady Ailee puxou a filha para deitar a cabeça em seu colo, lhe acariciando os cabelos. — Não fique assim, minha pequena. Você irá melhorar, vai ficar tudo bem. Você se lembra que eu também perdi um bebê? Você era bem pequena, deveria ter uns dois ou três anos. Eu também desabei naquela época, mas depois seus irmãos vieram em dose dupla para apartar minha dor, e você ainda terá muitos bebês, uma porção deles.

— Tem certeza?

— Ah tenho. — Lady Ailee deu um sorriso triste para a filha, se inclinando e a beijando na testa. — Mas você precisa reagir, meu amor. Não pode deixar que a dor lhe consuma. Fique de luto, sofra a perda, mas depois levante a cabeça e encare a vida de volta. Sei que é cedo para falar nisso, mas você precisa se casar antes da próxima gravidez. — A mãe conseguiu arrancar uma risadinha triste dela.

— Eu amo você. Obrigada por ficar ao meu lado. — Nicole se encolheu no colo da mãe, fechando os olhos e sentindo o carinho materno.

— E eu amo você. — Lady Ailee sorriu para a filha, acariciando seus

cabelos. Ela amava tanto aquela filha, mas tanto, que perdoaria qualquer erro que ela ainda viesse a cometer. Ailee era uma ótima mãe, e Nicole a amava por isso. E esperava um dia, quem sabe, ser uma mãe tão boa quanto.

Mas por ora, tudo o que fazia era chorar e expulsar aquela dor de seu coração.



Capítulo 20

Já fazia duas semanas desde a perda de tudo e Nicole não estava muito melhor do que com dois dias. Havia parado de ir ao cemitério, mas não havia melhorado muito mais do que isso. Ainda se sentia triste, não participava mais dos bailes e saraus, e passava a maior parte do tempo lendo, para tentar distrair a mente da tristeza que sentia. Melissa e Rannolf lhe faziam companhia na biblioteca durante o dia e, às vezes, Katherine lhe chamava para tomar chá ou conversar sobre algum livro.

Ela percebeu que todas essas pessoas estavam se tornando parte de sua família. Seus irmãos a chamavam para brincar com eles, mesmo já sendo velhos demais para brincadeiras, e seu pai fazia questão de ir à vila comprar livros novos para ela. Todos estavam empenhados em vê-la se sentindo melhor, e pouco a pouco até que estavam conseguindo.

Nicole resolveu deixar os livros de lado e saiu para passear sozinha, caminhando pelas árvores. Não foi até o lagunho, imaginando que talvez Oliver estivesse ali e não queria incomodar o amigo. Preferiu ir pelo outro lado, indo pelas árvores até uma pequena clareira. Olhou em volta, se certificando de que não havia ninguém por ali e se sentou na grama, se deitando em seguida e fechando os olhos, sentindo o sol em seu rosto.

Ainda havia pequenas coisas boas no mundo, e o sol era uma delas. Nicole sempre amou se deitar ao sol, o calor sempre lhe trouxe certa paz, e paz era justamente do que estava precisando. Precisava parar de pensar nas tristezas recentes e se lembrar de momentos felizes... Só havia um problema. Todos os seus momentos felizes eram com Simon.

Uma de suas memórias preferidas era seu aniversário de dezoito anos, quando dançou sua primeira valsa com ele. Foi uma noite em que ela se sentiu radiante, e, quando no final da noite, ele lhe deu um broche em formato de morango, ela não poderia ter encontrado presente mais perfeito. Era algo personalizado para ela, algo que ela amava. O broche ainda estava guardado em sua caixinha de joias, na sua casa em York.

Pensar em voltar para a casa onde cresceu com ele, lhe deu um aperto no peito, mas não pensaria nisso agora. “Momentos felizes”, sussurrou para si mesma. Momentos felizes... Como o dia em que Simon, John e ela decidiram ir caçar sapos e voltaram imundos para casa, com suas mães gritando que eram uma vergonha. Aquele dia foi divertido.

Pensar em John a fez lembrar que ainda não havia falado com ele desde as perdas, mas não sabia o que dizer. Como contaria para ele que tudo estava perdido, e que seu coração agora era um monte de pedaços pela metade? Como

poderia ser cruel, a ponto de reclamar para o homem que a amava do amor de outro?

Não, era melhor não falar nada com John, por enquanto. Por ora ela apenas aproveitaria o silêncio da mata e o isolamento de seus problemas. Pensaria em coisas boas, mesmo que coisas boas envolvessem Simon, e imaginaria sua bebê correndo feliz pelos campos do paraíso. Sim, se ela se concentrasse nisso, tudo ficaria bem.



John precisava falar com ela. Já sabia de tudo que havia acontecido, e precisava tomar uma atitude, precisava conversar com Nicole, ver se ela precisava de algo. Inferno, ele ainda a amava com todo seu coração. Já fazia mais de duas semanas desde que o irmão foi embora, e ele pensava que talvez agora fosse o momento de tomar uma atitude.

Sabia que ela estava passando seu tempo na biblioteca, então, foi até lá, a procurando. A encontrou em uma poltrona, com um livro em mãos e um olhar triste para as páginas. Pigarreou, chamando a sua atenção.

— John. — Ela parecia surpresa, e ele notou que o sorriso dela não foi verdadeiro. Ainda estava triste, era fácil de notar.

— Surpresa em me ver? — Ele se aproximou, se ajoelhando ao lado da poltrona dela e tocando uma de suas mãos. — Eu sinto muito pela sua perda. Foi uma pena as coisas terem acontecido assim.

— Eu... obrigada. — Ela deu um sorrisinho triste, apertando a mão dele.

— Como você está? E pode ser sincera, nada de “eu estou bem” sem estar.

— Eu... não estou nada bem. — Ela suspirou, e parecia querer chorar novamente. — Como você soube?

— Rannolf me contou, depois que eu o pressionei um pouco. Suspeitei que algo estava errado depois que meu irmão foi embora. — Ele se sentou na poltrona ao lado dela.

— Algo estava mais que errado. — Ela suspirou, deixando o livro na mesinha de lado e se virando para ele. — Eu o mandei embora. Foi culpa dele tudo o que aconteceu e tudo o que eu perdi... Não sei se algum dia o perderei.

— Sabia que eu prometi socar o rosto dele se ele te magoasse de novo? — John tentou fazê-la rir. Funcionou, ao menos, por um instante.

— Isso é algo que eu gostaria de ver. — Ela deu uma risadinha curta, mas que ainda assim era uma risada.

— Posso te levar para York agora mesmo e lhe dar o pacote completo de

surra em Simon. — Ele sorriu, balançando a cabeça.

— Por mim, está ótimo. — Ela deu uma risadinha. — Sei que é tolice minha, mas... às vezes me pergunto se ele também sente minha falta.

— Seria um tolo se não sentisse. — John deu um sorriso triste.

— Sei que é maldade falar disso com você, mas não tem mais ninguém que tenha visto minha história inteira com ele, ninguém que entenda o que é para mim agora não mais o ter em minha vida.

— Eu entendo, realmente entendo. Sempre tive inveja da ligação entre vocês, da conexão que pareciam compartilhar. Sempre quis que fosse comigo.

— John...

— Não, tudo bem. Eu entendo que você o conheceu primeiro, e que eu nunca fui tão divertido ou tão sedutor quanto ele. Mas, Nicole, eu posso lhe dar o que ele não quis. Eu...

— John, eu sei o que vai dizer e... — ela o interrompeu. Não estava preparada para aquilo, para ouvir um eu te amo do Longmore errado.

— Me deixe terminar — ele pediu, e o olhar dele era tão profundo que ela deixou. — Eu ainda quero me casar com você, Nicole. E não é por pena ou por obrigação, mas porque eu a amo. — Ele deu um sorriso amplo, balançando a cabeça. — E você já sabe disso, pois você sempre foi a garota mais inteligente que eu já conheci, e esse é um dos motivos que eu tenho para te amar. E eu sei que não sou o Longmore que você queria, mas posso ser suficiente. Case-se comigo, Nicole? Dê uma chance à felicidade.



Simon estava começando a achar que ficaria dependente do álcool, se considerasse o quanto bebia desde que a perdeu. Garrafas e mais garrafas de uísque estavam espalhadas pelo chão de seu escritório, com uma ou duas de Moonshine americano que o irmão havia trazido. Conhecido como uísque branco, o Moonshine era feito do milho e extremamente forte. Ao menos, se embriagando, não doía tanto pensar nela e em sua filha.

Ele imaginava se ela também estava sofrendo ainda. Não sabia se o corpo dela ainda sofria alguma coisa, se ela ainda estaria sangrando ou se tudo já havia passado. Também não sabia o que foi feito de sua filha, apenas imaginava que tivesse sido enterrada no cemitério de Hampton. Gostaria de visitar seu pequeno túmulo, mas não sabia se aguentaria a dor. Só de imaginar sua pequena que nunca pôde abrir os olhos, a alma dele se partia, mais uma vez.

Simon havia realmente perdido tudo. Parecia uma criança teimosa

repetindo a mesma frase, mas não havia como mentir ou mudar os fatos, ele havia perdido tudo. Só queria superar aquela dor, mas não sabia como.

Quando fechava os olhos, ele estava no que chamava de seu “local seguro”. A varanda, nos braços dela, onde todos os seus erros haviam sido apagados, todas as vezes em que ele a tratou mal haviam sido perdoadas. O sonho dele era que esse local fosse real. Que pudesse voltar aos braços dela e ser perdoado por tudo, que pudesse chorar em seu colo e ser abraçado até que todas as feridas dos dois se fechassem.

Estava tão sentimental que nem parecia o mesmo Simon de sempre, mas ela havia aberto uma porta que agora custava a fechar novamente. E ele a amava com toda a força que tinha, havia demorado demais para perceber isso, mas amava.

Se perguntou tanto quando havia começado a vê-la de forma diferente, tantos talvez, quando na verdade foi desde sempre. No momento em que a viu pela primeira vez, em que a chamou de Nicky pela primeira vez, ele a pertenceu. Não era à toa que não existia Simon sem Nicole, eles eram parte um do outro, eram destinados a se encontrar e a se amar. E ele tinha certeza de que ela o amava também ou, ao menos, de que o amou. Depois de tudo, não a julgaria se o odiasse.

Simon suspirou, tomando mais um gole de seu último Moonshine. Se levantou, cambaleando um pouco, e indo até a cozinha pegar um pouco de água. Precisava ficar sóbrio, nem que fosse um pouco. Precisava pensar com clareza.

Devia ter algo que pudesse fazer, certo? Algo que não fosse ficar parado e encher a cara com toda e qualquer bebida alcoólica que pudesse encontrar. E estava pensando nisso quando ouviu alguém bater em sua porta.

Se perguntando quem poderia ser àquela hora, ele cambaleou até a porta, xingando todos os deuses e infernos. Havia dispensado a criadagem, pois não precisava de ninguém assistindo a sua decadência. Saiu cambaleando até a porta, se surpreendendo ao dar de cara com John quando a abriu.

— Olá, irmãozinho... — murmurou com a voz enrolada.

O irmão o respondeu com um soco em seu rosto.



Capítulo 21

O rosto dele estava doendo, mas, ao menos, o soco havia lhe deixado mais sóbrio. Encarou o irmão, que deu de ombros e entrou em casa.

— Eu lhe avisei o que aconteceria se a magoasse novamente, não avisei? — John disse, simplesmente, passando pelo irmão e indo até a biblioteca, fazendo uma careta ao ver a quantidade absurda de garrafas no chão. — Andou se embebedando?

— Saia daqui, John. Já estou sofrendo o suficiente sem seus comentários irônicos — Simon resmungou, indo até sua poltrona e se sentando, sentindo uma dor de cabeça começar.

— Eu adoraria nunca mais olhar para esse seu rosto miserável, mas infelizmente a felicidade da mulher que eu amo depende de você, e preciso fazer algo quanto a isso.

— John, de que diabos você está falando? — Simon apoiou a cabeça nas mãos, enquanto o irmão revirava os olhos.

— Você está bêbado demais para entender... Mas, resumindo, eu pedi Nicole em casamento. De novo.



Dois dias antes

Nicole não podia acreditar que havia sido pedida em casamento, de novo, por John, e teria que dizer não dessa vez. Ela adoraria se casar com ele, adoraria ser a Senhora John Longmore e futuramente a Condessa de Sandsore — era irônico que esse seria seu título com qualquer um que se casasse —, mas não poderia se casar com alguém que não amava. Não poderia fazer aquilo com ele e nem consigo mesma.

— John, eu... eu não posso.

— E por que não? Nos dê uma chance, Nicole. Dê uma chance a um futuro simples, sem complicações e sem dor — ele suplicou, e partiu seu coração a resposta que daria.

— Porque eu amo seu irmão. Eu amo Simon, e eu sinto muito por isso. Eu adoraria me casar com você, adoraria ser sua esposa e sua Nicole, mas não seria justo fazer isso, enquanto amo outro homem, que é justamente seu irmão. Não seria justo comigo me prender a alguém que não amo dessa forma, que amo mais como a um irmão, e não seria justo com você lhe prender a mim e aos meus

sofrimentos. Será melhor para nós dois se esse casamento nunca acontecer. — Ela abaixou a cabeça, triste. Queria tanto poder esquecer Simon e amar John como ele merecia, mas não sabia como.

— Nicole... Eu apenas quero lhe ver feliz. Me diga o que precisa para ser feliz, que eu faço.

— Eu precisaria da minha filha, mas isso já não é uma possibilidade. Em segundo, eu precisaria de Simon, o que também é impossível, já que eu o perdi quando perdi nosso bebê. Bem, eu o mandei embora, mas não me arrependo. Eu não poderia me casar com alguém que não me ama e só me quer por pena, seria tão ruim quanto se eu me casasse por pena de alguém. Eventualmente, ficaríamos os dois infelizes, então infeliz por infeliz, eu escolho ser infeliz sozinha. — Ela ergueu o olhar para ele, os olhos um pouco marejados.

— Você não será infeliz, Nicole. Você ainda amará alguém que te ame do mesmo jeito, ou então, será feliz sozinha, cercada de sobrinhos que eu sei que Brian e Phill irão lhe dar. Seja como for, você merece toda a felicidade do mundo. — Ele a encarou, segurando uma mão dela entre as suas. — Não me importo que não seja eu a lhe fazer feliz, desde que você o seja. Eu apenas quero lhe ver sorrir novamente, Nicole.



E era verdade. John, acima de tudo nessa vida, só queria vê-la feliz. E foi isso que o fez ir até o irmão e o socar no rosto, descarregando seu ódio nele. Também foi o que o fez cuidar do irmão bêbado, o colocar para dormir e organizar a casa onde cresceu, para evitar que ele bebesse ainda mais quando acordasse. Precisavam ter uma conversa séria, e isso se resolveria naquele dia mesmo.

Era a felicidade de Nicole que estava em jogo, e John não mediria esforços para vê-la feliz. Passava da meia-noite quando o irmão acordou, agora mais sóbrio, com um lado do rosto um pouco inchado. Ótimo, o soco havia sido forte o bastante, então.

— John — Simon o cumprimentou, com a expressão de quem estava com uma ressaca daquelas. John quase riu do pobre coitado.

— Então a bela adormecida resolveu despertar? Bom saber. — John fez um gesto para a outra cadeira na biblioteca, que agora estava sem garrafas espalhadas pelo chão. — Precisamos conversar.

— O que você quer? Só me lembro de você me socando, e algo sobre Nicky... — Simon fez uma expressão de dor ao dizer o nome dela, se afundando

na cadeira e pondo os dedos nas têmporas, deixando claro a dor de cabeça que sentia.

— O soco foi por a ter magoado, como eu havia prometido. E quanto a ela, eu a pedi em casamento. Outra vez — John repetiu, vendo o choque passar pelo rosto de Simon. O irmão parecia... abalado?

— Eu a perdi mesmo, então — ele murmurou para si mesmo. — Parabéns aos dois, espero que a faça feliz. Se não fizer, da próxima vez serei eu a socar seu rosto.

— E quem disse que ela aceitou? — John ergueu uma sobrancelha, suspirando. — Ela disse que não, irmão. E disse que não por sua causa.

— Sinto muito, nesse caso... Não queria ser responsável pelo trauma dela. Deus sabe que eu nunca desejei mal nenhum a Nicole, muito pelo contrário.

— Então, por que não tentou evitar toda a tristeza que causou a ela? — John observou o irmão, tentando entender o que se passava na mente dele.

— Acha mesmo que eu não tentei? John, inferno, eu tentei o máximo que podia. Nunca me desculpei tanto com alguém quanto me desculpei com ela, a cada errinho cometido. Eu não sou assim de propósito, eu não escolhi ser como sou. Não escolhi ter esses altos e baixos, não escolhi não conseguir me controlar. Se dependesse de mim, ela nunca sofreria um dia sequer na vida, você mais do que ninguém sabe o quanto eu odeio quando ela chora e que, desde que éramos crianças, eu tento evitar isso. Não é de propósito que eu sou assim — Simon desabafou, colocando para fora tudo o que estava lhe consumindo há dias. — Eu nunca quis vê-la sofrer. Nunca planejei engravidá-la, magoá-la e, quando tudo parecia bem, perder nossa filha. Lucy, creio que saiba que era esse o nome. E você pode me achar um insensível, pode achar o que for de mim, mas eu amava a minha filha. E amo a mulher que a carregou no ventre.

A força daquelas palavras foi tanta que John ficou sem reação, observando o irmão. Simon não parecia estar mentindo.

— Era isso que queria ouvir? — Simon continuou, quando o irmão ficou em silêncio. — Eu a amo. Amo mais que tudo nesta minha vida miserável, mas só o percebi tarde demais. Só fui capaz de ver o quanto a amava quando a deixei ir, e vou sofrer pelo resto de meus dias com isso. E o pior de tudo? Não é algo recente. Esse amor por ela esteve presente em mim desde sempre, mas nunca percebi. Sempre fui tão acostumado a tê-la ao meu lado, que nunca precisei pensar no que seria minha vida sem ela, e foi só quando a perdi, que a revelação da verdade veio. Inferno, se eu não a tivesse perdido talvez nunca percebesse o quanto ela significa para mim, talvez nunca tivesse me dado conta de que ela é o meu mundo. E agora eu sou uma casca perdida, um homem perdido.

— Simon... Percebe o que está dizendo? — John encarou o irmão,

balançando a cabeça. Seu peito ardia, sabendo que o destino de Nicole agora sim havia sido selado para sempre, e que nunca seria com ele. Se Simon a amava, isso mudava tudo. Isso fazia tudo ser diferente, mais profundo.

— Estou dizendo a verdade, a desgraça em que transformei minha vida. — Ele abaixou a cabeça entre as mãos, a voz um tanto embargada. — Se eu ainda tivesse uma chance, uma miséria chance com ela, eu não a perderia.

— Você tem. — John precisava falar a verdade. — Simon, ela o ama na mesma intensidade. Vá até ela e diga tudo o que acabou de me dizer, e você a terá de volta. Estou assinando minha própria ruína com isso, mas eu a amo o bastante para deixá-la ir, se isso for fazê-la feliz. E você parece amá-la da mesma forma.

— Eu a amo mais. Sei que pode parecer que não, mas você conseguiria sobreviver sem ela. Eu não duraria mais que alguns meses, viu meu estado ontem. — Simon levantou a cabeça. — Acha mesmo que ela me aceitaria de volta?

— Tenho certeza que sim.

— Então, irei falar com ela. — Simon se levantou, estendendo uma mão. — Obrigado, irmão. Obrigado por me avisar, por me mostrar que tenho uma chance.

— Não precisa agradecer. — John apertou o antebraço do irmão. — Eu o fiz por ela.



Já fazia uma semana desde que John havia ido embora, e Nicole aos poucos começava a se sentir “melhor”. Não consideraria uma grande melhora, mas, ao menos, não estava mais chorando o tempo todo, e não se deitava mais no túmulo de sua filha, ainda que o visitasse com flores todos os dias de manhã.

Ela agora estava sentada no assento da janela de seu quarto, com os vidros e cortinas abertos, sentindo o vento bater em seu rosto. Estava com os cabelos soltos, sem se importar em prendê-los, já que não sairia de dentro da casa naquele dia, e que a maioria dos hóspedes já havia ido embora. A temporada de campo estava chegando ao fim.

Estava revirando as páginas de um livro qualquer quando ouviu alguém chamar seu nome. Achou estar ficando louca, mas então ouviu de novo. Quando olhou pela janela, seu mundo caiu. Era Simon.

— Nicole! Eu preciso que me escute, e preciso que o mundo inteiro saiba disso. Você é minha vida, minha Nicky! — Ele estava bêbado? Só podia estar

louco. — Eu vim correndo, quase sem parar de York para cá, pois, eu precisava falar com você, e precisava que fosse algo grandioso. Só dizer a você não seria o bastante, eu precisava gritar para o mundo inteiro ouvir, precisava que todos soubessem que eu amo você. Me ouviu bem? Eu amo você — ele estava gritando, e estava se formando um pequeno público em volta dele. Ela não podia acreditar. — Eu, Simon Arthur Longmore, amo você. Amei desde sempre, mas fui estúpido demais para perceber antes. Eu te amei quando a nos conhecemos, te amei quando passamos por tudo o que passamos, mas só percebi quando te perdi. E eu quero você, Nicole. Eu amo tanto você. Eu quero ser seu marido, seu tudo, assim como você é minha única e última razão de viver. Eu quero você por ser você, Nicole. Não por um escândalo ou por um erro, mas por quem você é, minha vida. Eu quero você pela sua risada única das minhas piadas impróprias, e eu quero você por me entender tão bem. Eu quero você por ser minha, por ser eternamente minha, e eu quero você por ser tudo o que eu sempre quis minha vida inteira. Ninguém nunca me viu como você viu, me entendeu como você entendeu, ou me amou como você amou. Ninguém neste mundo chega aos pés da mulher que você é, da deusa que se tornou na minha vida. Eu amo você, Nicole, simplesmente por amar você. Eu quero que saiba que pode dormir tranquila todas as noites sabendo que eu estarei te protegendo, e eu nunca pararei de tentar, nunca pararei de perder o fôlego sempre que olhar para mim, nunca pararei de segurar sua mão e de te escolher, eu nunca me cansarei de você. — Ele já estava sem fôlego, gritando a plenos pulmões. — Eu te amo, Nicole. Case-se comigo, porque eu te amo.

E, então, ela correu, se afastando da janela.



Ele achava que o coração iria explodir do peito quando ela desapareceu da janela. Não sabia se seu gesto havia sido bom o bastante, mas fez o melhor que pôde. Fez tudo o que estava ao seu alcance, mas o fato de ela desaparecer sem dar respostas não era um bom sinal. Provavelmente, estava indo chamar o pai e os irmãos para lhe darem uma surra, que ele muito bem merecia.

A pequena multidão que se formou em volta dele estava cochichando sobre o que aconteceria, e foi então que ele ouviu os passos na grama, e uma bagunça loira se jogou em seus braços, o derrubando no chão com um beijo. Ele sorriu nos lábios dela, surpreso.

— Eu também amo você. Amo agora e vou amar para sempre — ela sussurrou, cobrindo-o de beijos, pouco se importando com as poucas senhoras

indignadas que observavam os dois.

Quando se beijaram de novo, foi o melhor beijo que já trocaram na vida. Não tinha gosto de descoberta, dor, pressa ou urgência, não tinha gosto de adeus nem de desculpas. Tinha gosto de recomeço, gosto de início. Enquanto a boca dele deslizava sobre a dela numa calma excruciante, todos os demônios que ambos carregavam eram dizimados pela força do amor que sentiam. Ele estava, de fato, em seu “lugar seguro” nos braços dela, onde todos os seus erros e faltas haviam sido perdoados pelo imenso e maravilhoso coração dela.

Quando se afastaram, ambos sorrindo, ambos chorando de emoção, ouviram uma velha senhora reclamar da indecência. E, ao se olharem, fizeram a única coisa que podiam fazer.

Eles riram.



Epílogo

Três meses depois

Nicole havia passado a odiar as cólicas de suas regras. Depois de tudo o que aconteceu, as cólicas doíam em sua alma mais que em seu corpo. Para sua sorte, desde que se casaram, fugindo para a Escócia dois dias depois da declaração dele, Simon estava sempre ao seu lado quando ela não estava bem. Agora, ela estava encolhida na cama, as cólicas tão fortes que a faziam chorar, e ele estava ao seu lado, com uma mão em suas costas e a outra em seu cabelo.

— *Shh*, vai passar — ele sussurrou, beijando a testa dela. As mudanças de humor dele não havia passado, mas desde que se casaram, ele estava sendo mais cuidadoso com seus surtos, e se desculpava com uma rapidez muito maior sempre que dizia alguma besteira, e lhe trazia presentes. Ele havia pedido para que os criados fizessem chocolate quente para ela, e não saiu do lado dela o dia inteiro.

— Eu amo você, sabia? — ela sussurrou, se encolhendo na cama para o lado dele, sendo abraçada e se sentindo segura em seus braços. — Obrigada por ficar ao meu lado.

— Sempre. — Ele beijou a testa dela novamente, a aconchegando nos braços. Nesses três meses era sempre doloroso quando as regras dela desciam, era mais um lembrete de que mais um mês se passava e ela não estava grávida. E para alguém que engravidou com tanta facilidade antes, a demora os assustava.

O medo de que ela não engravidasse novamente era algo sempre presente, mas ele se mantinha positivo. Sabia que conseguiriam novamente, e adoravam tentar.

E, independente do que acontecesse, eles sempre teriam um ao outro. E estariam juntos.



Janeiro, 1846

Jasper estava em sua primeira temporada oficial e Simon não podia estar mais orgulhoso do filho mais velho. A menina, Thalia, estava estreando também, aos dezoito anos. Havia deixado os outros em casa, com os avós.

No total, tinham oito filhos até o momento. Jasper, Thalia, Daniel, as gêmeas Anna e Ailee, Arthur, a pequena Marie e o bebê Nicholas, que mal havia completado um ano. Nicole estava grávida mais uma vez, e a julgar pelo

tamanho da barriga, ele não se surpreenderia se fosse mais um par de gêmeos.

Quando ela teve a primeira gravidez, depois da perda, o medo dele foi enorme. Medo de perderem mais um bebê ou, ainda pior, medo de perdê-la. Fez questão de se controlar durante toda a gestação, de tomar cuidado para não a magoar ou dizer nada estúpido, além de, por garantia, mudar o quarto dela para o andar de baixo e, assim, evitar escadas. Fez de tudo e mais um pouco para garantir que desse tudo certo, e quase matou a parteira que queria obrigá-lo a ficar fora do quarto. No final, deu tudo certo, e seu pequeno herdeiro nasceu. Jasper, como haviam decidido ainda naquela primeira gravidez. Ele era loiro e tinha os olhos claros, no mesmo tom de azul da mãe.

A segunda vez foi assustadora, pois Nicole teve sangramentos duas vezes e o pânico se espalhou por eles. Com sorte, e com a benção de Deus, tudo deu certo no final e Thalia nasceu, um mês antes da data estipulada, mas com saúde e rosada como deveria. Ela tinha os cabelos pretos do pai, mas os olhos continuavam vindo no tom claro de azul de Nicole, e Simon amava isso. Dois anos depois, veio o segundo menino, Daniel, agora com quase dezesseis anos. Foi o primeiro a vir com os olhos azuis mais escuros do pai, e o cabelo num tom escuro de loiro.

As outras gestações foram mais tranquilas, agora que já haviam pegado a prática. As gêmeas, que eram idênticas e muito parecidas com a irmã mais velha, completaram quatorze anos. Arthur, treze, e era a miniatura de Simon naquela idade, mais parecido com ele do que o próprio irmão. Após alguns anos sem engravidar, em 1840 veio a surpresa e Marie nasceu, sua anjinha de seis anos de idade. Por último, veio Nicholas, que nasceu em dezembro de 1844.

Simon não podia ser mais grato por sua imensidão de filhos, e às vezes se odiava por pensar que um dia não quis ter nenhum. Seu casamento com Nicole era a coisa mais preciosa que tinha em sua vida, e abriria mão de tudo por ela. Sua vida mudou drasticamente desde o momento em que a conheceu, tantos anos antes, quando era apenas um garoto, e era grato por isso.

Agora, enquanto a observava caminhar pelo baile do qual era anfitriã, não conseguia parar de pensar em como ela era uma mulher magnífica. Sorriu, se aproximando dela e estendendo uma mão.

— Me daria a honra desta dança, minha lady?

— Sempre, meu lorde. — Ela sorriu, piscando um olho como ainda fazia sempre que agiam de modo muito formal e deixando que ele a segurasse nos braços.

Dançaram mais devagar que os outros casais, devido à condição dela, mas dançaram mesmo assim, ainda mostrando ao mundo todo o amor que sentiam um pelo outro. E quando ela sorria ou o provocava, pisando em seu pé, seu

mundo parecia mudar de foco e ela se tornava a gravidade. Era a coisa mais preciosa que tinha.

Do outro lado da pista, John dançava com a esposa. Ele e Mary Ann formavam um lindo par, e ela havia curado toda e qualquer ferida no coração dele. Simon se alegrava em ver o irmão feliz.

Rodopiou Nicole, mais uma vez, a puxando para perto e a beijando no rosto, sem se incomodar com todos os olhos ali presentes. Toda a sociedade já estava acostumada com as demonstrações impróprias de afeto dos dois, a começar pelo escandaloso pedido de casamento. E, em todo o caso, a opinião de ninguém importava, além dos dois.

Estariam sempre juntos. E, depois de tantos anos, ainda continuavam achando que alguns erros eram divertidos demais para só se cometer uma vez.